

DUAS NOVELAS DE LU XUN

DIÁRIO DUM LOUCO

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE A Q



Introdução, tradução, textos em chinês e notas

de

José André Lôpez González (André da Ponte)

Capa: Foto de Lu Xun em 1930, em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/%E9%B2%81%E8%BF%85#/media/File:LuXun1930.jpg>
Autor desconhecido / domínio público.

Contracapa: Lu Xun discursando para as massas em Pequim em 1929, em:
https://commons.wikimedia.org/w/index.php?title=Special:Search&limit=20&offset=60&profile=default&search=%E9%B2%81%E8%BF%85&advancedSearch-current={}&ns0=1&ns6=1&ns12=1&ns14=1&ns100=1&ns106=1#/media/File:1966-10_1929%E5%B9%B4%E9%B2%81%E8%BF%85%E5%9C%A8%E5%8C%97%E4%BA%AC.jpg

Autor: 人民画报 (fotos do povo),
domínio público



Estátua em honra de Lu Xun e sua esposa Xu Guangping, em frente à Biblioteca de Guangzhou (Cantão), em: https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Lu_Xun#/media/File:LuXun1.JPG

w: zh: Usuário: Gz davidwong / CC BY-SA (<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.5>).

INTRODUÇÃO DO TRADUTOR

[Lu Xun](#) (em chinês tradicional: 魯迅, em chinês simplificado: 鲁迅, *pem* inyin¹: Lǚ Xùn, transliterado no sistema de paládio² como: [Lu Xun](#), leitura dialetal do nome: Xin) cujo nome verdadeiro era Zhou Shuzhen (chinês tradicional 周樹人, chinês simplificado 周树人, em pinyin, sistema de romanização do chinês mandarim, Zhōu Shùrén), foi um escritor chinês que teve grande influência no desenvolvimento da literatura e do pensamento social e político na China na primeira metade do século XX e é considerado o fundador da literatura chinesa moderna. As suas obras mais famosas são: "Notas dum louco" (狂人日记) e "A verdadeira história de A Q" (阿Q正传), que apresentamos nesta edição em formato bilingue, galego-português – chinês. Foi descendente da 32ª geração do fundador do neoconfucionismo, Zhou Dunyi (chinês tradicional: 周敦頤, pinyin: Zhōu Dūnyí) que nasceu no condado de Yingdao, província de Daozhou (agora condado de Daoxian, distrito da cidade de Yongzhou, província de Hunan) em 1017 e morreu em Lushan (atual província de Jiangxi) em 14 de julho (segundo outras fontes em 7 de junho de 1073), filósofo e escritor chinês durante a [Dinastia Song](#).

Quem viria a ser um dos maiores escritores, não apenas chineses mas, propriamente falando, uma das mais ilustres penas universais, nasceu no condado de Kuaiji, província de Zhejiang, em 25 de setembro de 1881. O seu nome de nascimento era Zhou Zhangshou, depois alterado para Zhou Youcai, e finalmente começou a ser chamado de Zhou Shuren (樹人).

Vamos dizer algo sobre a onomástica chinesa, antes de continuar com o nosso breve relato sobre a vida do autor.

Na China, o *zi* (字) ou *tseu*, ou *biaozi* (表字), nome de cortesia, era um pseudônimo escolhido ou recebido pelos chineses, principalmente homens — mas ocasionalmente também mulheres quando se casavam — quando completaram dezanove anos e que servia na sua vida social. Essa tradição milenar caiu mais ou menos em desuso (com notáveis exceções) desde o [Movimento de 4 de Maio](#) e hoje poucos chineses usam *zi*. O *zi* também foi usado entre estudiosos em países onde a influência da cultura chinesa era importante, como Coreia, Japão ou Vietname.

O "nome oficial" (chinês: 姓名; hanyu pinyin: xìngmíng), dado no nascimento, é o mais comumente usado e o mais estável. Consiste no sobrenome (chinês: 姓; hanyu pinyin: xìng), herdado do pai, e um primeiro nome (chinês: 名; hanyu pinyin: míng ou chinês: 名字; hanyu pinyin: míngzì). Na China, entre a população Han (a grande maioria da população chinesa), o sobrenome é normalmente composto dum sinograma³, o primeiro nome de dous sinogramas, às vezes de apenas um. O uso de apelidos (chinês: 小名; hanyu pinyin: xiǎomíng) teve, e ainda tem, na China e no Leste Asiático uma importância maior do que o uso de sobrenome dentre as línguas indo-europeias. O "pequeno apelido" informal (chinês: 小名; hanyu pinyin: xiǎomíng) é dado a um recém-nascido, geralmente é uma duplicação dum dos dous caracteres do nome oficial (por exemplo, 德明 → 明明 míngmíng), é utilizado pelo núcleo familiar. O "apelido de colegial" (chinês tradicional: 學名; chinês simplificado: 学名; pinyin: xuémíng) é o nome que o colegial usa para assistir às aulas na escola. É um nome semiformal, muitas vezes relacionado com a erudição e a cultura livresca (por exemplo, 文 wén: signo chinês para cultura) e usado durante os primeiros anos escolares, para relações formais com o(s) professor(es) e outros alunos. O informal "apelido caricatural" (chinês tradicional: 綽號; chinês simplificado: 绰号; pinyin: chuòhào) é geralmente um derivado do primeiro nome, um apelido caricatural bonito ou algum tanto escarnekedor que pode ser dado por quem está no ambiente familiar para uma criança, colegas de classe para um deles ou um grupo de amigos para um deles. Este pequeno nome é na maioria das vezes uma bela caricatura baseada num traço físico ou de caráter da pessoa ou um jogo de palavras com o nome de nascimento (exemplo Min'yu tornando-se Xiao'yu, que significa "peixinho"), completado por um diminutivo ā (阿) ou xiǎo (小 → [小+característica]). Esses apelidos obviamente não são usados em relacionamentos formais. O "pseudônimo" (chinês tradicional: 號; chinês simplificado: 号; pinyin: hào) era escolhido por jovens de boa educação para suas atividades intelectuais. Geralmente composto por três ou quatro caracteres, o pseudônimo é na maioria das vezes poético e misterioso, por exemplo, o Hào (pseudônimo) de [Mao Zedong](#) já foi: 二十八畫生, isto é, o homem com 28 riscas de pincel, desde que seu nome completo é escrito em 28 traços. Ainda existem outros, mas

¹ método de transliteração (romanização) atualmente mais utilizado para o padrão mandarim.

² Chama-se de sistema paládio polo Arquimandrita Pallady (nome verdadeiro Pyotr Ivanovich Kafarov, em russo *Пётр Иванович Кафаров*; 16 de Setembro de 1817, Starosheshminsk, província de Kazan – 6 de Dezembro de 1878, Marselha), clérigo da Igreja Ortodoxa Russa que em 2 de agosto de 1839 foi tonsurado como monge sob o nome de Pallady. Membro da 12ª (1840–1849) e chefe da 13ª (1849–1859) e 15ª (1865–1878) Missões Ortodoxas Russas em Pequim. Um dos fundadores da sinologia académica russa. Criador do dicionário sino-russo, que popularizou o sistema de transcrição cirílica da língua chinesa, sistema de transcrição oficial do chinês na Rússia hoje.

³ A escrita chinesa [chinês tradicional: 漢字, chinês simplificado: 汉字, pinyin: hànzi, sistema palladium: hanzi) é um sistema ideográfico que se originou na China (Os traços da cultura Jiahu (贾湖) são os pictogramas mais antigos descobertos, datando de 9000-7000 a. C.) Difere do sistema alfabético porque cada caractere recebe algum significado (não apenas fonético). O número de caracteres são entre 50 e 60 mil.

bem menos utilizadas no dia a dia como: O "nome póstumo" (chinês tradicional: 諡號; chinês simplificado: 谥号; pinyin: shìhào), nome honorífico completo dum personagem ilustre (Imperador, Rei, Presidente), também faz uma homenagem póstuma, laudatória ou ácida, dos feitos do soberano que acaba de falecer, mas de forma mais completa e solene; “número de templo” (chinês tradicional: 廟號; chinês simplificado: 庙号; pinyin: miàohào) são usados a posteriori para nomear períodos históricos chineses, coreanos (período Goryeo e Joseon) e vietnamitas (dinastias Ly, Tran e Le). O número de templo é um nome póstumo curto, em dous sinogramas, concedido a um monarca. O nome de templo é como uma divisa de balanço – laudatória ou azeda – dum soberano que acaba de falecer. É o “nome do período” (chinês tradicional: 年號; chinês simplificado: 年号; pinyin: niánhào), que designa um conjunto de anos unidos por uma mesma vontade imperial ou real, por exemplo, a Era Meiji: 明治; pinyin: Mejiji. Por último, um esclarecimento sobre a ordem dos nomes na China: Um nome chinês é escrito começando com o sobrenome seguido pelo primeiro nome, então "João Pinheiro" tornar-se-ia em chinês "Pinheiro João". Os chineses costumam chamar-se pelo nome completo e não apenas pelo primeiro nome (principalmente se o nome for formado por apenas dous caracteres). Sobrenomes nunca são usados sozinhos sem qualquer forma de polidez, cortesia e delicadeza.

Voltando às aventuras vitais de nosso escritor.

A família Zhou foi altamente educada, seu avô paterno Zhou Fuqing (周福清) ocupou um cargo na Academia Hanlin (chinês simplificado: 翰林院, pinyin: Hànlín Yuàn, Academia Imperial, literalmente: "Floresta de Pincéis") organismo cuja existência transcorreu ininterruptamente entre os anos de 738 e 1911 e instituição na China imperial que impendia ao mesmo tempo como chancelaria (os seus membros eram frequentemente conselheiros do imperador), comissão de literatura e censura, supervisão ideológica, escola superior de administração, cartório, biblioteca, etc. Entre as tarefas mais importantes dos estudiosos estava a interpretação oficial dos escritos confucianos clássicos, com base nos quais eram avaliadas as redações de exames de candidatos a altos cargos governamentais. Em 1893 (19º ano de Guangxu), Zhou Fuqing subornou Yin Ruzhang, o examinador-chefe do Exame Provincial de Zhejiang, para solicitar a admissão de seu filho Zhou Boyi. Yin Ruzhang denunciou-o, foi demitido do seu cargo e enviado para a prisão e, por derradeiro, condenado a decapitação polo delito de fraude no exame imperial. A fim de manter Zhou Fuqing vivo, a família Zhou gastou uma grande quantia de dinheiro todos os anos para impedir a execução. Não foi até depois da intervenção da Aliança das Oito Nações: Áustria-Hungria, França, Império Alemão, Itália, Japão, Rússia, Reino Unido e Estados Unidos da América que iniciou a [Revolta dos Boxers](#) na China do [Dinastia Qing](#) em 1900, que Zhou Fuqing foi perdoado. No entanto, devido ao gasto desses oito anos, a fortuna da família Zhou diminuiu. Ao mesmo tempo, seu pai Zhou Boyi ficou gravemente doente e morreu em 1896. As mudanças na família tiveram um impacto profundo em [Lu Xun](#). Zhou Shuren foi criado polo servo-chefe da família, Ah Chang (阿昌), a quem Lu Xun chamou de Chang Ma (常馬). O irmão mais novo de Lu Xun era Zhou Zuoren (chinês: 周作人; pinyin: Zhōu Zuòrén; Wade–Giles: Chou Tso-jen) (Shaoxing, 16 de janeiro de 1885 – Pequim, 6 de maio de 1967), também escritor e tradutor. Um dos livros infantis favoritos de Lu Xun era "O Livro das Montanhas e Mares" ou "Catálogo de Montanhas e Mares", um antigo tratado chinês que descreve a geografia real e mítica da China e as terras vizinhas e as criaturas que vivem lá. A autoria é atribuída tradicionalmente ao imperador Yu (禹), fundador mitológico da dinastia Xia (夏) dentre os séculos XVII a XV a. C. ou Bo Yi (伯益), um dos seus ministros, ou é dito ser dos ding (鼎) caldeirões que Yu, o Grande, ergueu nas províncias da China. Estudiosos modernos acreditam que o livro foi compendiado durante os últimos períodos dos [Reinos Combatentes](#) (戰國) (V século - 221 a. C) e Han (漢) (206 a. C-220 d. C) e é o produto dum longo período de compilação. O historiador [Sima Qian](#) (em chinês tradicional: 子長; em chinês simplificado: 子长) (Xiayang em Zuopingyi, 145 aC — ?, 90 ou 85 aC), pai da historiografia chinesa, menciona o “Shanhai jing” (山海經) no capítulo 123 das suas "Notas Históricas" (chinês tradicional: 史記; chinês simplificado: 史记; pinyin: Shǐjì), escrita de 109 a. C. a 91 a. C.

De 1898 a 1899, Lu Xun estudou na Academia Naval de Jiangnan (江南水師學堂), depois foi transferido para a Escola de Mineração e Ferrovias (礦路學堂) na Academia Militar de Jiangnan (江南陸師學堂) onde conheceu pola primeira vez as ciências ocidentais estudando alemão e inglês e lendo ficção estrangeira e literatura científica.

Diante dos olhos de Lu Xun, de dezoito anos, ocorreu o [levante anti-imperialista de Yihetuan](#) (Movimento Yihetuan; em chinês tradicional: 義和團運動, pinyin: Yihetuan yundong), também chamado Rebelião dos Boxers, Revolta dos Boxers, ou Insurreição dos Boxers, brutalmente reprimido em 1900 polas tropas das oito potências.

Sob um programa de bolsas do governo, [Lu Xun](#) foi para o Império do Japão em 1902. Ingressou no Instituto Kobun, uma escola preparatória para estudantes chineses que ingressavam nas universidades no Japão. É lá que está registrado o seu primeiro ensaio escrito em chinês clássico.

Voltou para casa em 1903 e casou, através dum casamento arranjado, com uma garota, Zhu Na – Senhora Lu Xun; em chinês: 朱安 - 鲁迅夫人 (condado de Shaoyin, prefeitura de Shaoxing, província de Zhejiang, 1878 – Pequim, 6 de julho de 1947), sem instrução e de classe humilde, de acordo com a biografia da esposa de Lu Xun "[Eu também sou uma relíquia de Lu Xun](#)". Talvez [Lu Xun](#)

nunca tenha tido um relacionamento conjugal com ela, mas cuidou do seu bem-estar material durante toda a vida.

A tuberculose crônica de seu pai e a morte prematura do genitor em 1896 levaram [Lu Xun](#) a estudar medicina. Evitando a medicina tradicional chinesa que, devido ao grande número de charlatães, não ajudara o pai, decidiu se formar em 1904 em medicina ocidental na [Academia Médica de Sendai](#), Japão, tornando-se o primeiro estudante estrangeiro lá. Desenvolveu um bom relacionamento com o seu professor e mentor, [Fujino Genkuro](#)⁴ [Cidade de Sakai-gun, Prefeitura de Tsuruga, Império do Japão (agora Cidade de Awara, Prefeitura de Fukui, 1 de julho de 1874 – 11 de agosto de 1945, Cidade de Mita, Condado de Sakai, Prefeitura de Fukui, Império do Japão (agora Cidade de Sakai))]; [Lu Xun](#) prestou homenagem a este homem amigo no ensaio "[Senhor Fujino](#)" que hoje faz parte do currículo de literatura do ensino médio na China.

No entanto, em março de 1906, [Lu Xun](#) interrompeu repentinamente os seus estudos e abandonou a universidade. No prefácio da sua famosa coleção "Às Armas" (呐喊, literalmente – "grito de combate"), explica por que deixou a Academia. Um dia, depois da aula, um dos professores japoneses mostrou diapositivos da execução de supostos espíões chineses durante a Guerra Russo-Japonesa de 1904 – 1905. No diapositivo viu um de seus amigos acusado de espionagem sentenciado à morte. Seus amigos chineses vieram ver essa execução não por simpatia, mas como se fosse uma função apresentada a uma audiência para entreter. [Lu Xun](#) ficou terrivelmente chocado e decidiu que era muito mais importante e prioritário tratar as doenças da alma dos seus compatriotas do que as doenças do corpo.

Em 1906 mudou-se para Tóquio, onde ficou sob a influência do filólogo Zhang Taiyan (chinês tradicional: 章炳麟, pinyin: Zhāng Tàiyán; 12 de janeiro de 1869 – 14 de junho de 1936) filósofo, filólogo, educador chinês e um dos líderes do movimento revolucionário. Após a [Revolução Xinhai](#), que derrubou a última [dinastia imperial Qing](#), este escritor mudou para posições conservadoras. Ideólogo do nacionalismo chinês, compilador da primeira etimologia sistemática dos caracteres chineses, dedicou-se à fonologia histórica da língua chinesa e foi o criador da taquigrafia fonética, que formou a base do [Zhuyin](#). Também foi um dos primeiros promotores da sociologia na China.

Junto com seu irmão Zhou Zuoren (周作人, Condado de Huiji, Prefeitura de Shaoxing, Província de Zhejiang, 1 de janeiro de 1885 – Pequim, 16 de maio de 1967) publicou traduções de algumas histórias da Europa Oriental e da Rússia. Passou os três anos seguintes em Tóquio, escrevendo uma série de ensaios em [Wenyan](#) (文言, chinês clássico) sobre a história da ciência, literatura chinesa e europeia, sociedade da China, reformas e religião chinesas assim como traduções de obras literárias de vários países, entre outras, Da Terra à Lua (no original em francês *De la Terre à la Lune*) e Vinte Mil Léguas Submarinas (no original, em francês *Vingt mille lieues sous les mers*) de Júlio Verne (Nantes, 8 de fevereiro de 1828 – Amiens, 24 de março de 1905).

Depois de retornar à China, [Lu Xun](#) começou a lecionar na Escola Secundária Zhejiang, que se tornou a predecessora da famosa Escola de Pós-graduação Hangzhou (浙江省杭州高级中学), depois Escola China Occidental da cidade de Shaoxing, a sua cidade natal, e com a fundação da república logo assumiu o cargo de Ministro da Educação em Pequim. Depois dum tempo, também iniciou a lecionar na Universidade de Pequim e no Colégio Normal Feminino da capital chinesa e começou a escrever de forma mais sistemática.

As primeiras obras de [Lu Xun](#) eram muito tradicionais, escritas em Wenyan (em chinês 文言, pinyin: wényán, em sistema de traslação palladium: wenyan, literalmente: "linguagem literária"), linguagem escrita clássica usada na China principalmente até o início do século XX, realmente até que em 1919, a revolução literária do [Movimento Quatro de Maio](#) (五四運動) acabou com o uso do chinês clássico como a única forma escrita da língua. A diferença entre uma língua de dois mil anos em obras literárias, publicações científicas, documentos oficiais e para correspondência comercial e o chinês moderno (xiandai Hanyu: 現代漢語) é certamente muito grande, apesar da constante mudança da linguagem escrita clássica pela influência da linguagem falada. O termo "Wenyan" é usado em conexão com a linguagem escrita que reproduziu o vocabulário e as características gramaticais dos textos clássicos chineses do período Zhanguo⁵, que significa "País Central" ou "Império Médio". O Wenyan como tal surgiu na [era Tang](#), quando a diferença entre o chinês escrito e o falado se tornou aparente e os autores dos textos começaram a imitar conscientemente a linguagem dos monumentos criados vários séculos antes, uma língua já obsoleta e livresca, cuja gramática era extremamente complexa, por isso incompreensível para pessoas insuficientemente alfabetizadas. Desde 1918, [Lu Xun](#) tornou-se um dos iniciadores do [Movimento da Nova Cultura](#). Começou a escrever as suas produções em Baihua (em chinês tradicional: 白話, em chinês simplificado: 白话, literalmente "língua branca") termo que significa "linguagem coloquial e cotidiana". Num sentido amplo, significa uma variante do chinês que difere da oficial, desta forma esta palavra agora é usada entre os falantes de cantonês e Minnan (chinês simplificado: 閩

⁴ Veja um busto de Fujino Genkuro no salão memorial de Lu Xun: https://es.123rf.com/photo_40600041_statue-of-fujino-genkuro-in-lu-xun-memorial-hall.html

⁵ Leia uma ótima introdução à história chinesa na World History Encyclopedia (Enciclopédia de História Mundial): <https://www.worldhistory.org/trans/es/1-467/antigua-china/>

南语; chinês tradicional: 閩南語; pinyin: Mǐnnányǔ; lit. 'língua do sul de Fujian') pronúncia do mandarim: [mìn.nǎn] ou Banlam, pronúncia do Min do Sul: [bàn.rám], sendo um grupo de línguas siníticas linguisticamente semelhantes e historicamente relacionadas que formam um ramo do chinês Min falado em Fujian, a maior parte de Taiwan (muitos cidadãos são descendentes de colonos de Fujian), leste de Guangdong, Hainan e sul de Zhejiang, onde "Baihua" se opõe ao oficial "Putonghua". Historicamente, Baihua também tem sido usado para se referir à língua falada, distinta do Wenyan clássico, até a linguagem de algumas obras do período chinês médio durante a [dinastia Tang](#) (618 – 907 d. C). Em sentido estrito, a "escrita Baihua" (白話文) é a língua numa série de obras literárias, usada desde a [dinastia Ming](#) (desde o século XIV) e baseada em dialetos do norte da China, notadamente Jianghuai (Nanjing) e depois Pequim, que formou a base do chinês padrão moderno (Guoyu e mais tarde Putonghua). Além do chinês mandarim escrito (官話白話文), há também o cantonês escrito (粵語白話文) e o xangai-Suzhou (吳語白話文). Recentemente, principalmente em Taiwan, está desenvolvendo uma escrita em min do sul (臺語白話文) e hakka (客語白話文), uma nova escrita muito próxima da falada.

Os temas dos romances curtos de [Lu Xun](#) tornam-se incomuns para a época, porque aborda os problemas e a vida das pessoas comuns: camponeses, proletariado, intelectualidade urbana e ridiculariza o tradicionalismo e a obediência servil. Além disso, a sua produção intelectual introduz pequenas formas na literatura chinesa: contos, ensaios, bem como outras técnicas e recursos característicos da literatura europeia.

A derrubada da monarquia em 1911, que agradou o grande escritor, não trouxe alívio ao povo. Os reacionários voltaram ao poder. A decepção de [Lu Xun](#) com a revolução ocorrida logo o mergulhou no desânimo.

Em maio de 1918, Zhou Shuren, com 36 anos, usou o seu pseudônimo [Lu Xun](#) pela primeira vez ao publicar um conto em Baihua, "Notas dum louco" Kuanren zhiji (狂人日記) – um panfleto de combate que soava como uma denúncia contundente de vícios de classe, relações entre clãs e normas éticas feudais da China antiga na revista central do [Movimento Nova Cultura](#), que tinha sido fundada em Xangai por [Chen Duxiu](#) em 15 de setembro de 1915, "[Nova Juventude](#)" (em francês: La Jeunesse). A revista Nova Juventude logo se tornará um órgão do [Partido Comunista da China](#). A publicação de *Notas dum louco* fez dele um dos escritores mais influentes do seu tempo.

A Sua famosa novela, "A Verdadeira História de A Q" (A Q Zhengzhuàn, 阿Q正傳) foi publicada entre 1921 e 1922 e junto com o conto "Notas dum louco" será incluído na coleção "Grito de luta" (吶喊), publicado em 1923.

Os seus escritos foram altamente influentes no estabelecimento do anti-imperialista "[Movimento de 4 de maio](#)" em 1919.

[Lu Xun](#) estava interessado no marxismo e foi editor de várias revistas chinesas de esquerda, como [Nova Juventude](#) (新青年, Xin Qingnian) e [Rebentos](#) (萌芽, Meng Ya). Em 1930 organizou e liderou a "Liga dos Escritores de Esquerda", uma seção da Associação Internacional de Escritores Revolucionários, que reuniu os escritores mais ativos e influentes da China naquele período. Também foi influenciado pelo freudismo e darwinismo. Dos pensadores chineses, valorizou [Lao Tzu](#) e [Mo Tzu](#) e tinha uma atitude negativa em relação ao confucionismo e à filosofia pessimista-relativista de [Chuang Tzu](#). A rejeição do tradicionalismo se manifestou na história de Kong Yiji.

Em 1927 juntou-se a sua aluna Xu Guangping (chinês simplificado: 许广平; chinês tradicional: 許廣平, Guangzhou, 12 de fevereiro de 1898 – Pequim, 3 de março de 1968), seu nome de nascimento era Xu Chongqian (許崇嬭), escritora, política chinesa e ativista social, nascida numa família de oficiais da Grande Qing. O único filho de Lu Xun foi Zhou Haiying (周海嬰) (Xangai, 9 de setembro de 1929 - Hospital de Pequim, distrito de Dongcheng, Pequim, 27 de abril de 2011). Xu Guangping e Lu Xun viverão juntos até a morte do escritor em 1936.

A [Liga dos Escritores de Esquerda](#) (chinês tradicional: 中國左翼作家聯盟, pinyin: Zhōngguó Zuǒyì Zuòjiā Liánméng), ou Liga da Esquerda foi uma organização de escritores chineses de visões marxistas e liberais de esquerda, uma seção da Associação Internacional de Escritores Revolucionários, fundada em 2 de março de 1930 em Xangai por [Lu Xun](#) e [Qu Qiubai](#), poeta, tradutor e um dos líderes do [Partido Comunista da China](#). Incluiu mais de 50 pessoas, incluindo os escritores e estudiosos literários mais ativos e influentes da China daquele período ([Mao Dun](#), Yin Fu, [Guo Moruo](#), [Ding Ling](#), [Tian Han](#), Tian Jian, A Ying, Jiang Guangci, Zhou Libo, Amy Xiao, Zhou Yang, Feng Xuefeng, Sha Ting, Ai Wu, Xia Yan e o filósofo Du Guoxiang entre outros). A [Liga dos Escritores de Esquerda](#) operou numa atmosfera de repressão e terror do regime do [Kuomintang](#). Em 7 de fevereiro de 1931, a Liga perdeu cinco de seus membros: [Hu Yepin](#), Yin Fu, [Zhou Shi](#), Li Weisen e [Feng Keng](#), mais tarde conhecidos como os "Cinco Patriotas Caídos" (左联五烈士) que foram baleados pela polícia de Longhua, estação em Xangai. No mesmo dia, mais dezoito comunistas foram executados ali, incluindo uma mulher grávida. A Liga publicou revistas legais e semilegais (Qianynao, Wenxue Yuebao, Beidou e outras). Destacando o significado político da literatura, anteciparam os principais postulados do futuro discurso de Yangan de [Mao Zedong](#) sobre [questões](#)

[de literatura e arte](#), e também criticaram o conceito de "arte pela arte" da outra associação literária chinesa: a Sociedade de Literatura Lua Crescente. A Liga travou uma luta contra as teorias burguesas da criação artística, propagadas pelo extremamente nacionalista e conservador Movimento Nacional de Literatura da China e, posteriormente, pelos seguidores do "caminho do meio" na arte, a chamada "terceira literatura": Hu Quan e Su Wen. A Liga se dissolveu em 1936 devido à confluência de vários fatores: o fim da AIER em 1935, a morte de [Lu Xun](#) e o desejo de unir autores de diferentes visões políticas diante da crescente ameaça de agressão japonesa. Em 1938, após o início da invasão japonesa, a maioria dos ex-membros da Liga juntou-se à Associação Chinesa de Trabalhadores Literários e Artísticos para Repelir o Inimigo, chefiada por [Lao She](#). A revista Kangzhan Wenyi (Literatura e Arte da Guerra de Resistência) tornou-se a publicação da organização. Em 1945, após o triunfo da Revolução, a organização foi renomeada Associação dos Trabalhadores Literários e Artísticos da China.

Embora [Lu Xun](#) tenha parado de publicar as suas próprias obras no final de 1925, depois de se mudar de Pequim para Xangai em 1927 voltou-se um ativo e devotado da tradução de literatura russa (admirava particularmente Gogol, inspirador de "Diário dum louco", conto homónimo da novela do grande escritor russo e traduziu para o chinês o romance Almas Mortas do escritor de Sorochyntsi), bem como na escrita de ensaios satíricos pequenos, mas mordazes, que se tornaram a sua marca pessoal. Além disso, também ajudou muitos aspirantes a escritores. Deu conselhos à escritora do nordeste chinês [Xiao Hong](#) quem, em 1935, publicou a história "*Sheng si chang*" (O Campo da Vida e da Morte, 生死場) com o seu prefácio.

Vale ressaltar que devido às suas visões de esquerda e o seu fundamental papel na história da ascensão da República Popular da China, [Lu Xun](#) foi proibido de editar em Taiwan até 1980.

Em 1936, os pulmões de [Lu Xun](#) foram gravemente afetados pela tuberculose, acrescentando ainda que também fumava muito. Em março desse ano o seu quadro clínico piorou, com febre e crises de asma. De junho a agosto, a sua condição agravou-se ainda mais. Nos últimos dias da sua vida, num período de melhor saúde, escreveu dois ensaios: "Morte" e "Isto também é a vida". Pouco antes da morte, [Lu Xun](#) recebeu uma oferta de representantes do Comité Nobel para se candidatar ao prémio, mas o escritor com doença terminal na época tinha pouco interesse em galardões internacionais e recusou a delegação dessa proposta. Em 8 de outubro, o médico colocou-o sob anestesia e sua esposa passou os dias seguintes com ele. O escritor faleceu na cidade de Xangai em 19 de outubro às 5h11.

Os restos mortais de [Lu Xun](#) estão no mausoléu do parque que leva o seu nome, em Xangai e o seu túmulo traz uma inscrição caligráfica da mão de [Mao Zedong](#), que era um grande admirador da sua literatura. Também foi muito apreciado por [Ho Chi Minh](#) e [Kim Il Sung](#). O próprio [Lu Xun](#), que simpatizava com as ideias comunistas (em 1935 e 1936 enviou saudações aos comunistas em conexão com o sucesso da [Campanha do Noroeste](#)), não ingressou no [Partido Comunista Chinês](#), mas foi aceito postumamente.

Em 31 de dezembro de 1966, uma série de três selos postais da República Popular da China "Em memória do pioneiro da revolução cultural [Lu Xun](#)" (chinês: 纪念我们的文化革命先驱鲁迅) foi emitida com uma tiragem de 6 milhões de cópias. O primeiro mostra o texto da caracterização de [Lu Xun](#) por [Mao Zedong](#) no texto "[Sobre a Nova Democracia](#)" (chinês simplificado 新民主主义论) de janeiro de 1940. O segundo selo apresenta um retrato de [Lu Xun](#) (1930). O terceiro selo apresenta num autógrafo de [Lu Xun](#) duas linhas frequentemente citadas de seu poema "[Eu rio de mim mesmo](#)" (chinês: 自嘲) 1932: "Carrancudo, olho com frio desprezo para o dedo condenatório do nobre. Mas com a cabeça baixa, estou disposto, como um búfalo, a servir uma criança" (em chinês, 横眉冷对千夫指·俯首甘为孺子牛).

Que estas breves notas sirvam para aproximar a obra dum autor tão longe do nosso mundo ao universo galego-português, do qual o grande escritor japonês Kenzaburō Ōe (大江健三郎 Ōe Kenzaburō, (Uchiko, 31 de janeiro de 1935-Tóquio, 3 de março de 2023) disse que foi "o maior escritor da Ásia do século XX".

Devido ao meu entendimento quase inteiramente nulo de chinês, usei para a tradução os textos em russo da Biblioteca de Literatura Mundial, Vol. 162, Библиотека всемирной литературы, Editorial "Literatura Artística", Moscovo, 1971, Художественная литература, com artigo introdutório por L. Eidlin. Para a tradução comparei esta edição em russo com a espanhola de *Novelas Seleccionadas* de Lu Sin, Edições em Língua Estrangeira, Pequim, 1972, tradução de Luís Enrique Delano.

Os textos em chinês foram apanhados da Wikipédia em chinês.

BIBLIOGRAFIA

Anónimo, *La literatura china traducida en España*, in: <https://dtieao.uab.cat/txicc/lite/autores/Lu-Xun/>

Arquivo Frank Glass, in: <https://www.marxists.org/espanol/lifujen/index.htm>

Arquivo Harold Isaacs, in: <https://www.marxists.org/history/etol/writers/isaacs/index.htm>

Arquivo Mao Tsetung: *Intervenções nos Colóquios de Ien-An Sobre Literatura e Arte*, in: <https://www.marxists.org/portugues/mao/1942/05/23.htm>

BAI Shouyi (redator chefe), Yang Zhao, Fang Linggui, Gong Shuduo, Zhu Zhongyu, *Breve Historia de China. Desde la antigüedad hasta 1919*, Ediciones en lenguas extranjeras, Beijing, 1984.

BIANCO, Lucien, *Los orígenes de la revolución china (1915 – 1945)*, título original: *Les origines de la révolution chinoise (1915 – 1949)*, tradução do francês para espanhol de Roser Lluch, Ediciones Bellaterra 2000, Barcelona, 1999.

BROUÉ, Pierre, *Chen Duxiu and the Fourth International, 1937-1942*, in: <https://www.marxists.org/history/etol/document/china/china04.htm>

CHAOLIN, Zheng, *Chen Duxiu and the Trotskysts*, in: <https://www.marxists.org/history/etol/document/china/zheng.htm>

CH'ÊN, Jerome, *Mao y la Revolución China* (dous volumes), título original: *Mao and the Chinese Revolution*. Versão espanhola: Isidro Molas y Luís Avilés, Ediciones Orbis, Barcelona, 1985.

CHEVRIER, Yves, «*De l'occidentalisme à la solitude : Chen Duxiu et l'invention de la modernité chinoise*», *Études chinoises*, n° 3, pp. 7-34.

DA Chen, *Aspectos de la traducción en chino moderno. Un breve estudio sobre Ba Jin y su traducción de Castelao*, Treball fi de grau, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, Juny de 2015, in: https://ddd.uab.cat/pub/tfg/2015/tfg_13206/Chen_Da_TFG_GEAO_2014-2015.pdf

DAZHAO, Li, in: <http://www.marxists.org/glossary/people/l/i.htm#li-dazhou>

DUBARBIER, Georges, *La China del siglo XX*, título original: *La Chine du XX siècle*. Traductora: Valentina Fernández Vargas, Alianza Editorial, Madrid, 1967.

Эйдлин, Лёв Залманович, Eidil, Lev Salmanovich, (23 de dezembro de 1909 (5 de janeiro de 1910), Chernigov, Império Russo - 28 de outubro de 1985, Moscovo, URSS), Вступительная статья (Artigo introdutório) às obras de Lu Xun em ИЗДАТЕЛЬСТВО «ХУДОЖЕСТВЕННАЯ ЛИТЕРАТУРА», МОСКВА • 1971 (CASA DE PUBLICAÇÃO «LITERATURA ARTÍSTICA», MOSCOVO • 1971), pp. 5-30.

FABRE, Gilhem, «*Lu Xun devant la guerre : la littérature de défense nationale et la question de l'esprit critique*. Communication à la cérémonie du centenaire de Lu Xun organisée par l'Association Française d'Études Chinoises (5 décembre 1981)», *Études chinoises*, n° 2, 1983, pp. 47-54.

GANDINI, Jean-Jacques, *L'anarchisme, face cachée de la révolution chinoise. Une étape décisive dans l'histoire des idées politiques en Chine*, *Perspectives Chinoises*, Année 1993, Vol. 16, pp. 37-41.

GERNET, Jacques, *El mundo chino*, título original: *Le monde chinois*, tradução para o castelhano de Dolors Folch, Editorial Crítica, Barcelona, 1999.

JULLIEN, François, «*Lu Xun écrivain : perspectives de l'année 1925. Symbolisme figuratif et symbolisme dénonciateur*», *Études chinoises*, n° 1, 1982, pp. 55-73.

Как слепой странник из России Василий Ерошенко стал известным поэтом в Японии (Como um cego errante da Rússia, Vasily Eroshenko, se tornou um poeta famoso no Japão), in: Источник: <https://kulturologia.ru/blogs/240818/40220/>

LI Hsi-fan, *Jalons dans la vie d'un grand écrivain – En lisant quatre préfaces de Lou Sin*, Litterature chinoise, Pequim, Vol. 3, 1973, pp. 127-137. LOU Sin, *Essais de...*, Litterature chinoise, Pequim, Vol. 3, 1973, pp. 3-24.

LU XUN | 鲁迅, in Marxists Internet Archive: <http://www.marxists.org/archive/lu-xun/index.htm>

LU Xun (Pseudonyme de Zhou Shuren) 鲁迅, in: <https://maitron.fr/spip.php?article184225>

– *¿Qué es la sátira? -En respuesta a una pregunta de la Sociedad Literaria* (Publicado pola primeira vez na revista Zawen (杂文), nº. 3, setembro de 1935, Lu Xun, Tradução para espanhol de Manuel Pavón Belizón in: Revista China Traducida año I | nº 1 | Granada, primeiro semestre de 2014, disponível em: <http://china-traducida.net/wp-content/uploads/2014/09/RCT-1.pdf>

MARTÍNEZ Ríos, Javier, *Lu Xun y la Liga de escritores de izquierda de China (1930-1936) – 鲁迅中國左翼作家聯盟, 1930-1936 –*, Universidad de Granada, pp. 639–652.

MARTÍNEZ Esquivel, Ricardo, *Jia 家 o Familia de Ba Jin 巴金: una ventana a las tensiones entre la tradición y la modernidad en China*, in Dossier Estudios sobre China desde (Latino) América en conmemoración de los 160 años de la llegada de los chinos a Costa Rica, II Sección: Literatura china, Revista Estudios, (33), San Pedro de Montes de Oca, 2016: https://www.academia.edu/30432234/Jia_%E5%AE%B6_o_Familia_de_Ba_Jin_%E5%B7%B4%E9%87%91_una_ventana_a_las_tensiones_entre_la_tradici%C3%B3n_y_la_modernidad_en_China

MORENO, Julia. *China contemporánea. 1916-1990*, Ediciones Istmo, Madrid, 1992.

PENG Shuzhi 彭述, in: <https://maitron.fr/spip.php?article184385>

PIMPANEAU, J., *Histoire de la littérature chinoise*, E. Picquier, Paris, 1989.

ROUX, Alain, «Note IV - De la rupture avec la tradition lettrée aux incertitudes de l'engagement révolutionnaire : l'itinéraire de Qiubai ou le refus d'être "un intellectuel de trop"», Extrême-Orient, Extrême-Occident, Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) – Laboratoire Centre de recherche sur les civilisations de l'Asie Orientale (CRAO), Paris, année 1984, Vol. 4, pp. 141-157.

SEM, Ma, *Lu Xun, iniciador de la literatura china moderna*; in Colegio de México, México, Estudios Orientales, III:3, 1968, pp. 255-274,

SUN Yu-shih, *Reading Lu Hsun's "Literature of a Revolutionary Period"*, <https://www.marxists.org/archive/lu-xun/guides/literature.htm>

TAI, Yufen, *La influencia literaria y el impacto cultural de las traducciones de Lin Shu (1852-1924) en la China de finales del siglo XIX y principios del XX*, Tesis doctoral presentada na Universidade de Barcelona (em relação com Lu Xun, consultar as páginas74-76), disponível em: <https://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/5262/yt1de1.pdf?sequence=1>

TAPIA, Cristian Enrique, *De la tradición a la revolución China (1842-1930) 中国从传统到革命*, Tesis de Licenciatura, Universidad Nacional de Mar del Plata, Departamento de Historia, Marzo-2014, disponível em: <https://historiaunmdp.files.wordpress.com/2015/09/tapia-de-la-tradicion3b3n-a-la-revolucion3b3n-china-1842-1930.pdf>

VEG, Sebastian, «*Quelle science pour quelle démocratie ? Lu Xun et la littérature de fiction dans le mouvement du 4 mai*», Annales. Histoire. Sciences sociales, Centre national de la recherche scientifique, Paris, 2010, pp. 345-374.

– «*Nouvelles interprétations de Lu Xun*», Perspectives chinoises, 2014/3 – 2014, Centre d'étude français sur la Chine Contemporaine, 法國現代中國研究中心, Hong Kong, pp. 53-61.

XIAOBO, Liu, *Réflexions d'un anti-traditionnaliste* [La révélation new-yorkaise], tradutor para francês de: Frank Muyard, Perspectives Chinoises, Année 1997, Vol. 40, pp. 30-34.

WANG, Céline, «*Duoyu de Hua: "les «Mots de trop» de Qu Qiuba"*», Études chinoises, 漢學研究, Paris, Vol. XXI, nº 1-2, printemps-automne, 2002.

ZHANG, Jingting | 靖亭, *El movimiento de la nueva cultura china desde la perspectiva de la revista Nueva Juventud (1915-1926)*, Cuadernos del CEL, Universidad Nacional de San Martín, Argentina, 2017, Vol. II, Nº 4 Págs. 100-111.

ZHONG, Jonathan, *This Day in History: Death of China's Great Modern Writer Lu Xun*, <https://www.thatsmags.com/china/post/25591/this-day-in-history-the-death-of-lu-xun>

VÍDEOS DE UTILIDADE SOBRE LU XUN:

- Interview with Zhou Lingfei, famous Chinese writer Lu Xun's grandson (in English) <https://youtu.be/Z0-7FpG5xF8>
- [Century Masters] Part 4: 鲁迅 Lu Xun | Chinese Literature | Biographical Documentary (in English) https://youtu.be/TCgJFOu_hWo
- 阿Q 正传 【 A verdadeira história de A Q (1982) 】 1080P | 国语 中字 (em chinês) (A obra-prima de Lu Xun [A Verdadeira História de A Q] estrelada por Yan Shukai em clássicos filmes nostálgicos chineses) <https://youtu.be/3ffGBfQGZvU>
- May Fourth Movement: Remembering Lu Xun's literary works and contributions (in English) <https://news.cgtn.com/news/3d3d514e78677a4d34457a6333566d54/index.html>
- LU XUN, La revolución también es literatura – Manuel Ollé – Programa Lu Xun (em espanhol): <https://youtu.be/LbNtxby3e3o>
- Beginning of the Great Revival (2011) - Legendado PT-BR https://youtu.be/nQ_AAvsBtj0
- Creando una nueva China: El nacimiento del Partido (documentário em espanhol) https://youtu.be/l_UHI21b9xA
- Curso 70 anos da Revolução Chinesa - com Rui Costa Pimenta (CURSO COMPLETO) <https://youtu.be/XN4qrffLZdY>



Assinatura de Lu Xun

新青年

LA JEUNESSE

陳獨秀先生主撰

中華民國元年一月一日創刊

目 要

新青年
齊泰
On Education
孔子平議(下)
藥利主義與人生
決鬥(德國名者小說)
初戀(美國名者小說)
當代二大科學家之思想
時局對於青年之教訓
青年與欲望

刊載目錄

詳細目次

陳獨秀
李大釗
溫源燾
吳自珍
第一編
胡適
陳道
羅鑑芳
王法
陳慶佳

新青年雜誌

第二卷第一號

上海群益書社印

Capa do volume 2, nº 1 da revista La Jeunesse (A Juventude), em

<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:%E6%96%B0%E9%9D%92%E5%B9%B4%E5%B0%81%E9%9D%A2.jpg>

Charlie fong / Domínio público

DIÁRIO DUM LOUCO

COMENTÁRIO DO TRADUTOR

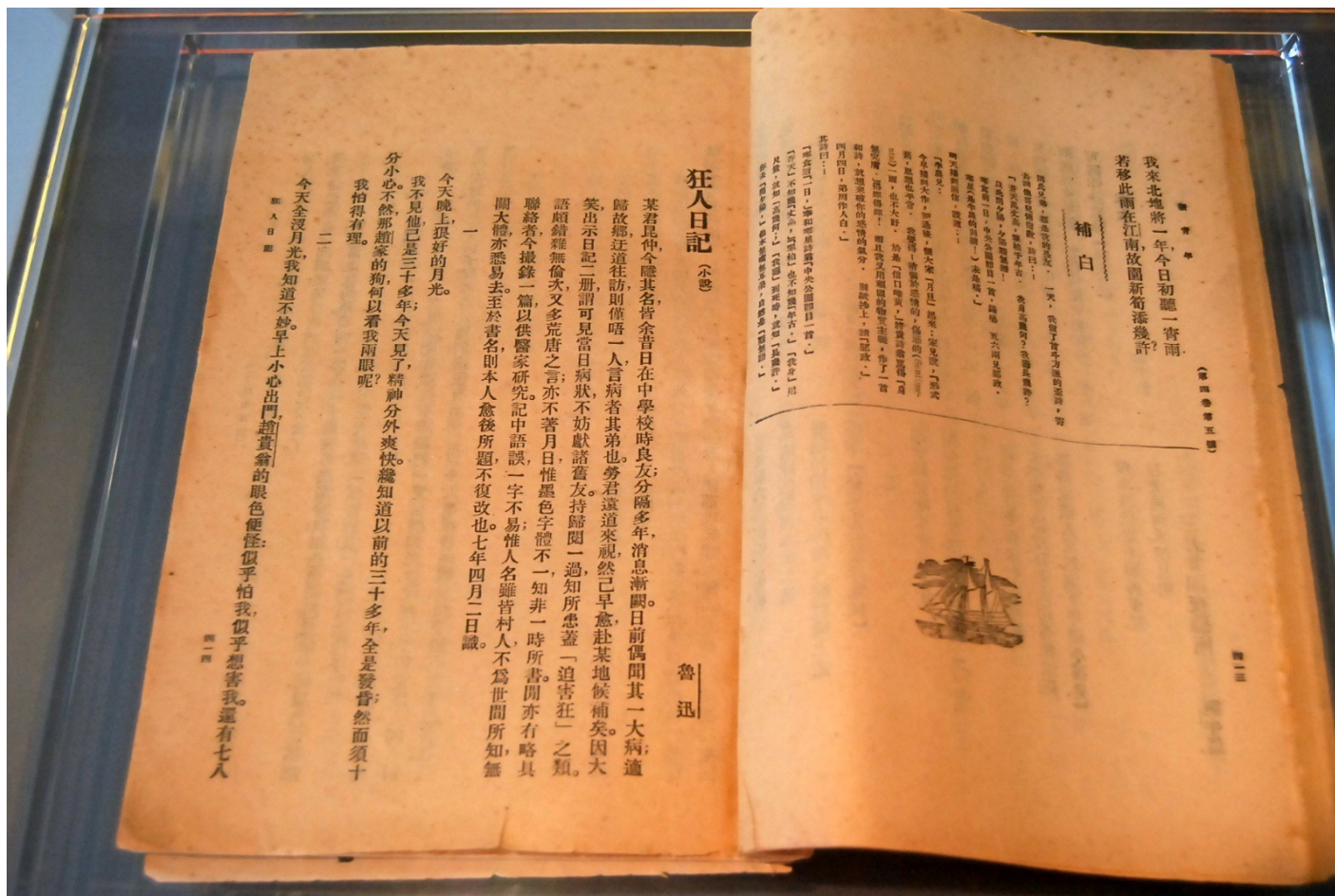
Este conto não é sem razão uma reminiscência das “Notas dum louco” de Nikolai Vasilievich Gogol (em russo: Николай Васильевич Гоголь) [Sorochyntsi, Poltrávia, Império Russo, 20 de março, calendário juliano / 1º de abril de 1809, calendário gregoriano — Moscovo, 21 de julho, juliano/ 4 de março de 1852, gregoriano]. [Lu Xun](#) conhecia bem a literatura russa e falou repetidamente sobre a influência de Gogol na sua obra. As notas chinesas dum louco, onde apenas o nome do protagonista não é revelado são construídas como entradas de diário, da mesma forma que está narrada a história do grande romancista russo. No prefácio, escrito em [Wenyan](#), o narrador relata que recebeu o diário dum conhecido cujo irmão foi declarado louco e selecionou as entradas mais inteligíveis e publicou-as cruas. O resto da história está escrito em [Baihua](#). Na tradução, a diferença entre as duas formas de chinês é imperceptível, mas não para quem lê o texto original.

Um dia, o personagem principal começou a sentir que as pessoas ao seu redor olhavam-no de esguelha. Os adultos olhavam-no com ódio, as crianças e até o cão com malícia. O herói desenvolve uma mania de perseguição. Trancavam-no num quarto escuro, alimentavam-no duas vezes ao dia e às vezes deixavam-no sair para passear. O herói soube que numa aldeia vizinha os habitantes haviam matado um vilão e comido o seu coração e fígado para ganhar coragem. Desde então, o herói sem nome percebeu que os aldeões estavam conspirando e queriam comê-lo. Não surpreendentemente, porque casos de canibalismo foram relatados em textos confucionistas clássicos. O herói tentou convencer os outros, pediu ao próprio irmão que mudasse de ideia e então apercebeu, na verdade, que esse irmão comera sua irmãzinha há muitos anos. A mãe chorou amargamente, provavelmente porque assumiu que seu filho era culpado.

A história termina com um apelo: “Talvez ainda haja meninos que não comeram gente. Salvem as crianças!” Apesar do facto de que o grau de insanidade atinge o pico no final, os leitores do prefácio sabem que o personagem principal “caiu em si” e foi para outra cidade para conseguir um cargo público.

A imagem do louco de [Lu Xun](#) tornou-se uma metáfora e o canibalismo uma alegoria: o herói sem nome foi o único que viu que o patriarcado confuciano desacelerava a sociedade, fazia as pessoas verem-se como inimigas. O humor do escritor reside no facto de que referências ao canibalismo podem ser encontradas em textos antigos e, embora tenham sido usadas alegoricamente, uma leitura literal dessas imagens ajudou o personagem principal a perceber a realidade na sua própria luz.

Um ano após o lançamento de *Notas dum louco*, começou na China o [Movimento de Quatro de Maio](#) contra os remanescentes da era imperial. Um dos principais objetivos do Movimento era a renovação da velha cultura e a busca de novas ideias. A linguagem Baihua começou a ser usado nos jornais, com o tempo foi incluído no currículo escolar e cada vez mais escritores o usaram nas suas obras.



我來北地將一年, 今日初聽一宵雨
若移此雨在江南, 故園新荷添幾許

補白

這是我寫給某君的一封信。昨天, 我讀了曹子方寫的這封, 覺得很有趣, 就寫了這封。這封信, 我已經寫了三天, 寫得頭昏眼花。這封信, 我已經寫了三天, 寫得頭昏眼花。這封信, 我已經寫了三天, 寫得頭昏眼花。

狂人日記 (小悲)

魯迅

某君昆仲, 今隱其名, 昔余昔日在中學校時良友; 分隔多年, 消息漸闕。日前偶聞其一大病; 適歸故鄉, 迂道往訪, 則僅晤一人, 言病者其弟也。勞君遠道來視, 然已早愈, 赴某地候補矣。因大笑, 出示日記二冊, 謂可見當日病狀, 不妨獻諸舊友。持歸閱一過, 知所慮蓋「迫害狂」之類。語頗錯雜無倫次, 又多荒唐之言; 亦不著月日, 惟墨色字體不一, 知非一時所書。間亦有略具聯絡者, 今撮錄一篇, 以供醫家研究。記中語誤, 一字不易; 惟人名雖皆村人, 不為世間所知, 無關大體, 亦悉易去。至於書名, 則本人愈後所題, 不復改也。七年四月二日識。

一
今天晚上, 狠好的月光。
我不見他, 已是三十多年; 今天見了, 精神分外爽快。纔知道以前的三十多年, 全是發昏; 然而須十分小心, 不然那趙家的狗, 何以看我兩眼呢?
我怕得有理。

二
今天全沒月光, 我知道不妙。早上小心出門, 趙貴翁的眼色便怪; 似乎怕我, 似乎想害我。還有七八個人, 圍着我, 要殺我, 快逃罷! ——他們都和我素不相識, 現在都要害我。而且, 他們手裏都有槍, 槍口都對準了我。快逃罷! ——他們都和我素不相識, 現在都要害我。而且, 他們手裏都有槍, 槍口都對準了我。

Diário dum Louco, na revista La Jeunesse (Nova Juventude) Volume 4, Número 5, agora na coleção do Museu Lu Xun de Pequim, em: https://commons.wikimedia.org/wiki/%E9%B2%81%E8%BF%85#/media/File:A_Madman's_Diary_-_Lu_Xun.JPG

Dous irmãos, cujos nomes vou manter em silêncio, foram amigos meus durante o liceu; mas, após uma longa separação, perdi o seu contato. Há algum tempo, soube que um deles adoecera gravemente e, como estava retornando a minha aldeia natal, decidi interromper a minha viagem para pagar-lhes uma visita. Só encontrei na casa o primogénito, que me disse que era seu irmão mais novo quem estivera mal.

— Agradeço-o muito por ter vindo visitá-lo — disse — mas recuperou há pouco tempo, e mudou-se para outra província, onde está num cargo oficial —. Apresentou-me dous cadernos do diário de seu irmão e mostrou-mos rindo. Disse-me que neles era possível ver a natureza da doença que o havia acometido e que não via mal em mostrá-los a um amigo. Apanhei o diário e lendo-o entendi que sofrera de algum tipo de «delírio de perseguição». A escrita era em grande parte incoerente e confusa, incluía relatos estranhos. Além disto, omitira datas e apenas pela cor da tinta e pelas diferenças na caligrafia poderia se distinguir quando os trechos haviam sido escritos. Copiei parte de certas seções não ao todo desconexas para servirem de objeto de trabalhos para pesquisa médica. Não alterei uma palavra sequer deste diário e modifiquei apenas os nomes, mesmo que as pessoas referidas sejam lavradores totalmente desconhecidos do mundo. No que diz do título, conservo intacto o escolhido pelo próprio autor, após a sua recuperação.

2 de abril de 1918

|

Hoje à noite, a lua está muito fermosa.

Há mais de trinta anos que não a via, de modo que me sinto extremamente feliz. Agora entendo porque passei estes trinta últimos anos nas trevas. Contudo, devo ser cuidadoso; de outra maneira, porque o cão da família Chao teria me mirado duas vezes?

Tenho as minhas razões para ter medo.

||

Esta noite não há lua. Sei que isso vai errado.

Esta manhã, quando me arrisquei a sair com precauções, Chao Kui-weng olhou-me com um brilho estranho nos olhos: Poderia se dizer que tinha medo de mim ou que tinha vontade de me matar. Havia sete ou oito pessoas também que falavam de mim em voz baixa, com as cabeças juntas: temiam que eu os visse. Todos os que encontrei hoje eram assim. A mais feroz de todas mostrou os dentes ao se rir enquanto olhava para mim, o que me fez estremecer da cabeça aos pés, porque agora sei que as suas maquinações estão por perto.

Mesmo assim, continuei o meu caminho sem medo. Ante mim havia um grupo de crianças que discutia também sobre a minha pessoa; os seus olhares tinham o mesmo brilho que os de Chao Kui-weng, e os seus rostos tinham a mesma palidez de aço. Perguntei-me que tipo de ódio as crianças poderiam ter contra mim para fazê-las se comportarem desse jeito. Não conseguindo me conter, gritei: "Dizei-me!", mas fugiram.

Refleti. Que razões Chao Kui-weng e os homens na rua têm para me odiar? Vinte anos atrás, pisoteei por engano um velho livro de balancetes do Senhor Ku Chiu¹, que muito o desagradou. Embora Chao Kui-weng não conheça o Senhor Ku, deve ter ouvido falar sobre este assunto e decidiu vingá-lo; é por isso que chegou a um acordo contra mim com os homens na rua. Mas, porque as crianças? Quando aconteceu este incidente, não haviam nem nascido ainda; então, por que olharam para mim com aquele ar estranho que revelava medo ou desejo de matar? Tudo isso me assusta, me intriga e me angustia.

Agora sei! Aprenderam o assunto com seus pais.

|||

Não consigo dormir à noite. Para entender as cousas, deve se refletir sobre elas.

Esses homens foram encadeados pelo magistrado, esbofeteados pelo senhor do lugar, viram suas mulheres apreendidas pelos oficiais do Tribunal de Justiça e seus pais e mães suicidaram-se para fugir dos credores... — mas nunca mostraram rostos tão horríveis, tão ferozes quanto os que vi ontem.

O mais estranho de tudo foi essa mulher que batia no filho no meio da rua, gritando-lhe: «Seu menino nojento! Deveria comer-te alguns pedaços para fazer minha raiva ir embora!» Dizendo isto, olhava para mim. Desassosseguei, incapaz de controlar a minha emoção, entretanto a banda de rostos lívidos e colmilhos afiados explodia em gargalhadas. O velho Chen chegou com pressa e levou-me à força para dentro de casa.

Em casa, os parentes fingiram não reconhecer-me; os seus olhares era semelhantes às das pessoas na rua. Fui até a escrivaninha e trancaram-na, como quando é trancado no galinheiro uma galinha ou um pato. Este incidente é ainda mais inexplicável; realmente não sei o que querem.

Há poucos dias, um dos nossos inquilinos da aldeia dos Lobos, quando véu relatar a seca que prevalecia no campo, disse a meu irmão mais velho que os lavradores mataram um conhecido criminoso do lugar. Depois, alguns homens arrancaram o seu coração e fígado, fritaram e comeram, para criar coragem. Interrompi-nos com uma palavra e meu irmão e o campesinho lançaram-me muitos olhares raros. Hoje entendo que os seus olhares eram absolutamente iguais aos dos homens da rua.

¹ Ku Chiu significa antiguidade. O autor alude à longa história de opressão feudal na China.

Só de pensar nisso estremeço da cabeça aos pés.

Se comem homens, porque não haveriam me comer?

Obviamente essa mulher que «queria comer uns pedaços», o riso do grupo de homens lívidos de colmilhos pontiagudos e a história do inquilino são indicadores secretos. As suas palavras estão envenenadas, os seus risos cortam como espadas e os seus dentes som fileiras dum branco resplandecente; sim, são dentes devoradores de homens.

Não acho que som um mau indivíduo, mas desde que pisei o livro de contas da família Ku, não tenho certeza de nada. Parece que guardam algum segredo que não consigo imaginar. Por outro lado, quando são contra alguém, não têm dificuldade em declará-lo mau. Lembro-me que quando meu irmão me ensinou a discursar, por mais perfeito que fosse o homem de quem tinha de falar, bastava argumentar contra ele para ganhar um «bem»; e quando conseguia eu encontrar desculpas para um homem mau, meu irmão dizia: – Além de originalidade, tens um verdadeiro talento como litigante –. Então, como vou saber o que estão pensando, especialmente no momento em que se propõem a devorar o homem?

Para entender as cousas, deve se refletir sobre elas. Acredito que nos tempos antigos era comum o homem comer homem, mas não tenho certeza sobre esse ponto. Peguei um manual de história para estudar este ponto, mas o livro não continha datas; em vez disso, em cada página, escrita em todos os sentidos, estavam as palavras «Humanitarismo», «Justiça» e «Virtude». Como não conseguia dormir mesmo, comecei a ler com atenção e no meio da noite percebi que havia algo escrito nas entrelinhas: duas palavras enchiam todo o livro: «devorar homens»!

Os tipos impressos do livro, as palavras do nosso inquilino, todos, sorriam friamente, olhando-me de forma estranha.

Também sou um homem e querem devorar-me!

IV

Esta manhã passei um bom tempo sentado tranquilamente. O velho Chen trouxe a minha comida: um prato de legumes e outro de peixe cozido no vapor. Os olhos do peixe eram brancos e duros; a sua boca estava entreaberta, assim como aquela quadrilha de comedores de homens. Depois de dar algumas mordidas naquela carne viscosa, não sabia mais se estava comendo peixe ou carne humana, de sorte que vomitei tudo de enjo.

Disse: – Meu velho Chen, váia dizer ao meu irmão que estou me afogando aqui e que gostaria de dar um passeio no jardim.

O velho Chen foi embora sem responder, mas depois dum tempo retornou e abriu a porta novamente.

Não me movi, perguntando-me o que fariam, porque sabia muito bem que não me iriam libertar. Na verdade, meu irmão aproximava-se com um velho que caminhava devagar. Esse homem tinha uma olhada horrível, mas como tinha medo de que eu notasse, baixava a cabeça para o chão e me espiava por cima dos óculos.

– Estás magnífico – disse meu irmão.

– Sim – respondi.

– Pedi ao Senhor Ho que viesse examinar-te – continuou ele.

Respondi: – Que o faça! – Mas eu sabia muito bem que esse velho não era outro senão o executor disfarçado! A pretexto de tomar-me o pulso queria calcular o meu grau de gordura e com certeza iriam dar-lhe uma cota da minha carne em pagamento por seus serviços. Mesmo assim, não estava com medo; Mesmo que não coma carne humana, acho que sou mais corajoso do que esses canibais. Estendi os dous punhos e esperei polo que viria a seguir. O velho sentou-se, fechou os olhos, bateu o pulso por alguns instantes, ficou por um momento em silêncio e depois, abrindo os olhos diabólicos, disse:

– Não se deixe levar pela imaginação. Alguns dias de tranquilidade e descanso e se recuperará.

Não deixe levar a sua imaginação o controlar! Tranquilidade e descanso! Obviamente, quando eu houver engrossado teriam mais o que comer. Mas o que eu ganharia? Era isso o de iria «me repor»? Esses canibais gostam de comer homens, mas agem sorrateiramente, tentando salvar as aparências, e não ousam actuar diretamente. É morrer de rir! Não conseguindo suportar, comecei a gargalhar, porque isso me divertia imensamente. Eu sei que vibravam na minha risada a coragem e a justiça. O velho e meu irmão empalideceram, esmagados pela coragem e justiça que demonstrava. Mas, precisamente porque sou corajoso, anseiam ainda mais me devorar, para ganharem um pouco da minha coragem. O velho saiu do meu quarto e mal se afastaram um pouco, disse ao meu irmão em voz baixa: – Engoli-lo já –. Meu irmão abaixou a cabeça concordando. Tu também estás nisso! Esta extraordinária descoberta, apesar de imprevista, não me surpreendeu, porém, excessivamente: meu irmão fazia parte do bando de canibais que queria devorar-me!

Meu irmão é um comedor de homens! Sou irmão dum comedor de homens!

Poderei ser comido por homens, mas isso não significa que não seja irmão dum canibal!

V

Nestes dias, voltei às minhas reflexões. Ainda que aquele velho não fosse o executor disfarçado, ainda se fosse realmente um médico, mesmo assim não é menos comedor de homens. No livro sobre as virtudes das ervas, escrito por um de seus predecessores, Li Shi-cheng², não di com todas as suas letras que a carne humana pode ser comida frita? Então, como poderia rejeitar o título de canibal?

Quanto ao meu irmão, também tenho os meus motivos para acusá-lo. Quando estava me ensinando os clássicos, ouvi-lhe dizer com seus próprios lábios: – Trocavam os filhos para comê-los –. Outra vez debatendo sobre um homem muito mau, disse que merecia não apenas ser morto, mas até «ter a sua carne comida e deitar-se sobre a sua pele». Eu era pequeno à época e ao ouvir tal coisa meu coração pulou com grande intensidade, por muito tempo. Quando antontem o inquilino da aldeia dos Lobos lhe contou que o coração e o fígado dum homem foram comidos, meu irmão não demonstrou surpresa, apenas acenou com a cabeça em aprovação. É claro que os seus sentimentos não mudaram. Se é admitido que é possível «trocar seus filhos para comê-los», o que não poderia ser trocado então? E o que não se pode comer? Antes me limitava a ouvir essas explicações sem tentar aprofundá-las, mas agora sei que quando me deu as suas aulas, no canto de seus lábios brilhava a gordura humana e que seu coração estava cheio de sonhos canibais.

VI

Tudo está negro, não sei se é dia ou noite. Mais uma vez, o cão da família Chao começou a ladrar. Têm a ferocidade do leão, a covardia da lebre, a astúcia da raposa...

VII

Conheço as suas manobras: não querem ou ousam matar-me diretamente por medo das consequências; é por isso que dão um jeito em tender-me as suas armadilhas e levar-me ao suicídio. A julgar pela atitude dos homens e mulheres da rua, o outro dia, e do meu irmão nos últimos tempos, as cousas são um pouco mais ou menos certas: querem que tire o cinto, o amarre a uma trave e me enforque. Ninguém os chamará de assassinos e ainda assim os seus desejos secretos serão realizados; isso os encherá de alegria e provocará uma espécie de gargalhada queixosa. Ou, vão me deixar morrer de medo e tristeza, e ainda que este sistema os emagreça, de qualquer jeito a minha morte os satisfará.

Só comem carne morta! Li nalgum lugar que existe uma besta de olhada horrível e aparência pavorosa chamada de «hiena». Esta fera come carne morta e é capaz de triturar os ossos maiores, que engole depois de reduzi-los completamente. Só de pensar nisso é assustador! A hiena é parente do lobo, o lobo é da família dos cães. O facto do cão da família Chao ter me fitado muitas vezes anteontem mostra que conseguiram que concordasse com eles e que fez parte da trama. Em vão esse velho baixava o olhar para o chão, isso não me enganou.

O mais lamentável é meu irmão. Ele também é um homem; Não tem medo, talvez? Porque se juntou àqueles que tentam devorar-me? Quiçá como isso sempre foi feito, acha que não há mal nenhum nisso? Ou faz ouvidos moucos à sua consciência e deliberadamente faz algo que sabe ser errado?

Será o primeiro engolidor de homens a quem amaldiçoarei; também será o primeiro dos homens que tentarei curar do canibalismo.

VIII

No fundo, deveriam saber disso há muito tempo ...

De repente entrou um homem. Tinha cerca de vinte anos e um rosto muito sorridente, cujas feições não consegui distinguir bem. Acenou-me e eu vi que o seu sorriso tinha um ar falso. Interpelei:

– É justo comer homens?

Sempre sorrindo, respondeu:

– Porque comer homens quando não está com fome?

Entendi imediatamente que fazia parte do clã daqueles que amam a carne humana. Isso aumentou a minha coragem e insisti muito:

– É justo?

– Porque fazer essas perguntas! Sinceramente... Você gosta de brincadeiras... está muito bonita a noite!

Estava muito formosa a noite, a lua estava muito brilhante, mas eu lhe perguntei: – É justo? Assumi um ar de desaprovação e ainda respondeu com uma voz não muito clara:

– Não...

– Não? Então, por que os comem?

– Isso não pode ser...

– Não pode ser? Bem, talvez não os comem na aldeia dos Lobos? Além disso, está escrito em todos os livros, é claro como o dia!

Seu rosto mudou de cor, ficando mortalmente pálido. Com os olhos salientes, disse:

– Pode ser que tenha razão, isso sempre foi feito...

– Isso é justo?

– Recuso-me a discutir esse assunto com você. Não deve falar sobre isso, não tem razão em fazê-lo!

Pulei, ambos os olhos arregalados, mas o homem sumira e eu estava completamente encharcado de suor. Este homem é bem mais novo do que meu irmão e já faz parte de seu clã. Provavelmente é devido à educação de seus pais. Talvez tenha já ensinado isso a seu filho. É por isso que até as crianças olham para mim com ódio.

IX

Querem devorar os outros e temem serem comidos eles próprios; É por isso que se entreolham desconfiados...

² (em chinês tradicional, 李時珍; em chinês simplificado, 李时珍; pinyin, Lǐ Shízhēn; Wade-Giles, Li Shih-Chen, 3 de julho de 1518 – 1593), nome de cortesia Dongbi (东璧), além do Bencao Gangmu |本草綱目, (Compêndio da Matéria Médica), obra começada em 1552 e acabada, após dezasseis anos de contínuo trabalho em 1568; esta vasta obra, contendo cerca de mil plantas e mil animais para usos medicinais, foi publicada com belíssimas ilustrações em 1596. Por vez primeira se encontra nesta obra um procedimento de inoculação preventiva da varíola cujos princípios não divergem do que no Ocidente daria origem para a ciência imunológica. Li escreveu outros onze livros, incluindo Binhu Maixue (瀕湖脈學 "Um estudo do pulso") e Qijing Bamai Kao (奇經八脈考 "Um exame dos oito meridianos extras"). Viveu durante a Dinastia Ming e foi influenciado pelas crenças neo-confucionistas da época. Nasceu no que hoje é conhecido como Qizhou, Qichun, Hubei, em 3 de Julho de 1518 e morreu 75 anos depois, em 1593.

Se abandonassem esses pensamentos, sentir-se-iam confortáveis no trabalho, na caminhada, na comida, no sono. Para superar este obstáculo basta dar um passo: mas o pai e o filho, o irmão, o marido e a esposa, o amigo, o professor e o aluno, o inimigo, e até os estranhos, formam um clã, aconselham-se e abraçam-se para que ninguém dê esse passo sem nenhum custo.

X

De manhã cedo fui em procura de meu irmão, que olhava para o céu da porta da sala. Vim por trás, fiquei na soleira da porta e disse-lhe com muita calma e cortesia:

– Irmão, tenho algo para contar-te.

Virou-se rapidamente e acenou com a cabeça.

– Fala.

– São poucas palavras, mas não sei como expressá-las. Irmão, é provável que nos tempos primitivos os selvagens fossem geralmente um tanto canibais. À medida que seus sentimentos evoluíam, alguns pararam de devorar homens, lutaram para progredir e se tornaram homens, homens de verdade. No entanto, ainda existem devoradores de homens... É como entre os insectos; alguns evoluíram, transformaram-se em peixes, pássaros, macacos e, finalmente, homens. Certos insectos não quiseram progredir e até hoje continuam no estado de insectos. Que pena para um canibal, comparado a um homem que não come os seus semelhantes! A sua vergonha deve ser muito pior do que a do insecto defronte dum macaco.

Yi Ya³ cozinhou seu filho para os tiranos Chie e Chou comerem; este facto pertence à história antiga. Quem diria que após a separação do céu e da terra por Pan Ku⁴, os homens têm se devorado uns aos outros desde o filho de Yi Ya, até o tempo de Sù Si-ling⁵ e de Sù Si-ling até o criminoso preso na aldeia dos Lobos o homem comeria o homem? No ano passado, quando criminosos foram executados na cidade, havia um tísico que molhou o pão no sangue deles, para lambê-lo⁶.

Querem comer-me e, a propósito, sozinho não se pode fazer nada contra eles. Mas, porque você se juntar a eles? Comedores de homens são capazes de tudo. Se podem me comer, também poderão comer você. Até membros do mesmo clã se devoram. Mas basta dar um passo, basta querer acabar com esse costume e todos ficarão em paz. Apesar desse estado de coisas ocorrer por sempre, você e eu poderíamos começar hoje a sermos bons e dizer: Isto não é possível. Acho que vai dizer que não é possível, irmão, porque anteontem, quando o nosso inquilino pediu para você baixar o aluguel, respondeu que era impraticável.

A princípio sorria friamente, depois um brilho feroz passou por seus olhos e quando descobri os seus pensamentos secretos, seu rosto ficou lívido. Do lado de fora da porta que dava para a rua estava um verdadeiro grupo; Chao Kui-weng estava ali com seu cão e todos esticavam o pescoço para ter uma visão melhor. Não pude distinguir os rostos dalguns deles, pois se diria que estavam velados; os outros sempre tinham o mesmo tom lívido e aqueles colmilhos afiados e aqueles lábios sorridentes. Entendi que todos eles pertenciam ao mesmo clã, que eram todos comedores de homens. No entanto, também sabia que havia sentimentos muito diferentes. Alguns achavam que o homem deve devorar o homem porque sempre foi feito assim. Outros sabiam que o homem não deve devorar o homem, mas faziam-no assim mesmo, com medo de que seus crimes fossem denunciados; É por isso que, quando me ouviram, ficaram cheios de cólera, mas apenas franziram os lábios num sorriso cínico.

Naquele momento meu irmão assumiu uma aparência terrível e gritou em voz alta:

– Saiam todos! Porque olhar para um louco!

Logo entendi o seu novo ardil. Não apenas se recusavam a se converter, mas estavam preparados com antecedência para estigmatizar-me com o epíteto de louco. Desta forma, no futuro, quando me comessem, não apenas não ficariam chateados, mas ainda ficariam gratos. O inquilino disse-nos que o homem comido pelos lavradores era um homem mau; é exatamente o mesmo sistema. Sempre o mesmo truque!

O velho Chen também entrou, muito irritado; mas quem poderia calar a minha boca? Preciso absolutamente falar com esses homens.

– Converti-vos, converti-vos do fundo do coração! Saibam que no futuro não terão permissão para viver na Terra os comedores de homens! Se não mudardes, todos vós sereis comidos também. Por mais numerosos que sejam vossos filhos, serão exterminados por homens verdadeiros, como os lobos são exterminados por caçadores, como os insectos são exterminados!

³ Cozinheiro famoso na antiguidade chinesa por ter matado seu filho para servi-lo de manjar delicado a um tirano.

⁴ 盘古, deus primordial que, segundo a mitologia chinesa, nasceu dum ovo originário, separou o céu e a terra. Pan Ku foi o primeiro gigante após a abertura do mundo. A forma de seu corpo se expandiu com a expansão do mundo. Após a sua morte, os seus membros se decomuseram e se tornaram tudo no mundo. A lenda de Pan Ku apareceu no final da Dinastia Han Oriental (東漢朝, Dōng Hàn Cháo) que vai desde 25 a. C. até 222 da nossa era e foi amplamente difundida nos Três Reinos, 三國, transliterado *Sānguó*, isto é, Wei (魏) no norte ao longo do Rio Amarelo, Wu (吳) no sudeste e Shu (蜀) a sudoeste da Bacia de Sichuan. Entre os documentos existentes, Pan Ku é mencionado pela primeira vez na "Estela de Wei Dafan Ji" em 222. O erudito e mitólogo Wen Yiduo (24 de novembro de 1899 - 15 de julho de 1946) mostra que literalmente Pan Ku significa nascimento da abóbora (notemos que a etimologia da palavra abóbora é grega: de *πέπων*, transliterado *pepon*, com significação de melão grande), do antigo significado de "Pan", começo, e "Ku" significando abóbora ou cabaça, com o sentido de reprodução da vida.

⁵ 徐锡麟, Revolucionário que, no final da dinastia Ching, assassinou o governador Anjui. Foi cortado em pedaços e o seu coração e o seu fígado oferecidos como oferta queimada ao homem que o matou. Os restos mortais foram enterrados junto com Chen Boping e Ma Zonghan no sopé sul da Montanha Gushan, próximo ao Lago Oeste em Hangzhou, o lugar ficou conhecido como a "Tumba dos Três Mártires".

⁶ Superstição antiga existente entre o povo. Dizia-se que o sangue humano era capaz de curar a tísica; por esse motivo era costume comprar pão molhado com sangue aos executores quando supliciavam um condenado.

O velho Chen espantou todos para fora e então me implorou para voltar para o meu quarto. Meu irmão havia desaparecido, não sei onde. No interior, o quarto estava num breu. As vigas e traves começaram a tremer acima da minha cabeça; depois, após um momento, cresceram e empilharam sobre mim. Pesavam muito, eu não conseguia mover-me. Queriam matar-me, mas eu sabia que esse peso era falso. Lutei então, e me libertei, com o corpo coberto de suor. No entanto, repeti deliberadamente:

Convertam-se imediatamente! Convertam-se do fundo do seu coração! Saibam que no futuro não terão permissão para sobreviver os devoradores de homens!...

XI

O sol não aparece mais, a porta só se abre duas vezes por dia, quando me trazem as minhas comidas diárias.

Enquanto pegava os pauzinhos, pensei novamente em meu irmão mais velho; agora sei que foi ele a causa da morte de minha irmãzinha. Tinha cinco anos e era tão meiga que tocava. Vejo novamente nossa mãe soluçando sem parar e meu irmão consolando-a. Talvez tenha se sentido arrependido porque era ele quem a comera. Se ainda é capaz de experimentar esse sentimento...

Nossa irmã foi comida por meu irmão; Não sei se minha mãe já percebeu isso.

Penso que minha mãe sabia; se no meio das lágrimas não disse nada, provavelmente foi porque achou muito natural. Lembro-me dum dia em que estava respirando um pouco de ar fresco em frente à porta da sala – naquela época teria eu uns quatro ou cinco anos – meu irmão disse-me que um filho deve estar disposto a cortar um pedaço de carne do corpo, cozinhá-la e oferecê-la a seus pais se eles adoecerem, pois é assim que procede um homem honesto. Minha mãe não protestou. Se é possível comer um pedaço de carne humana, obviamente é possível comer um homem inteiro. No entanto, quando penso nos seus soluços daquela época, não poderei deixar de sentir meu coração apertar. Que cousa estranha...

XII

Não consigo mais pensar nisso.

Só hoje dou-me conta de que vivi anos no meio dum povo que há quatro milênios se devora. Nossa irmãzinha morreu no momento em que meu irmão estava assumindo o controle da família. Não teria misturado a sua carne com os nossos alimentos para que a comêssemos sem saber que o estávamos a fazer?

Comi acidentalmente a carne da minha irmã? E agora é a minha vez...

Se tenho uma história que fala de quatro mil anos de canibalismo – no começo eu não apercebia, mas agora sei – como poderia esperar encontrar um homem de verdade!

XIII

Talvez haja crianças que ainda não comeram carne de homem.

Salvem os meninos!

Abril de 1918.

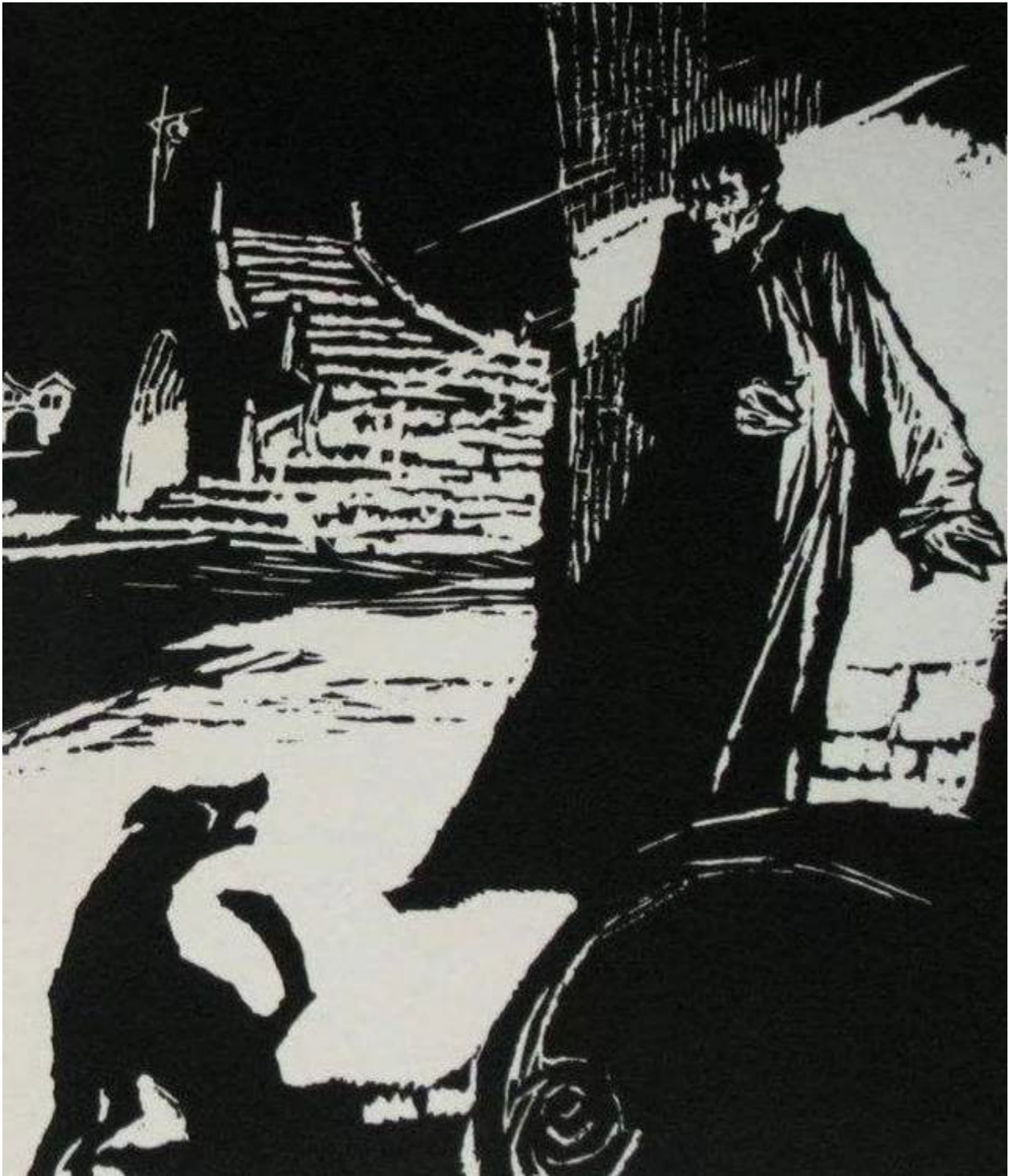


Imagem do «Diário de um louco» de Lu Xun (Autor: Zhang Huaijiang; Versão: Imprensa de Arte da Academia Chinesa, março de 2012). em: <https://www.getit01.com/p20180519700784922/>

狂人日記

某君昆仲，今隱其名，皆余昔日在中學校時良友；分隔多年，消息漸闕。日前偶聞其一大病；適歸故鄉，迂道往訪，則僅晤一人，言病者其弟也。勞君遠道來視，然已早愈，赴某地候補矣。因大笑，出示日記二冊，謂可見當日病狀，不妨獻諸舊友。持歸閱一過，知所患蓋「迫害狂」之類。語頗錯雜無倫次，又多荒唐之言；亦不著月日，惟墨色字體不一，知非一時所書。間亦有略具聯絡者，今撮錄一篇，以供醫家研究。記中語誤，一字不易；惟人名雖皆村人，不為世間所知，無關大體，然亦悉易去。至於書名，則本人愈後所題，不復改也。七年四月二日識。

一

今天晚上，很好的月光。

我不見他，已是三十多年；今天見了，精神分外爽快。纔知道以前的三十多年，全是發昏；然而須十分小心。不然，那趙家的狗，何以看我兩眼呢？我怕得有理。

二

今天全沒月光，我知道不妙。早上小心出門，趙貴翁的眼色便怪：似乎怕我，似乎想害我。還有七八個人，交頭接耳的議論我，又怕我看見。一路上的人，都是如此。其中最兇的一個人，張着嘴，對我笑了一笑；我便從頭直冷到腳跟，曉得他們布置，都已妥當了。

我可不怕，仍舊走我的路。前面一夥小孩子，也在那裏議論我；眼色也同趙貴翁一樣，臉色也都鐵青。我想我同小孩子有什麼讎，他也這樣。忍不住大聲說，「你告訴我！」他們可就跑了。

我想：我同趙貴翁有什麼讎，同路上的人又有什麼讎；只有廿年以前，把古久先生的陳年流水簿子，踹了一腳，古久先生很不高興。趙貴翁雖然不認識他，一定也聽到風聲，代抱不平；約定路上的人，同我作冤對。但是小孩子呢？那時候，他們還沒有出世，何以今天也睜着怪眼睛，似乎怕我，似乎想害我。這真教我怕，教我納罕而且傷心。

我明白了。這是他們娘老子教的！

三

晚上總是睡不着。凡事須得研究，纔會明白。

他們——也有給知縣打枷過的，也有給紳士掌過嘴的，也有衙役佔了他妻子的，也有老子娘被債主逼死的；他們那時候的臉色，全沒有昨天這麼怕，也沒有這麼兇。

最奇怪的是昨天街上的那個女人，打他兒子，嘴裏說道，「老子呀！我要咬你幾口纔出氣！」他眼睛卻看着我。我出了一驚，遮掩不住；那青面獠牙的一夥人，便都哄笑起來。陳老五趕上前，硬把我拖回家中了。

拖我回家，家裏的人都裝作不認識我；他們的眼色，也全同別人一樣。進了書房，便反扣上門，宛然是關了一隻雞鴨。這一件事，越教我猜不出底細。

前幾天，狼子村的佃戶來告荒，對我大哥說，他們村裏的一個大惡人，給大家打死了；幾個人便挖出他的心肝來，用油煎炒了喫，可以壯壯膽子。我插了一句嘴，佃戶和大哥便都看我幾眼。今天纔曉得他們的眼光，全同外面的那夥人一模一樣。

想起來，我從頂上直冷到腳跟。他們會喫人，就未必不會喫我。

你看那女人「咬你幾口」的話，和一夥青面獠牙人的笑，和前天佃戶的話，明明是暗號。我看出他話中全是毒，笑中全是刀。他們的牙齒，全是白厲厲的排着，這就是喫人的家伙。

照我自己想，雖然不是惡人，自從踹了古家的簿子，可就難說了。他們似乎別有心思，我全猜不出。況且他們一翻臉，便說人是惡人。我還記得大哥教我做論，無論怎樣好人，翻他幾句，他便打上幾個圈；原諒壞人幾句，他便說「翻天妙手，與眾不同」。我那裏猜得到他們的心思，究竟怎樣；況且是要喫的時候。

凡事總須研究，纔會明白。古來時常喫人，我也還記得，可是不甚清楚。我翻開歷史一查，這歷史沒有年代，歪歪斜斜的每葉上都寫着「仁義道德」幾個字。我橫豎睡不着，仔細看了半夜，纔從字縫裏看出字來，滿本都寫着兩個字是「喫人」！

書上寫着這許多字，佃戶說了這許多話，卻都笑吟吟的睜着怪眼看我。我也是人，他們想要喫我了！

四

早上，我靜坐了一會。陳老五送進飯來，一碗菜，一碗蒸魚；這魚的眼睛，白而且硬，張着嘴，同那一夥想喫人的人一樣。喫了幾筷，滑溜溜的不知是魚是人，便把他兜肚連腸的吐出。

我說「老五，對大哥說，我悶得慌，想到園裏走走。」老五不答應，走了；停一會，可就來開了門。

我也不動，研究他們如何擺佈我；知道他們一定不肯放鬆。果然！我大哥引了一個老頭子，慢慢走來；他滿眼兇光，怕我看出，只是低頭向着地，從眼鏡橫邊暗暗看我。大哥說，「今天你彷彿很好。」我說「是的。」大哥說，「今天請何先生來，給你診一診。」我說「可以！」其實我豈不知道這老頭子是劊子手扮的！無非借了看脈這名目，揣一揣肥瘠：因這功勞，也分一片肉喫。我也不怕；雖然不喫人，膽子卻比他們還壯。伸出兩個拳頭，看他如何下手。老頭子坐着，閉了眼睛，摸了好一會，呆了好一會；便張開他鬼眼睛說，「不要亂想。靜靜的養幾天，就好了。」

不要亂想，靜靜的養！養肥了，他們是自然可以多喫；我有什麼好處，怎麼會「好了」？他們這羣人，又想喫人，又是鬼鬼崇崇，想法子遮掩，不敢直捷下手，真要令我笑死。我忍不住，便放聲大笑起來，十分快活。自己曉得這笑聲裏面，有的是義勇和正氣。老頭子和大哥，都失了色，被我這勇氣正氣鎮壓住了。

但是我有勇氣，他們便越想喫我，沾光一點這勇氣。老頭子跨出門，走不多遠，便低聲對大哥說道，「趕緊喫罷！」大哥點點頭。原來也有你！這一件大發見，雖似意外，也在意中：合夥喫我的人，便是我的哥哥！

喫人的是我哥哥！

我是喫人的人的兄弟！

我自己被人喫了，可仍然是喫人的人的兄弟！

五

這幾天是退一步想：假使那老頭子不是劊子手扮的，真是醫生，也仍然是喫人的人。他們的祖師李時珍做的上，明明寫着人肉可以煎喫；他還能說自己不喫人麼？

至於我家大哥，也毫不冤枉他。他對我講書的時候，親口說過可以「易子而食」；又一回偶然議論起一個不好的人，他便說不但該殺，還當「食肉寢皮」。我那時年紀還小，心跳了好半天。前天狼子村佃戶來說喫心肝的事，他也毫不奇怪，不住的點頭。可見心思是同從前一樣狠。既然可以「易子而食」，便什麼都易得，什麼人都喫得。我從前單聽他講道理，也胡塗過去；現在曉得他講道理的時候，不但唇邊還抹着人油，而且心裏滿裝着喫人的意思。

六

黑漆漆的，不知是日是夜。趙家的狗又叫起來了。

獅子似的凶心，兔子的怯弱，狐狸的狡猾，……

七

我曉得他們的方法，直捷殺了，是不肯的，而且也不敢，怕有禍祟。所以他們大家連絡，布滿了羅網，逼我自戕。試看前幾天街上男女的樣子，和這幾天我大哥的作爲，便足可悟出八九分了。最好是解下腰帶，掛在梁上，自己緊緊勒死；他們沒有殺人的罪名，又償了心願，自然都歡天喜地的發出一種嗚嗚咽咽的笑聲。否則驚嚇憂愁死了，雖則略瘦，也還可以首肯幾下。

他們是只會喫死肉的！——記得什麼書上說，有一種東西，叫，眼光和樣子都很難看；時常喫死肉，連極大的骨頭，都細細嚼爛，嚥下肚子去，想起來也教人害怕。「海乙那」是狼的親眷，狼是狗的本家。前天趙家的狗，看我幾眼，可見他也同謀，早已接洽。老頭子眼看着地，豈能瞞得我過。

最可憐的是我的大哥，他也是人，何以毫不害怕；而且合夥喫我呢？還是歷來慣了，不以爲非呢？還是喪了良心，明知故犯呢？我詛咒喫人的人，先從他起頭；要勸轉喫人的人，也先從他下手。

八

其實這種道理，到了現在，他們也該早已懂得，……

忽然來了一個人；年紀不過二十左右，相貌是不很看得清楚，滿面笑容，對了我點頭，他的笑也不像真笑。我便問他，「喫人的事，對麼？」他仍然笑着說，「不是荒年，怎麼會喫人。」我立刻就曉得，他也是一夥，喜歡喫人的；便自勇氣百倍，偏要問他。

「對麼？」

「這等事問他甚麼。你真會……說笑話。……今天天氣很好。」天氣是好，月色也很亮了。可是我要問你，「對麼？」

他不以爲然了。含含糊糊的答道，「不……」

「不對？他們何以竟喫？！」

「沒有的事……」

「沒有的事？狼子村現喫；還有書上都寫着，通紅斬新！」

他便變了臉，鐵一般青。睜着眼說，「有許有的，這是從來如此……」

「從來如此，便對麼？」

「我不同你講這些道理；總之你不該說，你說便是你錯！」

我直跳起來，張開眼，這人便不見了。全身出了一大片汗。他的年紀，比我大哥小得遠，居然也是一夥；這一定是他娘老子先教的。還怕已經教給他兒子了；所以連小孩子，也都惡狠狠的看我。

九

自己想喫人，又怕被別人喫了，都using疑心極深的眼光，面面相覷。……

去了這心思，放心做事走路喫飯睡覺，何等舒服。這只是一條門檻，一個關頭。他們可是父子兄弟夫婦朋友師生讎敵和各不相同的人，都結成一夥，互相勸勉，互相牽掣，死也不肯跨過這一步。

十

大清早，去尋我大哥；他立在堂門外看天，我便走到他背後，攔住門，格外沈靜，格外和氣的對他說，

「大哥，我有話告訴你。」

「你說就是，」他趕緊回過臉來，點點頭。

「我只有幾句話，可是說不出來。大哥，大約當初野蠻的人，都喫過一點人。後來因爲心思不同，有的不喫人了，一味要好，便變了人，變了真的人

。有的卻還喫，——也同蟲子一樣，有的變了魚鳥猴子，一直變到人。有的不要好，至今還是蟲子。這喫人的人比不喫人的人，何等慚愧。怕比蟲子的慚愧猴子，還差得很遠很遠。

易牙蒸了他兒子，給桀紂喫，還是一直從前的事。誰曉得從盤古開闢天地以後，一直喫到易牙的兒子；從易牙的兒子，一直喫到徐錫林；從徐錫林，又一直喫到狼子村捉住的人。去年城裏殺了犯人，還有一個生癆病的人，用饅頭蘸血蘸。

他們要喫我，你一個人，原也無法可想；然而又何必去入夥。喫人的人，什麼事做不出；他們會喫我，也會喫你，一夥裏面，也會自喫。但只要轉一步，只要立刻改了，也就人人太平。雖然從來如此，我們今天也可以格外要好，說是不能！大哥，我相信你能說，前天佃戶要減租，你說過不能。」

當初，他還只是冷笑，隨後眼光便凶狠起來，一到說破他們的隱情，那就滿臉都變成青色了。大門外立着一夥人，趙貴翁和他的狗，也在裏面，都探頭探腦的挨進來。有的是看不出面貌，似乎用布蒙着；有的是仍舊青面獠牙，抿着嘴笑。我認識他們是一夥，都是喫人的人。可是也曉得他們心思很不一樣，一種是以爲從來如此，應該喫的；一種是知道不該喫，可是仍然要喫，又怕別人說破他，所以聽了我的話，越發氣憤不過，可是抿着嘴冷笑。

這時候，大哥也忽然顯出凶相，高聲喝道，

「都出去！瘋子有什麼好看！」

這時候，我又懂得一件他們的巧妙了。他們豈但不肯改，而且早已布置；預備下一個瘋子的名目罩上我。將來喫了，不但太平無事，怕還會有人見情。

佃戶說的大家喫了一個惡人，正是這方法。這是他們的老譜！

陳老五也氣憤憤的直走進來。如何按得住我的口，我偏要對這夥人說，

「你們可以改了，從真心改起！要曉得將來容不得喫人的人，活在世上。

「你們要不改，自己也會喫盡。即使生得多，也會給真的人除滅了，同獵人打完狼子一樣！——同蟲子一樣！」

那一夥人，都被陳老五趕走了。大哥也不知那裏去了。陳老五勸我回屋子裏去。屋裏面全是黑沈沈的。橫梁和椽子都在頭上發抖；抖了一會，就大起來，堆在我身上。

萬分沉重，動彈不得；他的意思是要我死。我曉得他的沈重是假的，便掙扎出來，出了一身汗。可是偏要說，

「你們立刻改了，從真心改起！你們要曉得將來是容不得喫人的人，……」

十一

太陽也不出，門也不開，日日兩頓飯。

我捏起筷子，便想起我大哥；曉得妹子死掉的緣故，也全在他。那時我妹子纔五歲，可愛可憐的樣子，還在眼前。母親哭個不住，他卻勸母親不要哭。

；大約因爲自己喫了，哭起來不免有點過意不去。如果還能過意不去，……

妹子是被大哥喫了，母親知道沒有，我可不得而知。

母親想也知道；不過哭的時候，卻並沒有說明，大約也以爲應當的了。記得我四五歲時，坐在堂前乘涼，大哥說爺娘生病，做兒子的須割下一片肉來，煮熟了請他喫，纔算好人；母親也沒有說不行。一片喫得，整個的自然也喫得。但是那天的哭法，現在想起來，實在還教人傷心，這真是奇極的事！

十二

不能想了。

四千年來時時喫人的地方，今天纔明白，我也在其中混了多年；大哥正管着家務，妹子恰恰死了，他未必不和在飯菜裏，暗暗給我們喫。我未必無意之中，不喫了我妹子的幾片肉，現在也輪到我自己，……

有了四千年喫人履歷的我，當初雖然不知道，現在明白，難見真的人！

十三

沒有喫過人的孩子，或許還有？

救救孩子……

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE A Q

阿Q正傳

巴人

第六章 從中興到未幾

在未幾再見阿Q出現的時候，是剛過了^{這事的}中秋。人們都~~驚~~驚異，說是阿Q回來了，於是又回上去想這，他先前那里去了呢？所以前幾回的上城，大概早就與高要別的村人說，但這一次却並不，阿Q也沒有一個人兩心到。也或者也曾告訴過城上鄉村的毛孩子，然而未幾老例，只有^{這多節}錢太爺和秀才老爺上城燒香之件事。做洋鬼子尚且不是數，何況是阿Q。因此毛孩子也就不替他宣傳，而未幾的社會^{也竟}也竟^{無從}無從知道了。

但阿Q這回的回來，却與先前大不同，確乎很值得驚異。天色將黑，他睡眼蒙眬的在店門不出進了，他走進櫃臺，從腰間伸出手來，滿把是^{錢的}錢，在櫃上一扔，說，「錢！打什麼！」穿的^{新的}新夾襖，着去腰間送掛着個大搭連，沈沈的將褲帶纏成了很寬很寬的孤條。未幾老例，看見阿Q有些矚目的人物，也與^些些^也也穿嚴的，沈在雖然明知是阿Q，但因為和他夾裡的阿Q有些兩樣了，女人^人云，「士列三日徑當刑司相待」，所以堂倌，掌櫃，^人店客，便自然露出^{一種}一種影而恭敬的形態來。掌櫃沈沈之以點點頭，又繼之以諾諾：

「噯，阿Q，你回來了。」

「回來了。」

「甚好甚好，你是——在——」

「上城去了。」

這一件新聞，第二天便傳遍了全鎮。人人都^要要^道道這說

INTRODUÇÃO

Durante anos tive a intenção de escrever a história verdadeira de A Q, mas sempre que me preparava para começar a trabalhar, parava vacilante, mostrando claramente o meu medo de não corresponder ao personagem. Pois sempre foi necessária uma caneta imortal para registrar as ações dum homem imortal; assim, o homem é conhecido pela posteridade por meio da escrita, e a escrita é conhecida pela posteridade por meio do homem, até que finalmente é difícil determinar qual das duas depende mais da outra para a sua fama. Mas no final sempre voltava à ideia de escrever a história de A Q, como se um demo me conduzisse até ela.

E ainda, quando decidi escrever esta história, destinada a ser logo esquecida, assim que peguei a pena nas minhas mãos, percebi as dificuldades intransponíveis que me aguardavam. Primeiro foi o problema de como dar um título à obra. Confúcio diz: «Se o título não estiver correto, as palavras parecerão implausíveis»; e este axioma deve ser observado cuidadosamente. Existem muitos tipos de biografias: biografias oficiais, autobiografias, lendas, biografias não autorizadas, biografias suplementares, histórias de família, contos... mas, infelizmente, nenhuma delas se encaixa no meu propósito. «Biografia oficial»? Certamente, este relato não será classificado junto com aqueles que obram com pessoas eminentes numa história autêntica. «Autobiografia»? Não há dúvida de que não sou A Q. Se a chamo de «biografia não autorizada», então onde está a «biografia autêntica»? Usar «lenda» também não é possível, porque A Q não foi um ser lendário. «Biografia complementar»? Não, porque acontece que nenhum Presidente ordenou jamais à Academia de História Nacional que escrevesse a «biografia original» de A Q. É verdade que, embora não haja «vidas de jogadores» na história real da Inglaterra, o famoso Conan Doyle escreveu *biografias suplementares de jogadores*⁷. Mas se isso é permitido a um escritor famoso; é proibido para a minha espécie. Depois, há a «história familiar»; mas não sei se pertencço ou não à família A Q, nem fui incumbido de escrevê-la pelos filhos ou netos. Se eu fosse chamá-la de «história curta», poderia ser objetado que não existe uma «crónica completa» de A Q. Em suma esta é, então, uma «biografia original», mas como escrevo num estilo vulgar, usando a linguagem de cocheiros e vendedores ambulantes, não ousou presumir com um título tão grandioso; por isso, confio nos lugares-comuns dos romancistas menos respeitáveis, daqueles que não pertencem aos Três Cultos ou às Nove Escolas⁸. «Depois desta digressão, voltemos à nossa verdadeira história», e tomo as duas últimas palavras para o meu título. E se isso resultar numa confusão literal com a *Verdadeira História da Caligrafia*⁹ dos antigos, não conheço o remédio.

Em segundo lugar, de acordo com a convenção costumeira, a frase inicial duma biografia deveria ser mais ou menos: «Fulano, cujo nome também era Sicrano, nasceu em tal e tal lugar»; mas não tenho certeza sobre o sobrenome de A Q. Parece que uma vez teve o sobrenome de Chao, mas no dia seguinte reinou a confusão sobre isso. Isto aconteceu quando o filho do Senhor Chao fez os seus exames oficiais do ensino médio e retumbantes gongos anunciaram o seu triunfo ao povo. A Q acabara de beber duas taças de vinho amarelo e disse, dando-se ares, que o evento também era uma grande honra para ele, já que ele pertencia ao mesmo clã do Senhor Chao e que, tirando contas exactas, remontava a três gerações. Naquele momento, vários dos seus ouvintes começaram a sentir um certo respeito por ele. Mas quem ia dizer que no dia seguinte compareceria o prefeito perante A Q, convocando-o à casa do Senhor Chao. Assim que o velho o viu, ficou vermelho de raiva e começou a gritar:

– A Q, seu malandro miserável! Disseste que eu pertencia ao teu mesmo clã? A Q não respondeu.

Quanto mais olhava para ele, mais ficava furioso o Senhor Chao; aproximando-se dele alguns passos, disse:

– Como te atreves a dizer essas bobagens? Como posso ter parentes como tu? É teu sobrenome Chao, por acaso? A Q não respondeu, porque a sua ideia era se retirar; mas o Senhor Chao avançou sobre ele e acertou- o no rosto.

– Como tu vais te chamar Chao? Achas-te digno do nome deChao?

A Q não tentou defender o seu direito ao nome de Chao, mas, esfregando a bochecha esquerda, saiu, acompanhado do prefeito; e uma vez fora, depois duma torrente de repreensão deste último, agradeceu e pagou-lhe um suborno de duas centenas moedas. Todos que ouviram disseram que A Q era extravagante demais para encontrar um bofetão como esse; o seu sobrenome certamente não era Chao. Mas mesmo que tivesse sido, deveria ter pensado duas vezes antes de dizer isso, já que sabia que vivia na aldeia um verdadeiro Senhor Chao. Depois disso, nunca foi mencionada a linhagem de A Q, de maneira que até hoje não sei qual era o seu nome de família verdadeiro.

Terceiro, nem sei como se escreve o nome A Q. Durante a sua vida, todos o chamavam de acordo com a pronúncia A Quei, mas depois da sua morte ninguém mais mencionou esse nome. Porque não era um daqueles indivíduos cujo nome «é mantido em tábuas de bambu e seda¹⁰». E se for para preservar o seu nome, este relato deve ser a primeira tentativa, então tenho que enfrentar essa dificuldade desde o início. Pensei bem: A Quei, seria a palavra «Quei» que significa cássia¹¹, ou a palavra «Quei» que significa nobreza? Se o seu outro nome fosse Yueting, que significa «pavilhão lunar», ou se tivesse comemorado o seu aniversário no Festival da Lua¹², então certamente seria a palavra «Quei» que significa cássia. Mas como não tinha outro nome – e se tinha, ninguém sabia– e como nunca mandava convites no dia do seu aniversário para garantir versos de parabéns, escrever A Quei (cássia) seria arbitrário demais. Além disso, se tivesse um irmão mais velho ou mais novo chamado A Fu (prosperidade), seria chamado de A Quei (nobreza); mas estava completamente sozinho: a maneira de escrever A Quei (nobreza) seria fazer suposições que não pudessem ser corroboradas. Os outros sinais do som Quei são ainda menos úteis. Certa vez, apresentei o problema ao filho do Senhor Chao, o bacharel; mas nem mesmo ele, que era tão sábio, pôde resolvê-lo. Porém, segundo ele, como Chen Dusiu¹³ havia publicado a revista *Nova Juventude*, que defendia o uso do alfabeto latino, a cultura nacional estava indo para o inferno e por isso esse problema não poderia ser investigado. Por fim, pedi a alguém da minha terra que revisasse os documentos legais que registram o processo de A Q, mas depois de oito meses enviou-me uma carta dizendo que não havia nenhum nome cujo som se aproximasse de A Quei nesses documentos. Embora eu não tivesse certeza de que isso fosse verdade, nem de que meu amigo

⁷ É o título da versão chinesa de *Rodney Stone*, ficção gótica do escritor escocês Sir Arthur Conan Doyle publicada pela primeira vez em 1896.

⁸ Os Três Cultos eram o confucionismo, o budismo e o taoísmo. As Nove Escolas incluem a confucionista, a taoista, a legalista e outras. Os romancistas que não pertenciam a nenhuma delas não eram considerados respeitáveis.

⁹ Livro de Fen Wu, da dinastia Ching (1644-1911).

¹⁰ Frase usada por vez primeira durante o século III a. C. O bambu e a seda eram materiais onde se escrevia na China antiga.

¹¹ Cássia é uma pequena árvore (*Cinnamomum cassia*) de folha perene originária do sudeste da China chamada em chinês rou quei usada para fazer canela a partir da casca aromática dos seus ramos juvenis.

¹² A cássia cria flores durante o mês da Festa Lunar. Conforme ao folclore chinês, acredita-se que as sombras enxergadas da lua som as duma árvore de cássia.

¹³ 9 de outubro de 1879 - 27 de maio de 1942 - revolucionário e político chinês, filósofo, um dos fundadores e primeiro secretário geral do Partido Comunista da China. Foi um dos líderes da Revolução Xinhai e do [Movimento 4 de maio](#). Pioneiro e inspirador ideológico do «Movimento por uma Nova Cultura». Fundador da revista *Xin Qingnian* (Nova Juventude). Como resultado das lutas internas do partido e do conflito com [Mao Zedong](#) em 1927, foi removido de todas as posições do partido e mais tarde expulso do PCCh.

se importasse algo com isso, depois de tal fracasso, não tive outra maneira a não ser continuar com o que tinha. Como temo que o novo sistema fonético não tenha se popularizado, não tenho outro recurso a não ser usar o alfabeto ocidental, escrevendo o nome de acordo com a grafia atual em inglês e abreviando-o A Q. Isso me leva a seguir cegamente a revista *Nova Juventude* e sinto-me absolutamente envergonhado de mim mesmo, mas como o bacharel não conseguiu resolver o meu problema, o que mais posso fazer?

Em quarto lugar, há o problema do local de nascimento de A Q. Supondo que o seu sobrenome fosse Chao, de acordo com o antigo costume de classificar as pessoas por distrito de origem, deve-se consultar o livro *Sobrenomes Diversos*¹⁴, onde encontrará: «Nativo de Tianshui, a oeste da província de Gansu»; mas, infelizmente, esse sobrenome não é seguro e, portanto, o local do seu nascimento também permanece impreciso. Embora tenha vivido a maior parte da sua vida em Weichuang, muitas vezes esteve em outros lugares, então seria errado chamá-lo de nativo de Weichuang; chamá-lo assim seria romper com os cânones históricos.

O que me conforta um pouco é o facto de o sinal A estar absolutamente correcto. Definitivamente, não é o resultado duma falsa analogia e pode resistir ao teste da sabedoria crítica. Quanto aos outros problemas, não são tais que pessoas maleducadas como eu possam resolvê-los, e só me resta esperar que os discípulos do Senhor Hu Shi, que exibem uma notável «mania por história e antiguidades¹⁵», possam, talvez, no futuro, deitar luz sobre eles; Temo, entretanto, que a essa altura a minha *Verdadeira História de A Q* tenha sido esquecida.

O que foi dito pode ser considerado uma introdução.

¹⁴Obra de carácter escolar onde os apelidos vinham escritos em verso.

¹⁵De nome real Hu Shizhi (17 de dezembro de 1891 - 24 de fevereiro de 1962) foi um pensador e filósofo chinês do século XX, discípulo e seguidor de John Dewey. Promoveu o estabelecimento do padrão de escrita oral da língua chinesa, que marcou a superação da tradição clássica e a transição para a modernização. Devido à sua ideologia liberal e anticomunista, distanciou-se de outros intelectuais chineses próximos ao Partido Comunista. Leal ao governo do Kuomintang, foi embaixador da República da China (Taiwan) nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Sino-Japonesa e, a partir de 1949, estabeleceu-se em Taiwan junto com o governo nacionalista de [Chiang Kai-shek](#).

CAPÍTULO II

BREVE CONTAGEM DAS VITÓRIAS DE A Q

Não apenas o sobrenome, o nome e o local de origem de A Q são incertos; ainda maior é a escuridão que reina em relação aos seus antecedentes. Isso porque o povo de Weichuang apenas usava os seus serviços pessoais, ou considerava-o motivo de chacota, sem prestar a menor atenção ao seu passado. O próprio A Q nunca disse nada sobre o assunto; só quando discutia com alguém às vezes dizia com um olhar furioso:

– A nossa situação era muito melhor que a tua. Que pensas?

A Q não tinha família e vivia no Templo dos Deuses Tutelares de Weichuang. Também não tinha um emprego permanente; fazia pequenos serviços remunerados para os outros: se havia trigo para colher, segava-o; se fosse necessário moer arroz, A Q estava ali para fazê-lo; se fosse necessário um barqueiro, remava. Se o trabalho durasse muito tempo, morava com o empregador, mas ia embora assim que terminasse o dever. Sempre que havia algum trabalho a ser feito, as pessoas pensavam em A Q, mas a gente se lembrava dos seus serviços e não dos seus antecedentes, e quando o trabalho era concluído, até o próprio A Q era esquecido; e nada a dizer sobre o seu passado. Apenas uma vez um velho o elogiou dizendo: «Que bom trabalhador é A Q!» Naquele momento, A Q, de peito nu, indiferente e magro, estava diante dele e os outros não sabiam se o comentário fora feito a sério ou a ridicularizar; mas A Q estava maravilhado de alegria.

A Q, por sua vez, tinha uma opinião muito elevada de si mesmo; considerava todos os habitantes de Weichuang inferiores a ele, mesmo os dous «jovens estudiosos», que reputava indignos dum sorriso. Os jovens advogados poderiam se formar até serem bachareles. O Senhor Chao e o Senhor Chian eram tidos em alta estima pelos aldeãos, precisamente porque, além de serem ricos, também eram pais de jovens letrados, e apenas A Q não deu nenhum sinal de especial deferência para com eles, pensando de por si: «Meus filhos podem alcançar muito mais alto».

Além disso, quando A Q tinha ido na cidade algumas vezes, naturalmente, tornou-se muito mais vaidoso e começou a desprezar os habitantes da urbe. Por exemplo, o povo de Weichuang chamava de «banco longo» uma tábua de três pés por três polegadas e ele chamava também de «banco longo», mas os habitantes da cidade chamavam de banco alongado; ele pensava: «Estão errados. Que ridículo!» E quando os aldeãos de Weichuang fritavam peixes de cabeça grande no azeite temperavam-nos com pedaços dum centímetro de chalota¹⁶, enquanto os habitantes da cidade colocavam chalota finamente picada, ele dizia a si mesmo: «também nisto estão errados. Que ridículo!» Não obstante os aldeãos de Weichuang eram pessoas rústicas verdadeiramente ignorantes que nunca tinham conhecido o peixe frito da cidade!

A Q, que «tivera uma situação muito melhor», que era um homem do mundo e um «bom trabalhador», teria estado a ponto de ser um «homem perfeito», se não houvesse algumas falhas físicas. O mais irritante de tudo eram as cicatrizes circulares de sarna que surgiram numa data desconhecida no seu coiro cabeludo. Embora estivessem na sua própria cabeça, A Q parecia não considerá-las inteiramente honradas, pois evitava usar a palavra «sarna» ou outras de pronúncia semelhante, e chegou a aperfeiçoar esse critério, desterrando as palavras «brilho» e «luz»; e mesmo as palavras «lâmpada» e «vela» foram consideradas tabu por ele. Quando a proibição não era respeitada, intencionalmente ou não, A Q sofria um acesso de raiva e as cicatrizes na sua cabeça ficavam vermelhas. Olhava para o agressor e, se fosse estúpido, começava a insultá-lo; se fosse mais fraco, batia-o. E, no entanto, curiosamente, quase sempre era A Q quem recebia o peso desses encontros, até ser forçado a adotar uma nova tática segundo a qual se contentava em fitar irritado seu rival.

Mas aconteceu que quando A Q começou a usar esse olhar furioso, os folgazões de Weichuang começaram a fazer ainda mais remoques às suas custas.

Quase não o viam, fingiam surpreender-se e diziam:

– Bom! Há muito mais luz.

A Q ficava indignado, como era de costume, e olhava furioso.

– Pareceria haver uma lamparina a azeite! continuavam, nem um pouco intimidados.

A Q não podia fazer nada, mas procurava no cérebro uma resposta para se vingar: – Nem mereces... – Naquele momento, até as cicatrizes de sarna no coiro cabeludo davam a impressão de ser algo nobre, honrado, e não vulgares escaras de sarna. No entanto, como dissemos acima, A Q era um homem do mundo e percebia que estava prestes a violar o tabu, então se abstinha de dizer qualquer outra cousa.

Não obstante os folgazões não ficavam satisfeitos e continuavam a incomodá-lo; finalmente, começavam a brigar. Somente quando A Q era claramente derrotado, quando o seu rabo de cavalo amarelado era puxado e a sua cabeça batida contra a parede quatro ou cinco vezes, os preguiçosos partiam, satisfeitos com a vitória. A Q ficava ali por um momento, dizendo a si mesmo: «É como se meu próprio filho tivesse me batido. Aonde o mundo chegou!». Depois disso, também saía, satisfeito por ter obtido a vitória.

A Q costumava contar aos outros tudo o que pensava, para que aqueles que se mofavam dele soubessem dessas vitórias psicológicas; e então, aquele que tirava do seu rabo de cavalo ou o torcia dizia:

– A Q, isso não é bater dum filho ao pai, mas dum homem a uma besta. Diz: um homem bate numa besta!

E então A Q, segurando a base da sua trança com as duas mãos com a cabeça dum lado, dizia:

– Bater num animal... O que achas? Eu sou um animal. Não vais me deixar ainda?

Embora fosse um animal, os preguiçosos não o permitiam sair antes de bater a cabeça cinco ou seis vezes contra o que quer que tivessem à mão; após o que eles partiam felizes por terem obtido a vitória e confiantes de que desta vez A Q estivesse morto. Mas depois de dez segundos, A Q também punha-se a caminho, satisfeito por ter conquistado a vitória, pensando que era «o primeiro difamado de si mesmo» e que depois de retirar o «desacreditador de si

¹⁶A chalota pertence à família da cebola e é tipicamente uma variedade botânica da espécie *Allium*. Os seus parentes próximos incluem a cebola, o alho, o alho porro, a cebolinha e a cebola chinesa.

mesmo», permanecia «o primeiro». Talvez o primeiro graduado no exame imperial não era «o primeiro»? O que imaginas? – dizia.

Depois de empregar tais astúcias para enfrentar os seus inimigos, A Q corria feliz para a taverna para beber algumas taças de vinho, para divertir-se com os outros novamente, para discutir de novo, para obter a vitória outra vez, para retornar ao Templo dos Deuses Tutelares com a alma inchada de alegria e ficar adormecido assim que se deitava.

Se tinha dinheiro, ia jogar. Um grupo de indivíduos acomodava-se no chão e A Q se estabelecia ali, com o rosto encharcado de suor, gritando mais alto do que qualquer um:

– Quatrocentos para o dragão azul!

– Ei, abre aqui! – dizia o do banco, também com o rosto suado, abrindo a caixa e cantando –. Portões Celestiais... Nada para o Corno...! A Popularidade e a Passagem não param neles ... Qual é o dinheiro de A Q!

– Cem para a Passagem... Cento e cinquenta!

Ao som dessa música, o dinheiro de A Q passava para os bolsos dos outros, cujos rostos estavam encharcados de suor: Por fim, era forçado a sair de ali acotovelando e ficava na retaguarda, assistindo ao jogo com preocupação com o destino dos outros, até que acabava; então, de má vontade voltava ao Templo Tutelar. E no dia seguinte ia trabalhar com os olhos inchados.

No entanto, a verdade do provérbio «O infortúnio pode ser uma bênção disfarçada» foi trazida à luz quando A Q teve o azar de vencer uma vez no jogo, apenas para sofrer uma derrota cruel no final.

Foi na tarde do Festival dos Deuses em Weichuang. De acordo com o costume, era executada uma obra teatral; e perto do palco, também de acordo com o costume, havia inúmeras mesas de jogo. Os tambores e gongos do teatro ressoavam a três milhas de A Q que só tinha ouvidos para o canto do que estava no banco. Jogou várias vezes com sucesso: as suas sapecas¹⁷ de cobre se transformavam em moedas de dez, as suas moedas de dez em yinyuanes e os seus yinyuanes formaram pilhas. No seu entusiasmo gritava:

– Dous yinyuanes para os Portões Celestiais!

Nunca soube quem começara a luta, ou porque motivo. O barulho das maldições, golpes e passos misturavam-se confusamente na sua cabeça, e quando se levantou, as mesas de jogo haviam desaparecido, assim como os jogadores. Várias áreas de seu corpo doíam-lhe como se tivesse sido batido e chutado, e algumas pessoas olhavam-no com espanto. Sentindo que algo estava errado, partiu para o Templo Tutelar e quando recuperou a calma, percebeu que a sua pilha de yinyuanes havia sumido. E como a maioria dos jogadores do Festival não eram de Weichuang, aonde haveria procurar os culpados?

Uma pilha de dinheiro tão branca e reluzente! Tudo tinha sido dele... Mas agora fora-se. Considerar isso equivalente a ser roubado por seu próprio filho não era conforto para ele; tomar-se por animal também não o consolava; deste modo desta vez sentiu alguma amargura de derrota.

Mas logo transformou a sua derrota em triunfo. Erguendo a mão direita, bateu no rosto duas vezes, até que ficou vermelho de dor. Seu coração ficou mais leve, pois acreditava que quem havia batido era ele mesmo, enquanto o castigado era o outro eu, e não demorou muito para ter a sensação de ter batido noutra pessoa, embora seu rosto ainda estivesse machucado. Deitou-se satisfeito por ter conquistado a vitória.

Adormeceu imediatamente.

¹⁷ Pequena moeda chinesa antiga, feita de cobre, com um furado no centro

CAPÍTULO III

NOTÍCIAS MAIS EXTENSAS SOBRE AS VITÓRIAS DE A Q

Ainda que A Q sempre tenha obtido tais vitórias, só se tornou famoso quando o Senhor Chao lhe concedeu um bofetão na cara.

Depois de pagar ao prefeito um suborno de duas centenas de sapecas, deitou-se no chão, furioso.

Então pensou: «Que mundo hoje, em que o filho bate no pai...»

De repente, lembrou-se do prestígio do Senhor Chao e como agora era nada menos que seu filho, o que o deixou satisfeito; levantou-se e foi até a taberna, cantando *A jovem viúva no túmulo de seu marido*. Naquele momento reconheceu realmente que o Senhor Chao pertencia a uma classe superior a muitas pessoas.

Depois deste incidente, por mais surpreendente que tenha sido, todos pareciam prestar-lhe um incomum respeito. Provavelmente A Q atribuiu isso a ser o pai do Senhor Chao, mas na realidade não era o caso. Geralmente, em Weichuang, se Fulano sétimo batia em Fulano oitavo ou se o quarto Li golpeava o terceiro Chang não era levado em consideração. Para os aldeões considerarem uma surra digna dos seus comentários, tinha que ser relacionada a alguma pessoa importante como o Senhor Chao; mas se a classificação era de primeira ordem, se quem maltratava era famoso, quem recebia os golpes também gozava dos ecos da sua fama. Quanto à falha fosse de A Q, era considerada normal. Isso porque o Senhor Chao não podia deixar de estar certo. Mas se A Q não estava absolutamente correcto, porque todos pareciam tratá-lo com um respeito tão incomum? Isto é difícil de explicar.

Podemos adiantar a hipótese de que talvez seja devido ao facto de A Q ter afirmado pertencer à mesma família do Senhor Chao, de modo que, mesmo que tivesse sido castigado, as pessoas ainda presumiam que devia haver alguma verdade no que tinha dito e então era mais seguro tratá-lo com algum respeito. Ou, o caso poderia ser como o do boi sacrificial no templo de Confúcio: isto é, mesmo que o boi estivesse na mesma categoria que o porco e a ovelha do sacrifício – visto que eram todos animais – uma vez que o sábio o aprovara, os confucionistas não ousavam, naturalmente, tocá-lo.

Depois disso, A Q viveu vários anos de triunfante satisfação.

Uma vez, na primavera, caminhando, bêbado, viu Bigodes Wang sentado, nu da cintura para cima, espiolhando-se ao pé duma parede, em pleno sol, e ao ver o espetáculo começou a coçar o seu corpo. Este Bigodes Wang tinha crostas de sarna no corpo e patilhas no rosto e todos o chamavam de «Sarnoso Bigodes Wang». A Q omitia a palavra «sarnento», mas tinha o mais profundo desprezo por ele. A Q achava que, apesar das crostas não serem excepcionais, as patilhas eram realmente extraordinárias e as pessoas não podiam deixar de desprezar esse sujeito. Portanto, A Q sentou-se ao lado dele. Se fosse qualquer outra pessoa preguiçosa, A Q nunca teria ousado sentar-se com tal descuido; mas o que poderia temer de Bigodes Wang? Verdade seja dita, o desejo de sentar-se ali era a honra de Wang.

A Q tirou a sua estragada jaqueta forrada e virou-a do avesso, mas fosse porque acabara de lavá-la ou porque era muito desajeitado na sua busca, remexeu por muito tempo e apenas encontrou três ou quatro piolhos. Por outro lado, viu Bigodes Wang pescar um após o outro, em rápida sucessão, e colocá-los na boca causando um estalido.

No início, A Q ficou desesperado; depois ressentido: o desprezível Bigodes Wang agarrava tantos, e ele havia encontrado tão poucos; Que perda de prestígio! Estava ansioso para pegar um ou dous grandes, mas não havia nenhum, e somente após consideráveis dificuldades foi capaz de pegar um médio, que levou energicamente para a sua grossa boca e mordiscou com todas as suas forças, produzindo nada além dum pequeno estalo, inferior em muito aos estrépitos que Bigodes Wang estava fazendo na ocasião.

Todas as suas cicatrizes de sarna ficaram vermelhas. Jogou o casaco no chão, cuspiu e disse:

– Verme!

– Cão sarnento, quem estás insultando? – perguntou Bigodes Wang, olhando para ele com desprezo.

Embora nos últimos tempos A Q tivesse desfrutado dum relativamente maior respeito e tivesse se tornado, portanto, muito mais vaidoso, quando se deparava com pessoas acostumadas a lutar, sentia-se tímido; mas naquela ocasião foi excepcionalmente combativo. Como ousa dizer impertinências um tipo de bochechas peludas?

Quem quer que o saio caia, que o volte colocar – disse A Q, levantando-se, as mãos na cintura.

– Coçam teus ossos? – perguntou Bigodes Wang, levantando-se por sua vez e colocando o casaco. A Q pensou que estava tentando fugir, de modo que deu um passo à frente e tentou acertá-lo com o punho. Mas antes que sua mão tocasse Bigodes Wang, segurou-lha, puxando-a com tanta violência que cambaleou contra ele. Bigodes Wang agarrou-o pela trança e começou a arrastá-lo em direção à parede, batendo a cabeça da maneira tradicional.

– «Um cavaleiro usa a língua, mas não as mãos!» – protestou A Q, inclinando a cabeça.

Aparentemente Bigodes Wang não era um cavaleiro, porque sem prestar a menor atenção ao que A Q dizia, bateu-lhe a cabeça contra a parede cinco vezes seguidas e depois deu-lhe um empurrão que o fez cambalear a dous metros de distância. Só então Bigodes Wang sentiu-se satisfeito e retirou-se.

Polo que conseguia se lembrar, essa foi a primeira humilhação da sua vida, porque ele sempre desprezara Bigodes Wang por causa das suas bochechas peludas, mas nunca foi dado ao desprezo por ele, muito menos espancado. E agora, ao contrário de tudo o que se poderia esperar, Bigodes Wang batera nele. Talvez o que diziam no mercado fosse verdade: «O imperador abolira os exames oficiais, de modo que os letrados que os tivessem feito não eram mais necessários». Como resultado, a família Chao deve ter perdido prestígio. Era por isso que as pessoas o tratavam com desprezo?

Ali estava A Q, indeciso.

À distância, podia ser visto se aproximando um homem, que acabou por ser outro dos inimigos de A Q. Era uma das pessoas que mais abominava: o filho mais velho do Senhor Chian. Tinha ido para a cidade para estudar numa escola estrangeira e arranjar, de alguma forma, uma viagem para o Japão. Quando

voltou para casa meio ano depois, as suas pernas estavam retas¹⁸ e o seu rabo de cavalo desaparecera. Sua mãe chorou amargamente uma dúzia de vezes, a sua esposa tentou lançar-se no poço três vezes. Mais tarde, a mãe disse a todos: «Um velhaco cortou-lhe a trança quando estava bêbado. Poderia ter sido funcionário público, mas agora tem que esperar até voltar a crescer».

No entanto, A Q não acreditava nessa história e insistia em chamá-lo de «Falso Demo Estrangeiro» e «traidor com pagamento estrangeiro». Assim que o viu, começou a insultá-lo baixinho.

O que desprezava e mais odiava nele era o seu rabo de cavalo falso. Quando um homem tinha uma trança artificial, dificilmente poderia ser considerado um ser humano; e o facto de sua esposa não ter saltado na nória pola quarta vez mostrava que ela também não era uma boa mulher.

O «Falso Demo Estrangeiro» estava se aproximando – Calvo! Burro... –. Antes, A Q havia insultado apenas como se fosse para si mesmo, sem palavras audíveis; mas desta vez, por causa do seu mau humor e também porque queria expressar a sua necessidade de vingança, as palavras escaparam da sua boca, calada e involuntariamente.

Infelizmente, o «calvo» tinha nas mãos uma moca amarela polida que A Q chamava de «bastão de duelo» e caminhou na sua direção alancando. A Q soube imediatamente que uma surra estava para acontecer e se preparou, contraindo os músculos e encolhendo os ombros; e, de facto, ouviu-se uma estrondosa pancada que pareceu pousar na sua cabeça.

– Estava dizendo isso por ele! – explicou A Q, apontando para uma criança que ali estava andando. Paf! Paf! Paf!

Polo que A Q conseguia se lembrar, esta fosse provavelmente a segunda humilhação da sua vida. Felizmente, quando o barulho das batidas cessou, pareceu-lhe que o assunto estava resolvido e ficou um tanto aliviado. Inclusivamente, a sua preciosa «capacidade de esquecimento», legada por seus ancestrais, surtiu efeito. Afastou-se lentamente e, antes de chegar à porta da taverna, sentiu-se um pouco mais feliz.

Mas na direção oposta vinha uma pequena monja do Convento do Sereno Recolhimento. Em tempos normais, A Q estaria maldizendo; O que esperar, então, depois das suas humilhações? Imediatamente lembrou-se do que acontecera com ele e ficou furioso novamente.

– Não sabia a que se devia a minha má sorte hoje, mas pensando bem, deve ser porque tinha que te ver, – disse a si mesmo. Aproximou-se dela, cuspiu ruidosamente e disse:

– Ufl pu!

A freira não lhe deu atenção e continuou andando com a cabeça baixa. A Q continuou ao lado dela, estendeu de repente a mão, esfregou-lhe a cabeça recém-raspada e, rindo estupidamente, disse:

– Pelada! Volta logo, teu bonzo está esperando porti...

– Porque estás colocando a mão em mim...? – disse a monja, enrubescendo, tentando fugir rapidamente.

Os homens na taverna caíram nas gargalhadas. A Q, vendo que seu feito era apreciado, começou a sentir-se estimulado.

– Se o bonzo pode tocar-te, porque não deveria tocar-te eu? – disse, beliscando a sua bochecha.

A gente da taverna voltara às risadas. A Q ficou ainda mais satisfeito e, para satisfazer os espectadores, tornou a beliscá-la com força antes de deixá-la ir.

Depois desse encontro, A Q esqueceu de Bigodes Wang e do Falso Demo Estrangeiro, como se tivesse tirado toda a má sorte daquele dia e, estranhamente, sentiu-se muito melhor do que depois da surra, ágil e leve como se fosse flutuar no ar.

– Espero que o maldito A Q morra sem descendência! – foi ouvida ao longe soluçando a pequena freira.

– Kkkkk! riu A Q, completamente satisfeito.

– Kkkk! riram as pessoas na taberna, também extremamente satisfeitas, embora não tanto quanto A Q.

¹⁸ Quando os chineses daquela época viam os estrangeiros caminhando a passos largos – diferente do passo usual dos chineses – acreditavam que os seus joelhos estavam desarticulados.

CAPÍTULO IV

TRAGÉDIA DE AMOR

Alguns dizem que há vencedores que não encontram prazer na vitória se o oponente não for tão forte quanto um tigre ou uma águia; e se os seus rivais são tímidos como ovelhas ou galinhas, sentem que o triunfo é vazio. Por outro lado, há vencedores que, depois de tudo conquistado, esteja o inimigo morto ou rendido, dizem a frase clássica: «O vosso súdito, medroso e trêmulo, aparece diante de vós para que lhe perdoe o crime que merece a pena de morte». Percebem que não têm mais um inimigo, um rival ou um amigo, mas que ali permanecem, acima de tudo, solitários, desolados e isolados. E então sentem que a vitória é algo trágico. Mas o nosso herói não era dessa classe: sempre era otimista. Talvez esta seja a prova da supremacia moral da China sobre o resto do mundo.

Vede A Q ágil e leve como se fosse flutuar!

Mas aquela vitória teve raras consequências. Por muito tempo pareceu pairar e voou para o Templo dos Deuses Tutelares, onde normalmente teria roncado assim que se deitaria. No entanto, foi muito difícil para ele fechar os olhos naquela noite, porque sentia que algo estranho estava acontecendo com o polegar e o indicador, que pareciam mais macios e escorregadios do que o normal. É impossível dizer se havia uma substância branda e oleosa na bochecha da freira, que grudasse nos seus dedos, ou se eles ficaram escorregadios ao esfregar sua pele...

– Espero que o maldito A Q morra sem descendência!

As palavras ecoaram nos ouvidos de A Q, que pensou: «Tem razão: eu deveria ter uma mulher; porque se um homem morre sem filhos, não tem ninguém para fazer um sacrifício com um prato de arroz pola sua alma... Deveria ter uma esposa». Diz-se: «Existem três formas de comportamento pouco filial, a pior das quais é não ter descendência¹⁹» e também é uma grande dor, porque «as almas sem descendentes vivem esfomeadas²⁰». Portanto, o seu pensamento estava em perfeita concordância com os ensinamentos dos santos e sábios; mas era uma pena que depois tivesse que vagar sem rumo, incapaz de parar.

– «Mulher, mulher!...» – pensou.

– «O bonzo pode tocar... Mulher, mulher... mulher!», – pensou novamente.

Nunca saberemos quando A Q começou a roncar naquela noite. É provável, entretanto, que a partir de então tenha sentido sempre suaves e escorregadios os seus dedos e leve o seu coração.

– «Mulher...!» – não parava de pensar.

Só por isso pode-se constatar que as mulheres são prejudiciais à humanidade.

A maioria dos homens chineses poderiam se tornar santos e sábios se não fosse pelo infeliz facto de serem arruinados pelas mulheres. A dinastia Shang foi destruída por Da Chi, a dinastia Chou foi enfraquecida por Bao Si; Quanto à dinastia Chin..., embora não haja evidências históricas que o comprovem, se pensarmos que caiu por causa duma mulher, não estaremos muito enganados. E é um facto que a morte de Dong Chuo foi causada por Diao Chan²¹.

Vamos começar dizendo que A Q também fora um homem de moral rígida. Não obstante não saibamos se foi guiado pelos ensinamentos dalgum bom mestre, sempre fora muito escrupuloso em observar a «estrita separação dos sexos» e era honesto para denunciar hereges como a pequena freira e o Falso Demo Estrangeiro. A sua tese era: «Todas as freiras têm, sem dúvida, relações clandestinas com monges. Quando uma mulher caminha sozinha pola rua, certamente tem a pretensão de seduzir os homens maus. Quando um homem e uma mulher conversam a sós, claramente estão planejando um encontro». A fim de punir os seus desvios da moral, A Q encarava-os ou fazia algumas observações incisivas em voz alta; ou, se o lugar estivesse deserto, atirava furtivamente uma pedrinha.

Quem teria pensado que, por volta dos trinta anos, que é quando um homem deveria «ter os pés firmes no chão», perderia a cabeça assim por uma freirinha! Aquela sensação de leveza, de acordo com os cânones clássicos, não deveria ter existido; é verdade que as mulheres são criaturas odiosas. Porque, se o rosto da freira não fosse liso e escorregadio, A Q não teria sido enfeitado por ela; nem se o rosto da freira tivesse sido coberto por um véu. Cinco ou seis anos atrás, no meio da plateia duma apresentação de teatro ao ar livre, beliscara a coxa duma mulher; mas, como a coxa estava isolada pelo tecido das calças, não se sentiu depois dominado por aquela sensação de leveza. Mas a freirinha não havia coberto o rosto e essa era mais uma prova da malignidade daquela herege.

– «Mulher...» – pensava A Q.

Vigiava de perto as mulheres que acreditava «certamente desejavam seduzir homens maus», mas elas não lhe sorriam. Ouvia atentamente as mulheres que falavam com ele, mas nenhuma delas dizia uma palavra que pudesse levar a um acordo. Ah!, aquele era outro exemplo da malignidade feminina: todas elas assumiam um ar de «falsa honestidade».

Um dia, quando A Q estava descascando arroz na casa do Senhor Chao, sentou-se na cozinha fumando um cachimbo após a ceia. Se fosse qualquer outra casa, teria voltado imediatamente após cear, mas na família Chao era costume cear cedo. Embora a regra não fosse acender a lamparina, mas ir direto para a cama depois da ceia, havia exceções: primeiro, antes de o filho do Senhor Chao fazer os exames do bacharelato, tinha permissão para acender a lamparina para estudar os seus textos; segundo, se A Q vinhesse fazer extras, tinha permissão para acender uma lamparina quando tivesse que descascar o arroz. Por causa dessa última exceção à regra, A Q estava ainda sentado na cozinha, fumando, antes de continuar a moer.

¹⁹ Citação de Mêncio (372-289 AC).

²⁰ Citação do antigo clássico Tsuo Chuan.

²¹ Da Chi (século XII a. C) foi uma concubina do último rei da dinastia Shang; Bao Si (século VIII a. C) foi a concubina de Dong Chuo, um poderoso ministro do século III.

Ama Wu, a única criada na casa de Chao, depois de lavar os pratos, sentou-se também no longo banco e começou a conversar com A Q.

– A senhora não come há dous dias, porque o senhor quer comprar uma concubina...

– «Mulher... Ama Wu... esta viuvinha...» – pensou A Q.

– E a jovem nora vai ter um filho em agosto...

– «Mulher...» – pensou A Q.

Largou o cachimbo e se levantou.

– A jovem nora... – continuou Ama Wu loquaz.

– Deita-te comigo, deita-te comigo! A Q correu até ela e se ajoelhou.

Houve um momento de absoluto silêncio.

– Oh, agora! – Ama Wu, chocada por um momento, de repente começou a tremer, saiu correndo e começou a gritar. Os brados transformaram-se em lágrimas.

A Q, ajoelhado diante da parede, estava também perplexo, assim que agarrou o banco vazio com as duas mãos e levantou-se lentamente, vagamente ciente de que algo estava errado. Na verdade, a essa altura já estava num deplorável estado nervoso. Enfiou apressadamente o cachimbo no cinto e concluiu que precisava voltar descascar o arroz. Bang! A sua cabeça retumbou com um baque tremendo e, virando-se rapidamente, viu à sua frente o bacharel brandindo um grande bastão de bambu.

– Como ousas... Tu!...

O grande bastão de bambu desceu novamente sobre ele. A Q ergueu os dous braços para proteger a cabeça e a moça o acertou nos nós dos dedos, causando-lhe uma dor considerável. Ao escapar pela porta da cozinha, teve a impressão de que as suas costas também levavam uma pancada.

– Ovo de tartaruga! – disse o bacharel, insultando-o na língua mandarim, pelas costas.

A Q fugiu para o pátio onde o moedor estava localizado; Lá ficou sozinho, ainda sentindo dor nos nós dos dedos e lembrando-se ainda de «ovo de tartaruga», porque essa expressão nunca foi usada pelos moradores de Weichuang, mas apenas pelos ricos que haviam visto algo do mundo oficial. Assim ficou especialmente assustado e tremendamente impressionado. No entanto, a obsessão por «Mulher...» havia se dissipado. Depois dos insultos e dos paus, algo parecia ter apagado, e ainda se sentia muito leve de coração quando foi reiniciar a sua tarefa. Depois de descascar o arroz por um tempo, começou a sentir calor e parou para tirar o casaco.

Estava fazendo isso quando ouviu um tumulto do lado de fora e, como A Q gostava de testemunhar um tumulto, saiu para descobrir a causa do barulho. Isso levou-o diretamente para o pátio interno da casa do Senhor Chao. Embora já estivesse escuro, conseguiu distinguir várias pessoas; toda a família Chao estava ali, até mesmo a senhora que não comia havia dous dias. Havia também a vizinha Sétima Cunhada Zou e os parentes reais Chao Bai-yan e Chao Si-chen.

A jovem nora conduzia a Ama Wu para fora do recinto dos criados e dizia:

– Vem lá fora... Não fiques aí fechada, pensando nisso...

– Todos sabem que és uma boa mulher, – disse a Sétima Cunhada Zou –, não debes pensar em cometer suicídio.

Ama Wu só conseguia reiterar os seus lamentos, sem conseguir entender totalmente o que dizia.

– Eh! Isso é interessante – pensou A Q –. O que estará maquinando a viuvinha?

Querendo descobrir, virou-se para Chao Si-chen, mas de repente viu o filho do Senhor Chao vindo na sua direção com a maldita vara de bambu na mão. Ao ver o bastão, lembrou-se subitamente de que havia sido atingido com ele e viu que, ao que tudo indicava, a sua pessoa estava relacionada à excitação presente. Virou-se e correu, na esperança de escapar para o pátio, mas não prevendo que o grande varapau de bambu pudesse impedir a sua retirada; portanto, virou-se novamente e correu na direção oposta, escapando sem maiores consequências pela porta dos fundos. E em pouco tempo estava de volta ao Templo dos Deuses Tutelares.

Depois de ficar sentado por um tempo, a sua pele começou a ficar enrugada como a duma galinha e sentiu frio, pois mesmo sendo primavera, as noites ainda eram bem frescas e não eram adequadas para costas nuas. Então se lembrou de que havia deixado a sua jaqueta na casa da família Chao, mas tinha medo de que, se voltasse para pegá-la, lhe fizessem provar outra dose da grande vara de bambu do bacharel.

Então entrou o prefeito.

– A Q, seu filho de cadela! – disse –. Então podes insultar até mesmo a serva da família Chao. Tu és simplesmente um rebelde. Estragaste o meu descanso esta noite, desgraçado!...

Então, uma torrente de lições caiu sobre ele e, naturalmente, A Q não teve nada a dizer. Finalmente, como já era tarde demais, A Q teve que dobrar o suborno e dar ao prefeito quatrocentas sapecas; mas como no momento não tinha dinheiro, deu o seu chapéu de feltro como garantia e assinou os seguintes cinco pontos:

1. Na manhã seguinte, deveria levar um par de velas vermelhas, duma libra, e um feixe de varas de incenso para a família Chao, para se desculpar pela sua falta.
2. A Q deveria pagar aos monges taoistas que a família Chao havia chamado para exorcizar os espíritos infernais enforcados.
3. A Q nunca deveria colocar os pés na soleira da casa de Chao.

4. Se qualquer infortúnio acontecesse com Ama Wu no futuro, A Q seria responsabilizado.
5. A Q não deveria ir para reclamar nem o seu salário nem o seu casaco.

Claro, A Q concordou com tudo, mas infelizmente não tinha dinheiro no momento. Felizmente, a primavera havia chegado, então poderia facilmente passar sem o cobertor acolchoado; penhorou-o, pois, por duas mil sapecas para se conformar com as estipulações do acordo. Depois de se ajoelhar e tocar o chão com a testa, despido do busto, ainda lhe restavam algumas sapecas e, em vez de ir buscar o chapéu das mãos do prefeito, gastou-as todas em vinho.

Ainda assim a família Chao não queimou incenso nem acendeu as velas, porque tudo isso podia ser usado quando a senhora adorasse Buda; de modo que foram separados para esse propósito. A jaqueta foi quase inteiramente transformada em fraldas para o bebê que teve a jovem nora em agosto, enquanto os pedaços restantes foram usados por Ama Wu como sola dos seus sapatos.

CAPÍTULO V

O PROBLEMA DA SUBSISTÊNCIA

Assim que A Q terminou aquela cerimónia, retornou como de costume ao Templo dos Deuses Tutelares. O sol se pôs e A Q começou a pensar que algo estranho estava acontecendo no mundo. Refletiu meticulosamente e concluiu que era esse o caso, provavelmente porque as suas costas estavam nuas. Lembrou-se de que ainda tinha o velho casaco forrado, vestiu-o e deitou-se e, quando abriu os olhos, o sol voltava a brilhar no alto da muralha ocidental. Levantou-se resmungando: – Filho da puta...

Ergueu-se e foi vagar pelas ruas como sempre e novamente viu-lhe o pensamento de que algo estranho estava acontecendo no mundo, embora algo diferente do frio que machucava a sua pele, já que ia de costas nuas. Aparentemente, a partir daquele dia, todas as mulheres de Weichuang envergonhavam-se diante dele, a tal ponto que, ao ver A Q, todas se refugiavam dentro das casas. E até a própria Sétima Cunhada Zou, que tinha quase cinquenta anos, se retirava às pressas com as outras, chamando sua filha de onze anos. Isto parecia extremamente estranho para A Q e pensou: – Estas criaturas tornaram-se tímidas como senhoritas. Putas!...

Vários dias depois, porém, sentiu novamente, ainda mais fortemente, que o mundo funcionava duma maneira estranha. Primeiro, negaram-lhe crédito na taverna; em segundo lugar, o velho incumbido do Templo dos Deuses Tutelares fez algumas observações impertinentes como se significassem que A Q deveria ir; em terceiro lugar, mesmo que não conseguisse lembrar o número exato de dias, passaram-se muitos sem que ninguém viesse contratá-lo para qualquer trabalho. Sem o crédito da taverna poderia passar; se o velho insistisse para que fosse embora, poderia ignorar a sua verbosidade; Mas como ninguém veio para lhe dar trabalho, teve que passar fome. E esta era realmente uma situação de «filho da puta».

Quando A Q não aguentou mais, foi à casa de seus patrões habituais para descobrir o que estava acontecendo – só tinha proibido de cruzar a soleira da casa do Senhor Chao –, mas encontrou algo muito estranho: apenas apareceu um homem de péssimo humor acenando com o punho como se estivesse tentando afastar um mendigo, dizendo:

– Não há nada, nada! Vai-te!

Isso parecia cada vez mais estranho para A Q. Pensou: – Estas pessoas nunca conseguiram sobreviver sem ajuda e não pode ser que agora, de repente, não haja mais nada para fazer. Deve haver gato –. Mas depois de cuidadosas investigações descobriu que trabalhos pequenos foram dados a Pequeno Don. Este pequeno D era um rapaz pobre, magro e fraco, ainda inferior a Bigodes Wang aos olhos de A Q. Quem teria pensado, então, que aquele sujeito miserável pudesse roubar o seu ganha-pão? Assim, a indignação de A Q foi ainda maior do que em ocasiões normais, e enquanto caminhava chispando, levantou de repente o braço e começou a cantar um verso de ópera popular: – Vou te esmagar com a minha maça de aceiro...²²

Dias depois encontrou o próprio Pequeno D em frente do muro da casa do Senhor Chian.

«Quando dous inimigos se encontram, os seus olhos lançam fogo.» A Q foi direto para ele e o Pequeno D parou.

– Maldito animal! – disse A Q, olhando para ele de modo furioso e espumando pela boca.

– Sou um animal; é suficiente com isso?... – Respondeu o Pequeno D.

Esta modéstia enfureceu A Q mais do que qualquer cousa, mas como não tinha uma maça de aceiro nas suas mãos, tudo o que fez foi pular em cima do Pequeno D e esticar a mão o mais possível para pegar o seu rabo de cavalo. O Pequeno D tentava proteger a sua trança com uma mão e com a outra agarrar o rabo de cavalo de A Q, pelo qual A Q também usava uma das mãos para proteger a sua própria trança. No passado, A Q nunca considerara o Pequeno D digno de ser levado a sério, mas como ultimamente estava morrendo de fome, era tão magro e fraco quanto o seu inimigo, de modo que pareciam dous antagonistas perfeitamente equilibrados. Quatro mãos seguravam duas cabeças; os dous lutadores, dobrados na cintura, lançaram uma sombra azul de arco-íris no branco muro da família Chian por cerca de meia hora.

– Parai! É suficiente! – exclamavam os espectadores, provavelmente tentando impor a paz.

– Bem, bem! – diziam outros. Mas não está claro se era para impor a paz, para aplaudir os combatentes ou para incitá-los a novos ataques.

Mas os dous rivais faziam ouvidos moucos a tudo. Se A Q dava três passos para frente, o Pequeno D recuava então três passos e paravam. Se o pequeno D dava três passos para a frente, em tal caso A Q dava três passos para trás e paravam novamente. Depois de quase meia hora (Weichuang tinha muitos poucos relógios para dizer a hora, de maneira que é difícil calcular exatamente; talvez fossem vinte minutos), quando o suor escorria pelas suas bochechas e as suas cabeças fumegavam, A Q baixou as mãos e no mesmo instante as mãos de Pequeno D caíram também. Levantaram e recuaram simultaneamente, abrindo caminho através da multidão.

– Lembra-te, seu filho da puta!..., – Disse A Q, virando a cabeça.

– Tu, seu filho da puta, lembra-te!... – respondeu Pequeno D, virando também a cabeça.

A «batalha do dragão e do tigre» aparentemente não tinha terminado em vitória ou derrota e não se sabe se os espectadores ficaram satisfeitos ou não, pois nenhum deles se manifestou. Mas mesmo assim, ninguém veio procurar A Q para lhe dar um emprego.

²² Verso da *Batalha do dragão e do tigre*, ópera muito popular em Shaosing. Conta como Zhao Kuangyin (Imperador Taizu de Sung), o primeiro imperador da dinastia Sung, lutou contra outro general.

Num dia morno, quando uma suave brisa parecia anunciar o verão, A Q sentiu frio; e isso podia suportá-lo, mas o seu maior aborrecimento era o estômago vazio. O seu cobertor acolchoado, o seu chapéu de feltro e a sua jaqueta haviam desaparecido havia muito tempo e finalmente teve de vender a jaqueta acolchoada. Não sobrou nada além das suas calças, sem as quais não poderia ficar de forma alguma. Tinha uma estragada jaqueta forrada, é verdade, mas se não fosse para fazer solas de sapatos não valia a pena. Havia muito tempo que esperava ganhar algum dinheiro no caminho, mas até agora não fora bem-sucedido; também esperava encontrar algum dinheiro no seu decrepito quarto e procurou inquietamente em cada canto, mas o quarto estava absolutamente e totalmente vazio. Portanto, decidiu sair em busca de comida.

Estava na estrada «em busca de comida» quando avistou a familiar taberna e o frequente *mantou*²³, mas passou, não só sem parar por um segundo, mas mesmo sem sentir o menor desejo. Não era isso que procurava, embora não soubesse ele próprio o que buscava.

Weichuang não era um lugar grande e logo o deixou para trás. A maior parte da região, fora da aldeia, consistia em plantações inundadas de arroz, verdes até onde a vista alcançava, aqui e ali manchas redondas e negras em movimento, que eram os homens que cultivavam os campos. Mas A Q não tinha olhos para os prazeres da vida camponesa e simplesmente continuava o seu caminho porque sabia instintivamente que estava longe da sua via «de procura do alimento». A certa altura, viu-se diante das paredes do Convento do Sereno Recolhimento.

Também o convento era cercado por campos regados; os seus brancos paredões destacavam-se nitidamente contra o verde tenro e dentro do baixo muro traseiro de barro estava o horto. A Q duvidou por um momento, olhando em volta. Como não havia ninguém à vista, saltou sobre o muro baixo, pegando uma mata de gestas. A argila caiu com um ruído deslizante e as pernas de A Q tremeram de medo; mas conseguiu agarrar uma amoreira e de lá saltou para o interior. Havia uma profusão de plantas, mas nenhum vestígio de vinho amarelo, o *mantou* ou mantimentos. Ao longo da parede oeste havia um maciço de bambu e muitos renovos, mas infelizmente não estavam cozidos. Também havia plantas de colza, mas já tinham produzido semente. A mostarda estava prestes a desabrochar e o repolho estava muito duro.

A Q ficou tão desenganado quanto um colegial que reprovou nos exames e caminhava lentamente em direção ao portão do jardim quando de repente deu um pulo de alegria, porque ali, diante dos seus olhos, o que havia senão um campo de rabanetes? Acocorou-se e começou a arrancá-los, quando de repente uma cabeça redonda apareceu pela porta e desapareceu imediatamente; não era nada menos que a freirinha. A Q sempre teve o mais olímpico desprezo por seres como freiras, mas as cousas no mundo exigem «um passo atrás para reflexão», de modo que rapidamente arrancou quatro rabanetes, removeu as folhas e os enfiou nos bolsos do casaco. Mas a essa altura já havia aparecido uma freira velha.

– Que Buda nos proteja, A Q! O que te levou a entrar no nosso jardim e roubar os nossos rabanetes?... Oh, meu Deus, que pecado! Oh, meu Deus, Buda nos proteja!

– Quando entrei no teu jardim para roubar rabanetes? – respondeu A Q, olhando para ela e começando a recuar.

– Agora!... E esses? disse a freira velha, apontando para a saliência na sua jaqueta.

– São teus? Podes ter a tua chamada atendida? Tu...

Sem terminar a frase, A Q correu a toda velocidade, seguido por um cão negro, prodigiosamente gordo. Aquele cão estava antes na porta da frente e é um mistério como chegou ao jardim de atrás. O cão corria grunhindo e estava prestes a morder a perna de A Q quando, muito oportunamente, caiu um rabanete dos que carregava e o cão, apanhado de surpresa, parou por um segundo. A Q subiu pela amoreira, pulou o muro de barro e caiu, com rabanetes e tudo, fora do convento. Deixou o cão negro ladrando ainda e a velha freira com as suas rezas.

Temendo que a monja deixasse sair o cachorro, A Q recolheu os seus rabanetes e começou a correr, pegando ao passar alguns seixos; mas o cão negro não apareceu novamente. A Q arrojou as pedras e continuou o seu caminho, mastigando e pensando:

– Não há nada a fazer aqui; É melhor eu ir para a cidade...

Depois de comer o terceiro rabanete, já decidira ir para a cidade.

²³ Pão chinês cozido no vapor.

CAPÍTULO VI

DA REABILITAÇÃO À DECADÊNCIA

Weichuang não viu A Q novamente até depois do Festival da Lua daquele ano. Todos ficaram surpresos ao saber a notícia do seu retorno e fazendo memória perguntavam-se onde haveria passado aqueles dias. Nas poucas vezes em que estivera na cidade, A Q sempre o anunciava com expectativa e grande entusiasmo; mas como não tinha feito desta vez, ninguém percebeu a sua viagem. Poderia, talvez, ter contado ao velho que guardava o Templo dos Deuses Tutelares, mas de acordo com o costume de Weichuang, apenas eram consideradas importantes a viagem à cidade do Senhor Chao, do Senhor Chian ou do bacharel. Nem sequer se comentava a viagem do Falso Demo Estrangeiro; muito menos a de A Q. Isto pode explicar porque o velho não divulgou a notícia, com a consequência que a sociedade Weichuang não teve meios de saber.

Mas a volta de A Q foi muito diferente naquela época das anteriores e, de feito, digna de causar verdadeiro espanto. Estava escurecendo quando apareceu, piscando, sonolento, na porta da taverna. Caminhou até o mostrador, tirou um punhado de moedas de prata e cobre do cinto e espalhou-as dizendo:

– À vista; Traz vinho!

Vestia uma jaqueta nova forrada e, evidentemente, um alforje pendurado no seu cinto, já que o peso dobrava o cinto num ângulo agudo. De acordo com o costume de Weichuang, quando parecia haver algo incomum em alguém, era melhor tratá-lo com respeito do que com desprezo; e agora, embora soubessem muito bem que era A Q, parecia diferente do A Q da jaqueta rasgada. Os antigos dizem: «Uma nova causa de admiração será encontrada no homem que não foi visto por três dias»; de maneira que o moço, o taberneiro, os clientes e os transeuntes expressaram uma natural surpresa com um misto de respeito. O tasqueiro foi o primeiro a acenar com a cabeça e dizer:

– Olá, A Q, então estás de volta? – Sim, estou de volta.

– Ganhaste dinheiro!... Onde?

– Estive na cidade.

No dia seguinte, a notícia espalhou-se em Weichuang. Todos queriam saber a história da reabilitação de A Q, o homem com o dinheiro vivo e a nova jaqueta forrada. Na taverna, na casa de chá, sob o portal do templo, os aldeões foram aprendendo a notícia aos poucos. A consequência foi que começaram a mostrar nova deferência por A Q.

De acordo com A Q, esteve servindo na casa dum licenciado em exame provincial. Todos que ouviram esta parte da história ficaram sem palavras. Este licenciado no exame provincial chamava-se Bai, mas como era o único licenciado em toda a cidade, não era necessário usar o seu nome de família; e quando se tratava do graduado no exame provincial, todos sabiam que era ele. Isto acontecia não apenas em Weichuang, mas em todos os lugares num raio de cinquenta quilômetros, e quase todos acreditavam que o seu nome era Senhor Graduado do Exame Provincial. Ter trabalhado numa casa como a deste cidadão, naturalmente, instilava respeito; mas, de acordo com posteriores declarações de A Q, não quis continuar trabalhando ali porque este licenciado no exame provincial era na verdade um superlativo «filho da puta». Todos que ouviram esta parte da história suspiravam, mas ao mesmo tempo sentiam-se felizes porque mostrava que A Q realmente não era adequado para trabalhar na casa do licenciado no exame provincial; mas não trabalhar ali era uma pena.

Segundo A Q, o seu retorno também se devia ao facto de não estar feliz com as pessoas da cidade, pois chamavam um banco longo de banco alongado e usavam chalotas picadas para fritar o peixe; Acrescente a isso o defeito, que ele descobriu recentemente, de que as mulheres não se moviam satisfatoriamente ao andar. No entanto, a cidade tinha também algumas cousas boas que ele admirava francamente: por exemplo, enquanto os moradores de Weichuang jogavam com trinta e dois paus e apenas o Falso Demo Estrangeiro conseguia jogar *mahjong*²⁴, na cidade até mesmo os meninos de rua eram campeões no jogo. Se Falso Demo Estrangeiro caísse nas mãos destes jovens malandros, transformar-se-ia imediatamente num «pequeno demônio diante do rei dos infernos». Esta parte da história fazia todo mundo ruborizar.

– Vocês viram uma decapitação? – Perguntava A Q. – Ah, é um lindo espectáculo!... Quando executam os revolucionários!... Ah, é um formoso, belo espectáculo!...

Balançou a cabeça e cuspiu no rosto de Chao Si-chen, que estava na frente. Essa parte da história fazia todo mundo tremer. Mas A Q, olhando em volta, de repente ergueu a mão direita e largou-a no pescoço de Bigodes Wang, que com a cabeça para a frente, ouvia em êxtase, e gritou:

– Mata!

²⁴ Jogo de sorte chinês que usa dados para quatro jogadores (cada um jogando sozinho). Amplamente distribuído na China, Japão e outros países do Leste e Sudeste Asiático. O divertimento é jogado com dados do tipo dominó, semelhante ao pôquer pelas regras, requer qualidades como experiência, memória e observação dos jogadores. Existe também um fator aleatório no jogo, cujo papel, dependendo das regras do jogo utilizadas, pode ser menor e decisivo. O objetivo do jogo é marcar tantos pontos quanto possível, coletando a combinação mais valiosa dum determinado número de dados. De acordo com um dos mitos sobre a origem do mahjong, o famoso filósofo chinês Confúcio inventou este jogo por volta de 500 a. C. Segundo o mito, o aparecimento do jogo em várias partes da China está associado às viagens de Confúcio, durante as quais divulgou os seus ensinamentos. As peças do jogo, chamadas os três dragões, também correspondem às três principais virtudes designadas por Confúcio. Zhōng (發, literalmente moderação) - Dragão vermelho, Fā (發, literalmente prosperidade) - Dragão verde, Bái (白, literalmente branco) - Dragão branco - corresponde à benevolência, sinceridade e deferência para os pais. Além disso, o mito explica o nome do jogo - mahjong (pardal) pelo facto de Confúcio ser um amante dos pássaros. Segundo outra lenda, o mahjong foi inventado na antiguidade por um pescador chamado Jie, como forma de distrair os pescadores do mal-estar com vontade de vomitar, o que impedia a pesca em alto mar. De acordo com outro mito, o mahjong foi jogado na arca de Noé durante o Dilúvio, e a posição privilegiada da direção leste no jogo é supostamente devido ao fato de que um forte vento leste soprou durante a Grande Inundação.

Bigodes Wang estremeceu de surpresa, puxando a cabeça para trás tão rápido quanto um raio ou uma faísca de pederneira, enquanto o público estremeceu de agradável apreensão. Depois disso, Bigodes Wang ficou pasmo por vários dias e não ousou se aproximar de A Q, e o mesmo acontecia com os outros.

Ainda que não podamos dizer que a situação de A Q fosse então superior à do Senhor Chao perante o povo de Weichuang, podemos admitir que era quase a mesma, sem temor a um *lapsus linguae*²⁵.

Mas também a fama de A Q logo alcançou os círculos femininos de Weichuang, embora as únicas duas famílias com certas pretensões fossem as de Chian e Chao, e nove décimos do resto eram pobres; no entanto, os habitantes femininos eram os habitantes femininos e a difusão da fama de A Q neles foi uma espécie de milagre. Quando as mulheres se encontravam, diziam umas às outras: – A Sétima Cunhada Zou comprou uma saia de seda azul a A Q e, embora tenha sido usada, custou apenas noventa centavos; e a mãe de Chao Bai-yan (isto deve ser verificado porque alguns dizem que era a mãe de Chao Si-chen) também comprou uma indumentária infantil de calicô²⁶ importado, vermelho, pouco gasto, por apenas trezentas sapecas, menos oito por cento fora –. E então queriam ver A Q com impaciência: os que não tinham saia de seda e queriam comprar uma e os que precisavam dum traje de chita²⁷ estrangeiro; Portanto, não apenas pararam de evitar A Q, senão que às vezes, quando passava, seguiam-no, chamando-o e perguntado: Tens alguma outra saia de seda? Não? Também precisamos dum traje de calicó, tens algo?

Mais tarde, estas notícias espalharam-se dos lares pobres para as mais ricos, porque a Sétima Cunhada Zou estava tão feliz com sua saia de seda que a levou para a Senhora Chao para a sua aprovação e a Senhora Chao contou-lho ao Senhor Chao em palavras muito entusiasmadas.

O Sr. Chao discutiu o assunto naquela tarde, na hora do jantar, com seu filho o bacharel, sugerindo que algo realmente estranho estava acontecendo em relação a A Q e que deveriam ter mais cuidado com as suas portas e janelas. Mas não sabiam se A Q tinha alguma mercadoria sobrando e pensaram que talvez tivesse algo bom na loja. Acrescente a isto o feito de que a Senhora Chao precisava na época dum colete de pele, bom e barato. Portanto, no conselho de família foi decidido que a Sétima Cunhada Zou iria procurar imediatamente A Q e trazê-lo para casa; e nisto foi feita uma terceira exceção à regra, permitindo que a lâmpada fosse acesa naquela tarde.

A lâmpada havia consumido uma boa quantidade de azeite e A Q não aparecia. Toda a família Chao bocejava de impaciência, alguns muito zangados com as maneiras de vagabundo de A Q, outros queixosos com a Sétima Cunhada Zou por não ter cumprido bem a tarefa. A Senhora Chao temia que A Q não ousasse voltar por causa do acontecido na primavera anterior, mas o Senhor Chao acreditava que não valia a pena se preocupar com isso, porque, como ele dizia, «agora sou eu que o chamo». E, de facto, o Senhor Chao provou possuir muita sagacidade, pois A Q chegou finalmente, acompanhado pela Sétima Cunhada Zou.

– Diz que não tem mais nada e quando lhe disse para vir contar você, ficava ainda repetindo a mesma coisa. E eu lhe disse... – dizia a Sétima Cunhada Zou, ofegando ao entrar.

– Senhor! – disse A Q, esboçando um sorriso e detendo-se sob o beiral.

– Ovi dizer que te tornaste um homem rico em outros lugares – disse o Senhor Chao, aproximando-se dele e examinando-o cuidadosamente –. Isso é muito bom, muito bom. Agora... Disseram-me que tens algumas cousas antigas ... Traz todas para nós vermos... Isso é, porque eu só queria...

– Já disse a Sétima Cunhada Zou que não tenho mais nada.

Não tens mais nada? – O Senhor Chao não pôde deixar de parecer desenganado –. Como pudeste vender tudo tão rápido?

– Eram dum amigo e não era muito. A gente comprou...

– Mas deve haver algo sobrando.

– Só me resta uma cortina de porta.

– Então traz essa cortina de porta para nós vermos –, disse a Senhora Chao apressadamente.

– Bem, traz amanhã- disse o Senhor Chao sem muito entusiasmo-. Mais tarde, quando tiveres algo para vender, debes trazê-lo antes de qualquer outra pessoa, para que possamos examiná-lo...

– A propósito, não vamos pagar menos que os outros –, disse o bacharel. Sua esposa olhou apressadamente para o rosto de A Q para ver se ele ficava animado.

– Eu preciso dum colete de pele – acrescentou a Senhora Chao.

Embora A Q tenha dito que estava bem, retirou-se com tanta indiferença que ninguém sabia se estava levando o ajuste a sério ou não. O Senhor Chao ficou tão desiludido, enfadado e preocupado que até parou de bocejar. O bacharel também estava longe de estar satisfeito com a atitude de A Q e disse:

– Devemos nos precaver contra este ovo de tartaruga. Talvez fosse melhor ordenar ao prefeito que não permitisse que morasse em Weichuang.

Mas o Senhor Chao discordou, dizendo que isso poderia levar ao ressentimento, acrescentando que, em negócios como os do A Q, acontecia que «a águia não caça o que tem no seu próprio ninho»; portanto, a sua própria aldeia não tinha com que se preocupar e era o suficiente se manter mais vigilante à noite. O bacharel ficou muito impressionado com a «lição paternal» e retirou imediatamente a sugestão de expulsar A Q, avisando a Sétima Cunhada Zou para não repetir as suas palavras a ninguém.

²⁵ Sem medo de errar.

²⁶ Tecido grosso de algodão, feito na Índia cujo nome tem origem no topónimo de Calecute, uma cidade indiana.

²⁷ Chita é um tecido calicó barato de planta com estampas de cores fortes, geralmente negras, e tramas difíceis. O nome vem do sânscrito citra (pronunciado chitra), com significado de desenho, pintura, imagem.

Porém, no dia seguinte, a Sétima Cunhada Zou levou a sua saia azul para ser tingida de negro e espalhou suspeitas sobre A Q, embora não tenha mencionado as palavras do bacharel no sentido de expulsá-lo da aldeia. Mesmo assim, causou muito dano a A Q. Primeiro, o prefeito apareceu na sua casa e pegou a cortina e, ainda que A Q alegasse que a Senhora Chao queria examiná-la, o prefeito recusou-se a devolvê-la e até exigiu o pagamento mensal em dinheiro para ficar calado. Em segundo lugar, foi subitamente perdido o respeito dos aldeãos por ele e, embora ainda não ousassem tomar liberdades com ele, evitavam-no tanto quanto possível; e esta atitude era muito diferente do anterior pânico ao grito de «Mata!» e lembrava bastante a atitude dos antigos em relação aos espíritos: «manter uma respeitosa distância».

Contudo alguns ociosos queriam chegar ao fundo da questão e começaram a questionar A Q sobre os detalhes. E ele não tentou esconder nada, mas orgulhosamente lhes revelou as suas experiências. Souberam que A Q nada mais fora que um insignificante personagem, não só incapaz de escalar uma parede, mas também de penetrar por aberturas, ficando simplesmente do lado de fora para receber as cousas roubadas.

Recebera um pacote uma noite enquanto o chefe estava entrando novamente no interior, quando um grande barulho foi ouvido, e A Q moveu as suas pernas o mais rápido que pôde. Fugiu da cidade naquela mesma noite, escapando para Weichuang; e depois disto não ousou voltar ao seu negócio. No entanto, esta história provou ser ainda mais prejudicial para A Q porque os aldeãos haviam «mantido uma distância respeitosa» para não incorrer na sua inimizade; mas quem poderia imaginar que era um simples ladrão que não se atrevia a roubar de novo? Era, portanto, «demasiado ruim para inspirar medo».

CAPÍTULO VII

A REVOLUÇÃO

No décimo quarto dia do nono mês lunar do terceiro ano do reinado do imperador Süantong²⁸ – o dia em que A Q vendeu o seu alforje a Chao Baiyan à meia-noite, após o quarto toque da terceira rodada, um grande barco com uma tenda negra no convés chegou ao cais da família Chao. O navio flutuava no escuro, enquanto os aldeãos dormiam profundamente, de jeito que não sabiam nada disto, mas como partiu ao amanhecer, um bom número de pessoas pôde vê-lo. Uma investigação pertinente revelou que o barco pertencia ao senhor licenciado no exame provincial.

Isso causou grande inquietação em Weichuang e, por volta do meio-dia, o coração dos aldeãos batia rapidamente. A família Chao ficou completamente calada a respeito da missão do barco, mas se rumorejou na casa de chá e na taberna que os revolucionários iam entrar na cidade e o senhor licenciado do exame provincial tinha vindo buscar refúgio naquela aldeia. Apenas a Sétima Cunhada Zou pensava o contrário, dizendo que o senhor licenciado do exame provincial só queria pousar alguns baús destruídos, mas que o Senhor Chao se opôs. Na realidade, o licenciado no exame provincial e o bacharel da família Chao não se davam bem, de maneira que era logicamente improvável que mostrassem amizade «na adversidade»; Além disso, a Sétima Cunhada Zou era vizinha da família Chao e sabia melhor o que acontecia. Portanto, ela deveria estar certa.

No entanto, espalhou-se o rumor de que, embora o senhor licenciado no exame provincial não tivesse vindo pessoalmente, tinha enviado uma longa carta estabelecendo um «parentesco sinuoso» com a família Chao; que o Senhor Chao, depois de pensar sobre isso, decidira que não deveria haver nenhum dano para ele, de modo que recebeu os baús que agora estavam guardados debaixo da cama de sua esposa. Quanto aos revolucionários, alguns diziam que já haviam entrado na cidade naquela mesma noite, usando capacetes e armaduras brancas: o traje de luto de Chongchen, o último imperador da dinastia Ming.²⁹

A Q há muito ouvira falar dos revolucionários e nesse ano viu com seus próprios olhos um deles ser decapitado. Mas ocorreu-lhe, ninguém sabe como, que carregavam a bandeira da rebelião e que uma rebelião tornaria as cousas difíceis para ele, de modo que sempre os «detestou profundamente». Quem diria que poderiam aterrorizar um licenciado do exame provincial, conhecido por cinquenta quilômetros ao redor? Consequentemente, A Q não pôde deixar de sentir-se um pouco «fascinado», ao mesmo tempo em que estava cheio de alegria pelo terror de todos os amaldiçoados habitantes de Weichuang.

– Uma revolução não é uma cousa ruim – pensou A Q. Acabará com todos estes filhos da puta... Todos são odiosos, detestáveis no mais alto grau!... Até eu quero ir com os revolucionários.

A Q estava na quarta questão recentemente e é provável que estivesse insatisfeito; Acrescente a isto o facto de ter bebido duas taças ao meio-dia com o estômago vazio. Por consequência embebedou-se mais rápido. Enquanto caminhava, sentia-se flutuar no ar. De repente, curiosamente, notou como se os revolucionários fossem ele mesmo e todos os habitantes de Weichuang fossem os seus prisioneiros. Incapaz de conter a sua alegria, começou a gritar com toda a força:

– Rebelião! Rebelião!

O povo de Weichuang olhou para ele consternado. Nunca tinha visto A Q expressões tão lamentáveis e aquela visão fez se sentir tão bem como se tivesse bebido um copo de água gelada no meio do verão. De jeito que continuou ainda mais feliz gritando:

– Muito bem... Vou levar o que quiser. Serei amigo de quem quiser.

De de, chiang chiang!

Lamento ter matado por engano meu querido amigo Cheng na minha embriaguez.

Lamento ter matado... Há, há, há!

De de, chiang chiang, chiang-ling-chiang!

Vou te esmagar com a minha maça de aceiro...

O senhor Chao e seu filho estavam naquele momento quietos na sua porta discutindo a revolução com seus dous parentes reais. Mas A Q não os viu quando passou cantando, de frente para o céu:

– De de!...

– Ei, velho Q! dixo o Senhor Chao, timidamente, em voz baixa.

– *Chiang chiang!* – cantava A Q, incapaz de imaginar que o seu nome pudesse ser associado ao tratamento de «velho», pensando que tinha ouvido mal e que não tinha nada a ver com ele. De maneira que continuou cantando «*De, chiang, chiang-ling-chiang, chiang!*».

– Velho Q!

– *Lamento...*

²⁸ O dia em que Süantong, a cidade natal de Lu Xun, foi libertada, na revolução de 4 de novembro de 1911.

²⁹ A dinastia Ming (1368-1644) foi derrubada e substituída pela dinastia Ching. As revoltas camponesas posteriores costumavam dirigir-se às massas com a divisa «derrubar Ching, restaurar Ming». Portanto, quando os revolucionários se revoltaram no final do reinado da dinastia Ching, alguns ainda interpretaram como uma vingança do imperador Chungchen.

– A Q! -. O bacharel nada encontrou melhor do que chamá-lo pelo nome. Só então parou A Q.

– O que? -perguntou com a cabeça inclinada para o lado.

– Velho Q... agora... – Mas de novo o Senhor Chao achava difícil encontrar palavras. Agora... és rico?

– Rico? Claro que sim. Apanho o que quero...

– A... irmão A Q, teus pobres amigos, como nós, não têm qualquer importância... – disse Chao Bai-yan apreensivamente como se estivesse tentando puxar a língua dos revolucionários.

– Pobres amigos? É claro que você é mais rico do que eu – disse A Q e retirou-se.

Lá permaneceram os outros, desiludidos, sem palavras. Então o Senhor Chao e seu filho foram para casa e naquela tarde discutiram o problema até a hora de acender as lâmpadas. Quando Chao Bai-yan voltou para sua casa, tirou a bolsa de dinheiro da cintura e entregou-a para sua esposa esconder no fundo do baú.

Por um tempo A Q pensou que estava andando no ar, mas quando chegou ao Templo dos Deuses Tutelares, a sua embriaguez havia passado completamente. Naquela noite, o velho custódio do Templo foi excepcionalmente amigável e ofereceu-lhe chá; Em seguida, pediu A Q duas tortilhas e, depois de comê-las, requereu uma vela usada de quatro onças, e um candeeiro. Acendeu a vela e foi para a cama sozinho no seu quartinho. Sentia-se inefavelmente leve e feliz, enquanto a luz da vela saltava e piscava como no Festival das Lanternas e a sua imaginação também parecia brincar.

»Revolução? Seria divertido... Viria um grupo de revolucionários, todos em capacetes e armaduras brancas, com facas planas, maças de aceiro, bombas, rifles estrangeiros, cuitelos de duplo gume de três pontas e lanças com ganchos. Passariam pelo Templo dos Deuses Tutelares e diriam: – A Q, venha conosco, venha conosco –. Em tal caso eu iria com eles...

»Então todos os malditos aldeões de Weichuang fariam me rir, e se ajoelhariam e implorariam:

– A Q, poupe-nos a vida. – Mas quem os ouviria! Os primeiros a morrer seriam o Pequeno D e o Senhor Chao e depois o bacharel e o Falso Demônio Estrangeiro ... embora pudesse dispensar alguns. No início, teria perdoado Bigodes Wang, mas agora nem quero perdoá-lo...

»E os objetos... Entraria e abriria os baús: barras de ouro, moedas de prata, blusas de calicó importado... Primeiro mudaria a cama de Ningbó³⁰ da esposa do bacharel para o Templo, e também mudaria as mesas e cadeiras da família Chian... ou então, usaria as da família Chao. Eu não levantaria um dedo, ordenaria ao Pequeno D para mover as cousas e fazê-lo rapidamente, se não quisesse levar uma bofetada na cara...

»A irmã mais nova de Chao Si-chen é muito feia. Em alguns anos valerá a pena ser considerada a filha da Sétima Cunhada Zou. A mulher de Falso Demo Estrangeiro deita-se com um homem sem rabo de cavalo, ugh! Essa não pode ser uma boa mulher! A esposa do bacharel tem cicatrizes nas pálpebras... Fai muito tempo que não vejo Ama Wu e não sei onde está... Que pena ela ter pés tão grandes!»

Antes que A Q chegasse a uma conclusão satisfatória, ouviu-se roncar. A vela de quatro onças tinha queimado apenas meia polegada e a sua bruxuleante luz vermelha iluminava a boca aberta de A Q.

– Ho ho! gritou A Q de repente, erguendo a cabeça e olhando, espavorido, ao seu redor; mas quando viu a vela de quatro onças, voltou para a cama e dormiu.

Na manhã seguinte levantou-se muito tarde e quando saiu para a rua tudo continuava igual. Ainda estava com fome, mas apesar de quebrar a cabeça, não conseguiu encontrar recursos; De repente, teve uma ideia e caminhou devagar, até que, com ou sem intenção, chegou ao Convento do Sereno Recolhimento.

O convento ainda estava tão pacífico quanto na primavera passada, com as suas muralhas brancas e o seu reluzente portão negro. Refletiu por um momento e foi bater na porta; começou a ladrar um cão dentro. Apressou-se em pegar vários pedaços de tijolos e bateu de novo, com maior ênfase, até que os golpes lascaram a tinta negra muito picada de varíola em vários lugares. Finalmente foi ouvido alguém chegando para abrir a porta.

A Q imediatamente preveniu-se para usar os tijolos e ficou com as pernas abertas, pronto para ir para a batalha com o cão negro. Mas a porta do convento só foi aberta um pé e o cão negro não saltou; tudo o que conseguiu ver foi a velha freira.

– O que estás fazendo aqui de novo? – perguntou, assustada.

– Há uma revolução... sabia você? – disse A Q vagamente.

– Revolução, revolução ... Já houve uma. O que será de nós com todas as suas revoluções? – disse a velha freira, enquanto os seus olhos avermelhavam.

– O que? – perguntou A Q, espantado.

³⁰ Cidade da China localizada no nordeste da província de Chequião, uma das principais entradas e saídas da Rota da Seda e um dos principais portos da China, junto com Yangzhou e Guangzhou durante a dinastia Tang. O Império Tang (18 de junho de 618 – 4 de junho de 907, em chinês 唐朝, Tangchao) foi fundado por Li Yuan, 李淵. Seu filho, o imperador Li Shimin, 太宗, após a supressão final dos levantes camponeses e das forças feudais separatistas, começou a seguir uma política progressista. O período Tang tornou-se o apogeu da China medieval, sendo era Tang que é tradicionalmente considerada na China como o período de maior poderio do país. A sua capital, Chang'an (長安) – A Paz Constante – era a cidade mais grande do mundo na época alcançando os dois milhões de habitantes, Hoje a cidade Xi'an (西安) – Paz Ocidental –, está localizada sobre os restos da antiga cidade. A dinastia Tang teve como duas das suas glórias perduráveis, os grandes poetas clássicos: Li Bai, Li Po ou Li Bo (chinês: 李白, transliterado, Lǐ Bái) e Du Fu (em chinês, 杜甫; transliterado, Dù Fǔ), também conhecido como Dù Shǎolíng, 杜少陵, ou Dù Gōngbù, 杜工部, (712-770) cujo nome de cortesia era Zǐ Měi, 子美.

– O bacharel e Demo Estrangeiro.

A surpresa de A Q foi tão grande que ficou pasmo. A velha freira, vendo que havia perdido a sua agressividade, fechou a porta rapidamente, de modo que quando A Q tentou empurrá-la, não a moveu um milímetro, e quando bateu de novo não obteve resposta.

Aconteceu durante a manhã. O bacharel da família Chao ouviu as notícias cedo e, assim que soube que os revolucionários haviam entrado à noite na cidade, torceu o rabo de cavalo sobre o crânio e saiu, muito cedo, para visitar o Demo Estrangeiro da família Chian, com quem nunca tivera boas relações. Agora era uma questão de «unirem-se para reformar», de modo que tiveram uma agradável conversa, tornaram-se instantaneamente em próximos camaradas e concordaram no local em se fazer revolucionários.

Depois de devorarem os seus cérebros por um longo tempo, lembraram-se que no Convento do Sereno Recolhimento havia uma lápide imperial que dizia «Viva o imperador...», que devia ser feita desaparecer imediatamente. Sem perder tempo, foram ao convento para colocar em prática os seus projetos revolucionários. Enquanto a velha freira tentava detê-los e expressar uma opinião, consideraram-na como o governo manchu e deram-lhe várias pancadas na cabeça e alguns golpes com os nós dos dedos. Quando se faram, a freira se recuperou e fez uma inspeção. Claro, a tábua imperial estava em pó no chão, mas também havia desaparecido um valioso incensário Süande³¹ que estava diante do altar da Senhora Guanyin³².

A Q só descobriu isso mais tarde. Ficou muito triste por ter adormecido e repreendeu-os violentamente por não terem procurado por ele. Mas depois considerou o assunto mais completamente e disse a si mesmo:

– Talvez não sabem que eu passei para os revolucionários!

CAPÍTULO VIII

³¹ Incensários de bronze de alto valor decorativo fabricados durante o período Süante (1426 - 1435) da dinastia Ming,

³² Deusa reverenciada pelos budistas. Guanyin ou Kuan Yin é uma figura importante em algumas religiões orientais. É a transformação do Deus feminilizado Sakyamuni. E Sakyamuni é a transformação da Rainha Mãe do Ocidente, deusa da destruição, mas também da agricultura e da fertilidade com mais de 2.000 anos. Diz-se que se originou dum dos quatro Bodhisattva (seres iluminados) do Budismo. Essas mudanças de sexo são documentadas na província de Sichuan, pois nos túmulos não está mais a Rainha Mãe, mas Sakyamuni ("sábio do clã dos Shakyas"), também chamado de Buda ou Sidarta Gautama, algo contraditório com a iconografia do Budismo clássico. Foi precisamente quando o Buda da Misericórdia Avalokitesvana, originalmente homem, se transformou em Guanyin, que o Budismo se tornou popular na China. É representada com roupas largas e com uma criança nos braços. Na China, é a deusa da misericórdia e da compaixão. Por influência taoísta é representada numa forma feminina e maternal sendo uma das divindades mais queridas do país. Em todo o Oriente existem altares e templos dedicados a ela tendo entre os seus atributos a misericórdia, tornando-a acessível a todos. Acredita-se que ajuda todos que vão a ela em tempos de crise.

EXCLUÍDO DA REVOLUÇÃO

O povo de Weichuang foi ficando mais calmo com o passar dos dias. Havia notícias de que ainda que os revolucionários tivessem entrado na cidade, a sua chegada não produzira grandes mudanças. O magistrado ainda estava no seu antigo papel, só que agora o seu título era diferente; e o senhor licenciado do exame provincial também tinha um cargo (os aldeões de Weichuang não sabiam dizer os títulos), uma espécie de cargo oficial; enquanto o chefe dos militares era o mesmo capitão de sempre. O único motivo de alarme eram os maus revolucionários que perturbavam a ordem, pois começaram a cortar as tranças do povo no dia seguinte à sua chegada. Dizia-se que Bateleiro-Sete-Libras, da aldeia vizinha, tinha caído nas suas mãos e que já não parecia apresentável. Mas esse terror não era grande,

Seria errado, entretanto, dizer que não houve reformas em Weichuang. Nos dias que se seguiram, o número de pessoas que enrolaram os rabos de cavalo na cabeça aumentou e – como já foi mencionado – o primeiro a fazer isso foi, claro, o bacharel; em seguida vieram Chao Si-chen e Chao Bai-yan, e logo a seguir A Q. Se fosse verão, não teria parecido estranho para todos amarrarem o rabo de cavalo na cabeça ou prenderem a trança num nó; mas era fim do outono, de modo que a prática do outono dum costume de verão poderia ser considerada uma decisão heroica. Portanto, quando se trata de Weichuang, é impossível dizer que ignorara as reformas.

Quando Chao Si-chen apareceu com a nuca nua, as pessoas diziam:

– Ah! Aí vem um revolucionário.

Quando A Q soube disso, ficou com muita inveja. Embora já tivesse passado muito tempo desde que ouvira dizer que o bacharel enrolava a trança na cabeça, nunca pensou que ele pudesse fazer o mesmo; mas vendo que Chao Si-chen seguia o exemplo, decidiu copiá-los. Usou um palito de bambu para enrolar a sua trança e, após alguma dúvida, conseguiu reunir coragem suficiente para sair.

Enquanto caminhava a rua, as pessoas olhavam para ele, mas ninguém dizia nada. No início, A Q ficava chateado e, no final, muito ressentido. Nos últimos dias se irritava facilmente. Embora na realidade a sua vida não fosse mais difícil do que antes da revolução e as pessoas o tratassem com cortesia e os comerciantes não exigissem mais o pagamento em dinheiro, A Q ainda estava frustrado. Desde que a revolução estourou, deveria significar mais do que isso. E então viu o Pequeno D e a sua visão fez ferver o caldeirão da sua raiva.

Também Pequeno D enrolara o rabo de cavalo na cabeça e, além do mais, também usava um palito de bambu para segurá-lo. A Q nunca teria imaginado que Pequeno D tivesse tanta coragem. A propósito, não toleraria isso! Quem era Pequeno D? Teve a tentação de agarrá-lo, quebrar o seu palito de bambu, alassar a sua trança e dar-lhe várias bofetadas para castigá-lo por esquecer o seu lugar e ter a audácia de se gabar de revolucionário. Mas, no final, absolveu-o; apenas olhou para ele irritado, cuspiu e disse:

– Puah!

O único que tinha ido à cidade recentemente era Falso Demo Estrangeiro. O bacharel da família Chao tinha pensado em usar os baús no armazém como pretexto para visitar o senhor licenciado no exame provincial, mas por medo de ter a trança cortada, desistiu. Havia escrito uma carta extremamente formal e pedido ao Falso Demo Estrangeiro para levá-la para a cidade; também pediu que o apresentasse ao Partido da Liberdade. Quando Falso Demo Estrangeiro voltou, pediu ao bacharel quatro moedas de prata, após o qual o bacharel começou a usar uma insígnia de pêssego de prata no peito. O povo de Weichuang ficou de boca aberta e disse que este era o símbolo do Partido do Azeite de Caqui (33)³³, equivalente à classificação de *hanlin* (34)³⁴. Como resultado de tudo isto, o prestígio do senhor Chao aumentou repentinamente, muito mais do que quando seu filho fez os exames oficiais do bacharelato; conseqüentemente, começou a desprezar a todos e, quando viu A Q, quis ignorá-lo.

A Q estava muito descontente e costumava se sentir tratado com desprezo, mas assim que soube do pêssego prateado compreendeu imediatamente por que havia sido deixado à vista. Dizer simplesmente que passara para os revolucionários não significava tomar parte na revolução; Nem era suficiente enrolar a trança em torno da coroa; o mais importante era entrar em contato com o partido revolucionário. Em toda a sua vida conhecera apenas dous revolucionários, um dos quais já tinha enlouquecido na cidade; permanecendo apenas Falso Demo Estrangeiro. Não havia nada que pudesse fazer a não ser falar com ele.

O portão da frente da casa dos Chian estava aberto e A Q entrou timidamente. Uma vez dentro, assustou-se, pois ali estava o Falso Demo Estrangeiro, no meio do pátio, todo vestido de negro – sem dúvida uma roupa estrangeira – e também com um pêssego prateado. Segurava na sua mão o pau que A Q já conhecia a despeito de si mesmo, e o pé, ou mais, de cabelo que havia desenrolado caía sobre os seus ombros, desganhado como o de Santo Liu Hai³⁵. Em pé ao lado dele, estavam Chao Bai-yan e outros três, ouvindo com a maior deferência o que dizia.

³³ O nome do Partido da Liberdade era pronunciado em chinês *Ziyou Dang*. Os camponeses, sem entender a palavra Liberdade, trocaram *Ziyou* por *Shiyou*, que significa azeite de caqui.

³⁴ O mais alto grau literário da dinastia Ching (1644-1911). Hanlin – o nome do assistente literário do imperador desde a Dinastia Tang. Nas dinastias Ming e Qing, Fan Jinshi foi escolhido para servir na Academia Imperial. Conhecido como Hanlin, era responsável por compilar a história nacional, redigir documentos etc. e era um cargo de funcionário público de alto nível.

³⁵ 劉海蟾. Ser imortal das lendas do folclore chinês, sempre representado com cabelo flutuante. Na religião popular está associado à riqueza e felicidade; as suas apresentações, nas quais os artistas gradualmente o rejuvenesceram, foram muito populares durante os tempos Ming e Qing. Ainda aparece às vezes nas gravuras de Ano Novo quando muito jovem ou criança segurando uma série de moedas na companhia dum sapo de três patas. Sob a influência do sincretismo religioso, a sua figura na iconografia às vezes é confundida com a do monge budista Shide (捨得).

A Q foi na ponta dos pés e parou atrás de Chao Bai-yan, com a intenção de cumprimentar, mas sem saber o que dizer. Era óbvio que não podia chamá-lo de Falso Demo Estrangeiro, ou «Estrangeiro», ou «Revolucionário»; talvez a melhor coisa a fazer fosse chamá-lo de «Senhor Estrangeiro».

Mas o Senhor Estrangeiro não o tinha visto, porque falava com os olhos para o céu, numa forma muito animada:

– Eu sou uma pessoa impulsiva, por isso, quando nos conhecemos, continuei dizendo: «Irmão Hong, vamos ao que interessa.» Mas ele sempre respondia «Nein!³⁶» (Esta é uma palavra estrangeira que vocês não conhecem.) Do contrário, há muito tempo teríamos tido sucesso. No entanto, este é um exemplo de como é prudente. Repetidamente me pediu para ir para a província de Hubei³⁷; eu não quis. Quem vai querer trabalhar numa sede de distrito tão insignificante?...

– Oh... Hem... – A Q esperou que fizesse uma pausa e então reuniu toda a sua coragem para falar; mas, por uma razão ou outra, não o chamou de Senhor Estrangeiro.

Os quatro homens que haviam ouvido o Senhor Chian assustaram-se e viraram-se para olhar para A Q. O Senhor Estrangeiro viu-o também pela primeira vez.

– O que?

– Eu...

– Fora!

– Quero me juntar...

– Fora! – disse o Senhor Estrangeiro, levantando o «bastão de duelo». Chao Bai-yan e os outros gritaram em uníssono:

– O Senhor Chian manda-te sair, não estás ouvindo?

A Q ergueu as mãos para proteger a cabeça e fugiu pela porta sem pensar duas vezes; e desta vez o Senhor Estrangeiro não o perseguiu. Depois de correr mais de sessenta passos, começou a desacelerar e então sentiu-se muito desanimado porque, se o Senhor Estrangeiro não permitia que ele se tornasse um revolucionário, não havia saída. No futuro, não poderia esperar que alguém com capacetes brancos e armadura viesse procurá-lo. A sua aspiração, objetivo, esperança e futuro foram destruídos numa só vez. O facto de que a notícia do seu infortúnio se espalhasse e se tornasse motivo de chacota para outros homens como Pequeno D e Bigodes Wang era de secundária importância.

Acreditava que nunca se sentira tão apático. Até mesmo a torção da sua trança em torno da sua cabeça parecia inútil e até ridícula. Como vingança, ficou tentado a deixar a trança pendurada novamente, mas não o fez. Vagou até o anoitecer e, depois de pedir duas taças de vinho a crédito e de tomá-las, começou a se sentir melhor e diante de seus olhos surgiram visões fragmentadas de capacetes e armaduras brancas.

Errou o dia todo, como tinha de costume, até tarde da noite. Somente quando a taberna estava prestes a fechar começou o retorno ao Templo dos Deuses Tutelares.

– Bang!... Paff!

Um ruído incomum alcançou os seus ouvidos; não podiam ser fogos de artifício. Sempre gostou da emoção e meter o nariz nos negócios dos outros, de modo que começou a procurar a causa do barulho no escuro. Pensou ter ouvido passos à frente e começou a escutar. De repente, um homem correu na direção oposta à dele. Assim que A Q o viu, virou-se e começou a segui-lo o mais rápido que podia. Quando o homem dobrou uma esquina, A Q fez o mesmo, e quando o estranho parou, A Q também se deteve. Não havia ninguém mais atrás; aquele homem era Pequeno D.

– O que aconteceu? – perguntou A Q ressentido.

– Chao... a família Chao foi saqueada, – abafou Pequeno D.

O coração de A Q deu um salto. Depois de dizer o precedente, Pequeno D foi embora. A Q continuou correndo, parando duas ou três vezes. Mas como ele também tinha pertencido ao ofício, sentiu-se extraordinariamente corajoso e ousou sair do abrigo dum canto e aí começou a prestar o ouvido com atenção. Pensou ter ouvido gritos. Olhou também atentamente e pensou ter visto um grupo de homens com capacetes e armaduras brancas, carregando baús, móveis; levando até a cama de Ningbó da esposa do bacharel; não podia, entretanto, ver tudo muito claramente. Quis se aproximar, mas os seus pés haviam se enraizado no chão.

Não havia luar naquela noite e Weichuang estava silencioso e imóvel na escuridão completa, tão quieto como nos dias pacíficos do antigo imperador Fusi³⁸. A Q estivo ali até perder o interesse quando percebeu que tudo parecia igual a antes. À distância, havia gente se movendo de lá para cá, carregando baús, móveis e até a cama de Ningbó da esposa do bacharel... transportando e transportando até duvidar dos seus próprios olhos. Mas A Q decidiu não se aproximar e voltou ao seu Templo.

Estava ainda mais escuro no Templo dos Deuses Tutelares. Depois de fechar a grande porta, bateu o caminho para seu quarto, e só depois de ter descansado por um longo tempo encontrou calma o suficiente para pensar nas consequências para ele de tudo aquilo. Sem dúvida haviam chegado os homens de capacetes e armaduras brancas, mas não tinham vindo visitá-lo; haviam tirado muitas coisas, mas ele não tinha a sua parte... Isto era culpa do Falso Demo Estrangeiro, que o deixou fora da rebelião. Do contrário, como não haveria ter participação?

³⁶ Em alemão, Não!

³⁷ Literalmente Hubei significa ao norte do Lago Dongting ou Dong. É uma das vinte e duas províncias da República Popular da China. A sua capital e a cidade mais populosa é Wuhan. Nesta região é onde está situada a Represa das Três Gargantas, açude hidrelétrica de gravidade que atravessa o rio Yangtze pela cidade de Sandouping, na prefeitura de Yichang.

³⁸ Um dos primeiros monarcas lendários da China.

Quanto mais pensava, mais furioso ficava, até atingir o paroxismo da raiva; balançando a cabeça maliciosamente, exclamou:

– De maneira que não há rebelião comigo, hein? Tudo para ti, não é? Seu filho da puta, Falso Demo Estrangeiro... Muito bem: fica com a tua rebelião! O castigo dos rebeldes é a decapitação. Terei que me tornar um informante para ver como te levam para a cidade, para cortar a tua cabeça... a ti e toda a tua família ... Mata, mata!

CAPÍTULO IX

O GRANDE FINAL

Após o saque da família Chao, a maioria das pessoas de Weichuang ficou satisfeita, mas temerosa, e A Q não foi exceção. Mas quatro dias depois, A Q foi arrastado para a cidade sem prévio aviso, no meio da noite. Era uma noite escura quando um esquadrão de soldados, um esquadrão da milícia, um esquadrão da polícia e cinco homens do serviço secreto entraram silenciosamente em Weichuang e, sob o manto da escuridão, cercaram o Templo dos Deuses Tutelares, montando uma metralhadora na frente da entrada. Mas A Q não se lançou fora. Por muito tempo, nada se moveu no templo. O capitão impacientou-se e ofereceu uma recompensa de vinte mil sapecas. Só então dois milicianos se atreveram a arriscar, saltaram o muro e entraram no interior. E todos eles arrastaram A Q. Mas não se começou a evacuar até que o tiraram do templo e o levaram perto da metralhadora.

Já era meio-dia quando chegaram à cidade e A Q foi arrastado para um *yamen*³⁹ em ruínas; depois de virar quatro ou cinco vezes pelas galerias, foi forçado a entrar numa pequena sala. Mal havia tropeçado na soleira quando a porta de treliça de madeira, feita de toros inteiros, rangeu fechando nos seus calcanhares. O resto da sala consistia em três paredes. Olhou com atenção em volta e viu dois outros indivíduos num canto.

Embora A Q se sentisse um tanto inquieto, não estava muito deprimido, porque o seu quarto no Templo dos Deuses Tutelares não era melhor do que este. Os outros dois também pareciam ser aldeãos. Aos poucos começaram a conversar e um deles disse-lhe que o senhor licenciado no exame provincial queria processá-lo pelo aluguel que lhe devia a seu avô; o outro não sabia por que estava ali. Quando A Q foi questionado respondeu francamente:

– Porque queria rebelião.

Naquela tarde, conduziram-no pela porta gradeada e levaram-no a um grande estrado, no qual um velho estava sentado com a cabeça totalmente raspada. A Q se perguntava se não seria um monge, mas quando viu que abaixo havia uma fila de soldados em pé e cerca de dez homens em mantos longos de cada lado do velho, alguns com a cabeça completamente raspada como o último, e outros com cabelos dum pé de comprimento pendurado sobre os ombros, assim como o Falso Demo Estrangeiro, mas todos olhando com rostos ferozes para ele, percebeu que este homem devia ser um personagem importante. Os seus joelhos imediatamente ficaram moles e caiu de joelhos.

– Levanta-te para falar! Não de joelhos! – gritaram em coro os homens de togas compridas.

Embora A Q parecesse entender, não se sentia capaz de levantar-se; involuntariamente, ficou de quatro e o melhor que pôde fazer foi finalmente ajoelhar-se novamente.

– Espírito de escravos!... exclamaram os homens de toga com desprezo, ainda que não insistissem que se levantasse.

– Diz a verdade e a tua pena será menos dura – disse o velho de cabeça raspada, com voz calma e clara, fixando os olhos em A Q –. Sei tudo. Quando confessar, te libertarei.

– Confessa! -repetiram em voz alta os da toga.

– Na verdade, eu queria... vir... – murmurou A Q confusamente, após alguma mal distinta reflexão.

– Nesse caso, porque não vieste? – perguntou o velho gentilmente.

– Falso Demo Estrangeiro não me deixou.

– Absurdo! É muito tarde para falar sobre isso agora. Onde estão teus cúmplices?

– O que?...

– Aqueles que roubaram naquela noite a família Chao.

– Não vieram me procurar. Eles próprios pegaram as cousas –. O recorde indignou A Q.

– Onde foram? Quando mo contes, vou deixar te ir – disse o velho ainda mais gentilmente.

– Não sei... Não vieram me procurar...

Então, a um piscar de olhos do velho, A Q foi levado de volta para a prisão, de onde só saiu na manhã seguinte.

Tudo era igual no estrado. O velho com a cabeça raspada continuava sentado no cimo e A Q ajoelhou-se novamente.

– Tens mais alguma coisa a dizer? - perguntou o velho suavemente.

³⁹ Lugar público na China pré-revolucionária, semelhante a alguns significados da palavra magistrado: era a residência dum funcionário e os seus assistentes mu yu 幕友, que, de acordo com a lei, não tinham o direito de vir da população local. A posição oficial da residência ditava outros componentes obrigatórios do complexo do yamen: um local para receber visitantes, um tribunal, uma prisão, um tesouro e um arsenal. Os yamens estavam localizados em todas as cidades do condado (县 xián, 1500 no Império Qin), o que determinou o nível mais baixo de presença do governo imperial centralizado.

– A Q pensou e não encontrou nada a dizer, de modo que respondeu: Nada.

Então, um homem com uma comprida sobrecasaca trouxe uma folha de papel e passou um pincel para A Q. A Q estava tão assustado que quase caiu a sua alma, porque esta era a primeira vez na sua vida que a sua mão tocava um pincel para escrever. Estava quebrando a cabeça para encontrar uma maneira de pegá-lo quando o homem apontou para um ponto no papel e disse para colocar o seu nome.

– Eu... eu... eu não sei escrever – disse A Q, chocado e envergonhado, pegando o pincel.

– Nesse caso, será mais fácil para ti fazer um círculo.

A Q tentou traçar um círculo, mas a mão que segurava o pincel tremia tanto que o homem colocou o papel no chão. A Q se abaixou e circulou com tanto fervor como se a vida dependesse disso. Estava com medo de que rissem dele e decidiu contornar-lo; mas o maldito pincel não apenas era muito pesado, senão que não queria obedecer, serpenteando para frente e para trás; quando a linha estava para se juntar, se torceu novamente, formando uma figura na forma de semente de melão.

Pondo A Q com a vergonha de não ter conseguido desenhar um círculo redondo, aquele indivíduo pegou o papel e o pincel sem comentários; então algumas pessoas levaram-no de volta para a sala com a porta gradeada.

Desta vez não estava particularmente irritado ao passar pela porta. Supôs que neste mundo o destino de cada um consistia em ser colocado dentro e fora da prisão e desenhar círculos no papel; só porque o círculo não era completamente redondo sentiu que a sua reputação havia sido manchada. Mas logo recuperou a compostura dizendo: – Só os idiotas podem desenhar círculos redondos – e com esse pensamento adormeceu.

Mas naquela noite o senhor licenciado no exame provincial não conseguiu dormir porque brigou com o capitão. O licenciado no exame provincial insistiu que o mais importante era recuperar as cousas roubadas, enquanto o capitão argumentou que deveria ser dado primeiro um escarmento público. Nos últimos dias, o capitão passara a tratar o licenciado no exame provincial com desdém; e assim, batendo na mesa com o punho, declarou: «Castiguemos uns para escarmentar cem! Agora, sou membro do partido revolucionário há menos de vinte dias e já houve mais de dez roubos, nenhum dos quais foi revelado; e pode se ver o quão ruim cai isso para o meu prestígio. E agora que um foi esclarecido, você começa a discutir como um pedante. Não senhor! Este negócio é meu.»

O senhor licenciado no exame provincial ficou muito chateado, mas insistiu, alegando que se os bens roubados não fossem recuperados, renunciaria imediatamente ao cargo de administrador civil adjunto.

– Como você quiser! – disse o capitão.

Consequentemente, o senhor licenciado no exame provincial não dormiu naquela noite, mas, felizmente, não apresentou a sua renúncia no dia seguinte.

A Q foi feito sair da prisão pela terceira vez na manhã seguinte à noite em que o senhor licenciado no exame provincial não conseguiu dormir. Quando chegou ao grande estrado, o velho com a cabeça raspada continuava sentado, como habitualmente, e A Q ajoelhou-se como sempre.

Muito gentilmente, o velho perguntou:

– Tens mais alguma coisa a dizer?

A Q refletiu e concluiu que não havia nada a dizer, de modo que respondeu:

– Nada.

Uns homens em túnicas longas e jaquetas curtas colocaram de repente nele um colete branco de tecido fino, com hieróglifos negros pintados nele. A Q ficou consideravelmente enojado e ultrajado, porque era muito parecido com um traje de luto e usar luto era um mau agouro. Ao mesmo tempo prenderam as suas mãos atrás das costas e conduzido para fora do *yamen*.

A Q foi carregado num carro aberto e vários homens de jaquetas curtas sentaram ao lado dele. A carroça partiu imediatamente. À frente estava um grupo de soldados e milicianos carregando rifles estrangeiros nos ombros e, de cada lado, uma multidão de boquiabertos espectadores; o que estava para trás, A Q não conseguia ver. Mas de repente ocorreu-lhe: – Não irão cortar a minha cabeça? – Ficou terrivelmente alarmado e tudo escureceu diante dos seus olhos, ao mesmo tempo em que sentia um zumbido nos ouvidos, como se tivesse desmaiado. Mas realmente não desmaiou de modo total. Embora às vezes se sentisse inquieto, permaneceu calmo; Imaginava que, neste mundo, provavelmente era o destino de todos ter alguma vez a cabeça cortada.

Ainda reconheceu o caminho e ficou um pouco surpreso: por que não iam para o patíbulo? A Q não sabia que estava desfilar pelas ruas como escarmento público. Mas, se ele soubesse, teria sido o mesmo; apenas teria pensado que neste mundo era o destino de todos servir em algum momento de exemplo público.

Então percebeu que estavam fazendo um desvio para o cadafalso, de maneira que certamente teria a sua cabeça cortada. Olhou confuso para a multidão, que, como formigas, rastejava dos dois lados e, inesperadamente, entre a multidão na rua, avistou Ama Wu. Então era por isso que não a via há tanto tempo: ela estava trabalhando na cidade.

A Q sentiu-se subitamente envergonhado da sua falta de coragem, porque não havia cantado nenhum verso de ópera. Os seus pensamentos giravam na sua cabeça como um redemoinho: *A jovem viúva no túmulo de seu marido* não era heroica o suficiente. As palavras «*Sinto muito por ter matado...*» de *A batalha do dragão e do tigre* eram muito pobres. «*Vou te esmagar com a minha maça de aceiro*» era o melhor ajuste até agora. Mas quando quis erguer as mãos, lembrou-se de que estavam amarradas; de jeito que também não cantou «*Vou te esmagar*».

«Daqui a vinte anos serei outro...»⁴⁰ – A Q, agitado, dixo metade dum provérbio que lhe véu à mente embora nunca o tivesse aprendido, nem dit antes.

⁴⁰ «Em vinte anos serei outro homem corpulento», era uma frase usada frequentemente por criminosos antes da execução, para mostrar o seu desprezo pela morte. Como acreditavam na transmigração das almas, pensavam que após a morte as suas almas seriam introduzidas em outros corpos.

– Bravo! vociferou a multidão, com um rugido de lobo.

A carroça avançava sem parar. Em meio aos aplausos, os olhos de A Q giraram em busca de Ama Wu, mas ela, olhando simplesmente absorta para os rifles estrangeiros que carregavam os soldados, parecia não tê-lo visto.

Então A Q lançou outro olhar para a multidão que o aclamava.

Naquele momento, os seus pensamentos giraram na sua cabeça como um remoinho. Quatro anos antes, ao pé da montanha, encontrara um lobo faminto que o seguia a uma distância fixa, com óbvias intenções de comê-lo. Quase morreu de medo, mas felizmente tinha, na época, um facão na mão, o que lhe deu coragem para voltar a Weichuang. Nunca tinha esquecido os olhos do lobo, ferozes e covardes, que brilhavam como dous fogos-fátuos, perfurando a sua pele ao longe. Mas agora via olhos mais terríveis do que nunca, obtusos e agudos; que pareciam ter devorado as suas palavras, e ainda estavam ansiosos para devorar mais do que sua carne e o seu sangue. E estes olhos seguiam-no sempre numa distância fixa.

Parecia que esses olhos se juntaram num só, mordendo a alma.

– Socorro, socorro!...

Mas A Q não conseguiu pronunciar essas palavras. Tudo ficou negro diante dos seus olhos, sentiu um zumbido nos ouvidos como se todo o seu corpo se desintegrasse como leve poeira.

Quanto às consequências subsequentes do roubo, o mais afectado foi o senhor licenciado no exame provincial, pois os bens furtados nunca foram recuperados. A sua família inteira lamentava amargamente. Depois vinha a casa de Chao, porque quando o bacharel foi à cidade denunciar o furto, não só cortaram a sua trança os maus revolucionários, mas teve que pagar vinte mil sapecas. Portanto, a família Chao como um todo também lamentou amargamente. Desde aquele dia adotaram o ar típico de sobreviventes numa dinastia derrubada.

Quanto à elucidação dos acontecimentos pela opinião pública, não houve objeções em Weichuang, porque naturalmente todos disseram que A Q devia ser um mau homem e a prova de que era mau era que tinha sido fuzilado; porque se não fosse ruim, como poderiam fuzilá-lo? Mas a opinião na cidade era desfavorável; muitos estavam insatisfeitos porque consideravam que o fuzilamento era muito menos espetacular do que a decapitação. E que condenado mais ridículo, além disso; havia passado por tantas ruas sem cantar um único verso de ópera. Seguiram-no por nada.

Dezembro de 1921



Fotograma da adaptação cinematográfica em 1981 do diretor Cen Fan de "A Verdadeira História de A Q". O filme foi protagonizado por: Yan Shukai, Li Wei, Jin Yikang, Zhan Youyun, Wng Suyu, Li Dingbao, Que Yunxiang e Shi Ling (na imagem Yan Shukai no papel de A Q) em: <https://read01.com/L2DzPNa.html#.X4IK5mgza70>

阿Q正傳

第一章

序

我要給阿Q做正傳，已經不止一兩年了。但一面要做，一面又往回想，這足見我不是一個“立言”的人，因為從來不朽之筆，須傳不朽之人，於是人以文傳，文以人傳——究竟誰靠誰傳，漸漸的不甚瞭然起來，而終於歸接到傳阿Q，仿佛思想裏有鬼似的。

然而要做這一篇速朽的文章，纔下筆，便感到萬分的困難了。第一是文章的名目。孔子曰，“名不正則言不順”。這原是應該極註意的。傳的名目很繁多：列傳，自傳，內傳，外傳，別傳，家傳，小傳……，而可惜都不合。“列傳”麼，這一篇並非和許多闊人排在“正史”裏；“自傳”麼，我又並非就是阿Q。說是“外傳”，“內傳”在那裏呢？倘用“內傳”，阿Q又決不是神仙。“別傳”呢，阿Q實在未曾有大總統上諭宣付國史館立“本傳”——雖說英國正史上並無“博徒列傳”，而文豪迭更司也做過這一部書，但文豪則可，在我輩卻不可。其次是“家傳”，則我既不知與阿Q是否同宗，也未曾受他子孫的拜託；或“小傳”，則阿Q又更無別的“大傳”了。總而言之，這一篇也便是“本傳”，但從我的文章著想，因為文體卑下，是“引車賣漿者流”所用的話，所以不敢僭稱，便從不入三教九流的小說家所謂“閑話休題言歸正傳”這一句套話裏，取出“正傳”兩個字來，作為名目，即使與古人所撰《書法正傳》的“正傳”字面上很相混，也顧不得了。

第二，立傳的通例，開首大抵該是“某，字某，某地人也”，而我並不知道阿Q姓什麼。有一回，他似乎是姓趙，但第二日便模糊了。那是趙太爺的兒子進了秀才的時候，鑼聲鏗鏘的報到村裏來，阿Q正喝了兩碗黃酒，便手舞足蹈的說，這於他也很光采，因為他和趙太爺原來是本家，細細的排起來他還比秀才長三輩呢。其時幾個旁聽人倒也肅然的有些起敬了。那知道第二天，地保便叫阿Q到趙太爺家裏去；太爺一見，滿臉灘朱，喝道：

“阿Q，你這渾小子！你說我是你的本家麼？”

阿Q不開口。

趙太爺愈看愈生氣了，搶進幾步說：“你敢胡說！我怎麼會有你這樣的

本家？你姓趙麼？”阿Q不開口，想往後退了；趙太爺跳過去，給了他一

個嘴巴。

“你怎麼會姓趙！——你那裏配姓趙！”

阿Q並沒有抗辯他確鑿姓趙，只用手摸著左頰，和地保退出去了；外面又被地保訓斥了一番，謝了地保二百文酒錢。知道的人都說阿Q太荒唐，自己去招打；他大約未必姓趙，即使真姓趙，有趙太爺在這裏，也不該如此胡說的。此後便再沒有人提起他的氏族來，所以我終於不知道阿Q究竟什麼姓。

第三，我又不知道阿Q的名字是怎麼寫的。他活著的時候，人都叫他阿Quei，死了以後，便沒有一個人再叫阿Quei了，那裏還會有“著之竹帛”的事。若論“著之竹帛”，這篇文章要算第一次，所以先遇著了這第一個難關。我曾仔細想：阿Quei，阿桂還是阿貴呢？倘使他號月亭，或者在八月間做過生日

，那一定是阿桂了；而他既沒有號——也許有號，只是沒有人知道他，——又未嘗散過生日徵文的帖子：寫作阿桂，是武斷的。又倘使他有一位老兄或令弟叫阿富，那一定是阿貴了；而他又只是一個人：寫作阿貴，也沒有佐證的。其餘音Quei的偏僻字樣，更加湊不上了。先前，我也曾問過趙太爺的兒子茂才先生，誰料博雅如此公，竟也茫然，但據結論說，是因為陳獨秀辦了提倡洋字，所以國粹淪亡，無可查考了。我的最後的手段，只有托一個同鄉去查阿Q犯事的案卷，八個月之後纔有回信，說案卷裏並無與阿Quei的聲音相近的人。我雖不知道是真沒有，還是沒有查，然而也再沒有別的方法了。生怕註音字母還未通行，只好用了“洋字”，照英國流行的拼法寫他為阿Quei，略作阿Q。這近於盲從《新青年》，自己也很抱歉，但茂才公尚且不知，我還有什麼好辦法呢。

第四，是阿Q的籍貫了。倘他姓趙，則據現在好稱郡望的老例，可以照《郡名百家姓》上的註解，說是“隴西天水人也”，但可惜這姓是不甚可靠的，因此籍貫也就有些決不定。他雖然多住未莊，然而也常常宿在別處，不能說是未莊人，即使說是“未莊人也”，也仍然有乖史法的。

我所聊以自慰的，是還有一個“阿”字非常正確，絕無附會假借的缺點，頗可以就正於通人。至於其餘，卻都非淺學所能穿鑿，只希望有“歷史癖與考據癖”的胡適之先生的門人們，將來或者能夠尋出許多新端緒來，但是我這《阿Q正傳》到那時卻又怕早經消滅了。

以上可以算是序。

第二章

優勝紀略

阿Q不獨是姓名籍貫有些渺茫，連他先前的“行狀”也渺茫。因為未莊的人們之於阿Q，只要他幫忙，只拿他玩笑，從來沒有留心他的“行狀”的。而阿Q自己也不說，獨有和別人口角的時候，間或瞪著眼睛道：

“我先前——比你闊的多啦！你算是什麼東西！”

阿Q沒有家，住在未莊的土穀祠裏；也沒有固定的職業，只給人家做短工，割麥便割麥，舂米便舂米，撐船便撐船。工作略長久時，他也或住在臨時主人的家裏，但一完就走了。所以，人們忙碌的時候，也還記起阿Q來，然而記起的是做工，並不是“行狀”；一閑空，連阿Q都早忘卻，更不必說“行狀”了。只是有一回，有一個老頭子頌揚說：“阿Q真能做！”這時阿Q赤著膊，懶洋洋的瘦伶仃的正在他面前，別人也摸不著這話是真心還是譏笑，然而阿Q很喜歡。

阿Q又很自尊，所有未莊的居民，全不在他眼神裏，甚而至於對於兩位“文童”也有以為不值一笑的神情。夫文童者，將來恐怕要變秀才者也；趙太爺錢太爺大受居民的尊敬，除有錢之外，就因為都是文童的爹爹，而阿Q在精神上獨不表格外的崇奉，他想：我的兒子會闊得多啦！加以進了幾回城，阿Q自然更自負，然而他又很鄙薄城裏人，譬如用三尺三寸寬的木板做成的凳子，未莊人叫“長凳”，他也叫“長凳”，城裏人卻叫“條凳”，他想：這是錯的，可笑！油煎大頭魚，未莊都加上半寸長的蔥葉，城裏卻加上切細的蔥絲，他想：這也是錯的，可笑！然而未莊人真是不見世面的可笑的鄉下人呵，他們沒有見過城裏的煎魚！

阿Q“先前闊”，見識高，而且“真能做”，本來幾乎是一個“完人”了，但可惜他體質上還有一些缺點。最惱人的是在他頭皮上，頗有幾處不知於何時的癩瘡。這雖然也在他身上，而看阿Q的意思，倒也似乎以為不足貴的，因為他諱說“癩”以及一切近於“賴”的音，後來推而廣之，“光”也諱，“亮”也諱，再後來，連“燈”“燭”都諱了。一犯諱，不問有心與無心，阿Q便全疤通紅的發起怒來，估量了對手，口訥的他便罵，氣力小的他便打；然而不知怎麼一回事，總還是阿Q吃虧的時候多。於是他漸漸的變換了方針，大抵改為怒目而視了。

誰知道阿Q採用怒目主義之後，未莊的閑人們便愈喜歡玩笑他。一見面，他們便假作吃驚的說：

“噲，亮起來了。”

阿Q照例的發了怒，他怒目而視了。

“原來有保險燈在這裏！”他們並

不怕。阿Q沒有法，只得另外想

出報復的話來：

“你還不配……”這時候，又仿佛在他頭上的是一種高尚的光容的癩頭瘡，並非平常的癩頭瘡了；但上文說過，阿Q是有見識的，他立刻知道和“犯忌”有點抵觸，便不再往底下說。

閒人還不完，只撩他，於是終而至於打。阿Q在形式上打敗了，被人揪住黃辮子，在壁上碰了四五個響頭，閒人這纔心滿意足的得勝的走了，阿Q站了一刻，心裏想，“我總算被兒子打了，現在的世界真不像樣……”於是也心滿意足的得勝的走了。

阿Q想在心裏的，後來每每說出口來，所以凡是和阿Q玩笑的人們，幾乎全知道他有這一種精神上的勝利法，此後每逢揪住他黃辮子的時候，人就先一著對他說：

“阿Q，這不是兒子打老子，是人打畜生。自己說：人打畜生！”

阿Q兩隻手都捏住了自己的辮根，歪著頭，說道：

“打蟲豸，好不好？我是蟲豸——還不放麼？”

但雖然是蟲豸，閒人也並不放，仍舊在就近什麼地方給他碰了五六個響頭，這纔心滿意足的得勝的走了，他以為阿Q這回可遭了瘟。然而不到十秒鐘

，阿Q也心滿意足的得勝的走了，他覺得他是第一個能夠自輕自賤的人，除了“自輕自賤”不算外，餘下的就是“第一個”。狀元不也是“第一個”麼？“你算是什麼東西”呢！？

阿Q以如是等等妙法剋服怨敵之後，便愉快的跑到酒店裏喝幾碗酒，又和別人調笑一通，口角一通，又得了勝，愉快的回到土穀祠，放倒頭睡著了。假使有錢，他便去押牌寶，一堆人蹲在地面上，阿Q即汗流滿面的夾在這中間，聲音他最響：

“青龍四百！”

“咳～～開～～啦！”樁家揭開盒子蓋，也是汗流滿面的唱。“天門啦～～角回啦～～！人和穿堂空在那裏啦～～

！阿Q的銅錢拿過來～～！”“穿堂一百——一百五十！”

阿Q的錢便在這樣的歌吟之下，漸漸的輸入別個汗流滿面的人物的腰間。他終於只好擠出堆外，站在後面看，替別人著急，一直到散場，然後戀戀的回到土穀祠，第二天，腫著眼睛去工作。

但真所謂“塞翁失馬安知非福”罷，阿Q不幸而贏了一回，他倒幾乎失敗了。

這是未莊賽神的晚上。這晚上照例有一臺戲，戲臺左近，也照例有許多的賭攤。做戲的鑼鼓，在阿Q耳朵裏仿佛在十里之外；他只聽得樁家的歌唱了

。他贏而又贏，銅錢變成角洋，角洋變成大洋，大洋又成了疊。他興高采烈得非常：

“天門兩塊！”

他不知道誰和誰為什麼打起架來了。罵聲打聲腳步聲，昏頭昏腦的一大陣，他纔爬起來，賭攤不見了，人們也不見了，身上有幾處很似乎有些痛，似乎也挨了幾拳幾腳似的，幾個人詫異的對他看。他如有所失的走進土穀祠，定一定神，知道他的一堆洋錢不見了。趕賽會的賭攤多不是本村人，還到那裏去尋根柢呢？

很白很亮的一堆洋錢！而且是他的——現在不見了！說是算被兒子拿去了罷，總還是忽忽不樂；說自己是蟲豸罷，也還是忽忽不樂；他這回纔有些感到失敗的苦痛了。

但他立刻轉敗為勝了。他擎起右手，用力的在自己臉上連打了兩個嘴巴，熱刺刺的有些痛；打完之後，便心平氣和起來，似乎打的是自己，被打的是別一個自己，不久也就仿佛是自己打了別個一般，——雖然還有些熱刺刺，——心滿意足的得勝的躺下了。

他睡著了。

第三章

續優勝記略

然而阿Q雖然常優勝，卻直待蒙趙太爺打他嘴巴之後，這纔出了名。

他付過地保二百文酒錢，憤憤的躺下了，後來想：“現在的世界太不成話，兒子打老子……”於是忽而想到趙太爺的威風，而現在是他的兒子了，便自己也漸漸的得意起來，爬起身，唱著《小孤孀上墳》到酒店去。這時候，他又覺得趙太爺高人一等了。

說也奇怪，從此之後，果然大家也仿佛格外尊敬他。這在阿Q，或者以為因為他是趙太爺的父親，而其實也不然。未莊通例，倘如阿七打阿八，或者李四打張三，向來本不算口實。一上口實，則打的既有名，被打的也就托庇有了名。至於錯在阿Q，那自然是不必說。所以者何？就因為趙太爺是不會錯的。但他既然錯，為什麼大家又仿佛格外尊敬他呢？這可難解，穿鑿起來說，或者因為阿Q說是趙太爺的本家，雖然挨了打，大家也還怕有些真，總不如尊敬一些穩當。否則，也如孔廟裏的太牢一般，雖然與豬羊一樣，同是畜生，但既經聖人下

箸，先儒們便不敢妄動了。阿Q此後倒得意了許多年。

有一年的春天，他醉醺醺的在街上走，在牆根的日光下，看見王胡在那裏赤著膊捉蝨子，他忽然覺得身上也癢起來了。這王胡，又癩又胡，別人都叫他王癩胡，阿Q卻刪去了一個癩字，然而非常渺視他。阿Q的意思，以為癩是不足為奇的，只有這一部絡腮鬍子，實在太新奇，令人看不上眼。他於是併排坐下去了。倘是別的閑人們，阿Q本不敢大意坐下去。但這王胡旁邊，他有什麼怕呢？老實說：他肯坐下去，簡直還是抬舉他。

阿Q也脫下破夾襖來，翻檢了一回，不知道因為新洗呢還是因為粗心，許多工夫，只捉到三四個。他看那王胡，卻是一個又一個，兩個又三個，只放在嘴裏畢畢剝剝的響。

阿Q最初是失望，後來卻不平了：看不上眼的王胡尚且那麼多，自己倒反這樣少，這是怎樣的大失體統的事呵！他很想尋一兩個大的，然而竟沒有，好容易纔捉到一個中的，恨恨的塞在厚嘴唇裏，狠命一咬，劈的一聲，又不及王胡的響。

他癩瘡疤塊塊通紅了，將衣服摔在地上，吐一口唾沫，說：

“這毛蟲！”

“癩皮狗，你罵誰？”王胡輕蔑的抬起眼來說。

阿Q近來雖然比較的受人尊敬，自己也更高傲些，但和那些打慣的閑人們見面還膽怯，獨有這回卻非常武勇了。這樣滿臉鬍子的東西，也敢出言無狀麼？

“誰認便罵誰！”他站起來，兩手叉在腰間說。

“你的骨頭癢了麼？”王胡也站起來，披上衣服說。

阿Q以為他要逃了，搶進去就是一拳。這拳頭還未達到身上，已經被他抓住了，只一拉，阿Q蹣跚踉蹌的跌進去，立刻又被王胡扭住了辮子，要拉到牆上照例去碰頭。

“‘君子動口不動手’！”阿Q歪著頭說。

王胡似乎不是君子，並不理會，一連給他碰了五下，又用力的一推，至於阿Q跌出六尺多遠，這纔滿足的去了。

在阿Q的記憶上，這大約要算是生平第一件的屈辱，因為王胡以絡腮鬍子的缺點，向來只被他奚落，從沒有奚落他，更不必說動手了。而他現在竟動手，很意外，難道真如市上所說，皇帝已經停了考，不要秀才和舉人了，因此趙家減了威風，因此他們也便小覷了他麼？

阿Q無可適從的站著。

遠遠的走來了一個人，他的對頭又到了。這也是阿Q最厭惡的一個人，就是錢太爺的大兒子。他先前跑上城裏去進洋學堂，不知怎麼又跑到東洋去了，半年之後他回到家裏來，腿也直了，辮子也不見了，他的母親大哭了十幾場，他的老婆跳了三回井。後來，他的母

親到處說，“這辮子是被壞人灌醉了酒剪去了。本來可以做大官，現在只好等留長再說了。”然而阿Q不肯信，偏稱他“假洋鬼子”，也叫作“裏通外國的人”，一見他，一定在肚子裏暗暗的咒罵。

阿Q尤其“深惡而痛絕之”的，是他的一條假辮子。辮子而至於假，就是沒有了做人的資格；他的老婆不跳

第四回井，也不是好女人。這“假洋鬼子”近來了。

“禿兒。驢……”阿Q歷來本只在肚子裏罵，沒有出過聲，這回因為正氣忿，因為要報仇，便不由的輕輕的說出來了。不料這禿兒卻拿著一支黃漆的棍子——就是阿Q所謂哭喪棒——大踢步走了過來。阿Q在這剎那，便知道大約要打了，趕緊抽緊筋骨，聳了肩膀等候著，果然，拍的一聲，似乎確鑿打在自己頭上了。“我說他！”阿Q指著近旁的一個孩子，分辯說。拍！拍拍！

在阿Q的記憶上，這大約要算是生平第二件的屈辱。幸而拍拍的響了之後，於他倒似乎完結了一件事，反而覺得輕鬆些，而且“忘卻”這一件祖傳的寶貝也發生了效力，他慢慢的走，將到酒店門口，早已有些高興了。

但對面走來了靜修庵裏的小尼姑。阿Q便在平時，看見伊也一定要唾罵，而況在屈辱之後呢？他於是發生了回憶，又發生了敵愾了。

“我不知道我今天為什麼這樣晦氣，原來就因為見

了你！”他想。他迎上去，大聲的吐一口唾沫：

“咳，呸！”

小尼姑全不睬，低了頭只是走。阿Q走近伊身旁，突然伸出手去摩著伊新剃的頭皮，呆笑著，說：

“禿兒！快回去，和尚等著你……”

“你怎麼動手動腳……”尼姑滿臉通紅的說，一面趕快走。

酒店裏的人大笑了。阿Q看見自己的勛業得了賞識，便愈加興高采烈起來：

“和尚動得，我動不得？”他扭住伊的面頰。

酒店裏的人大笑了。阿Q更得意，而且為了滿足那些賞鑒家起見，再用力的一擰，纔放手。

他這一戰，早忘卻了王胡，也忘卻了假洋鬼子，似乎對於今天的一切“晦氣”都報了仇；而且奇怪，又仿佛全身比拍拍的響了之後輕鬆，飄飄然的似乎要飛去了。

“這斷子絕孫的阿Q！”遠遠地聽得小尼姑的帶

哭的聲音。“哈哈！”阿Q十分得意的笑。

“哈哈！”酒店裏的人也九分得意的笑。

第四章

戀愛的悲劇

有人說：有些勝利者，願意敵手如虎，如鷹，他纔感得勝利的歡喜；假使如羊，如小雞，他便反覺得勝利的無聊。又有些勝利者，當剋服一切之後，看見死的死了，降的降了，“臣誠惶誠恐死罪死罪”，他於是沒有了敵人，沒有了對手，沒有了朋友，只有自己在上，一個，孤另另，淒涼，寂寞，便反而感到了勝利的悲哀。然而我們的阿Q卻沒有這樣乏，他是永遠得意的：這或者也是中國精神文明冠於全球的一個證據了。

看那，他飄飄然的似乎要飛去了！

然而這一次的勝利，卻又使他有些異樣。他飄飄然的飛了大半天，飄進土穀祠，照例應該躺下便打鼾。誰知道這一晚，他好不容易合眼，他覺得自己的大拇指和第二指有點古怪：仿佛比平常滑膩些。不知道是小尼姑的臉上有一點滑膩的東西粘在他指上，還是他的指頭在小尼姑臉上磨得滑膩了？

……

“斷子絕孫的阿Q！”

阿Q的耳朵裏又聽到這句話。他想：不錯，應該有一個女人，斷子絕孫便沒有人供一碗飯，……應該有一個女人。夫“不孝有三無後為大”，而“若敖之鬼餒而”，也是一件人生的大哀，所以他那思想，其實是樣樣合於聖經賢傳的，只可惜後來有些“不能收其放心”了。

“女人，女人！……”他想。

“……和尚動得……女人，女人！……女人！”他又想。

我們不能知道這晚上阿Q在什麼時候纔打鼾。但大約他從此總覺得指頭有些滑膩，所以他從此總有

些飄飄然；“女……”他想。即此一端，我們便可以知道女人是害人的東西。

中國的男人，本來大半都可以做聖賢，可惜全被女人毀掉了。商是妲己鬧亡的；周是褒姒弄壞的；秦……雖然史無明文，我們也假定他因為女人，大約未必十分錯；而董卓可是的確給貂蟬害死了。

阿Q本來也是正人，我們雖然不知道他曾蒙什麼明師指授過，但他對於“男女之大防”卻歷來非常嚴；也很有排斥異端——如小尼姑及假洋鬼子之類——的正氣。他的學說是：凡尼姑，一定與和尚私通；一個女人在外面走，一定想引誘野男人；一男一女在那裏講話，一定要有勾當了。為懲治他們起見，所以他往往怒目而視，或者大聲說幾句“誅心”話，或者在冷僻處，便從後面擲一塊小石頭。

誰知道他將到“而立”之年，竟被小尼姑害得飄飄然了。這飄飄然的精神，在禮教上是不應該有的，——所以女人真可惡，假使小尼姑的臉上不滑膩，阿Q便不至於被蠱，又假使小尼姑的臉上蓋一層布，阿Q便也不至於被蠱了，——他五六年前，曾在戲臺下的人叢中擰過一個女人的大腿，但因為隔一層褲，所以此後並不飄飄然，——而小尼姑並不然，這也足見異端之可惡。

“女……”阿Q想。

他對於以為“一定想引誘野男人”的女人，時常留心看，然而伊並不對他笑。他對於和他講話的女人，也時常留心聽，然而伊又並不提起關於什麼勾當的話來。哦，這也是女人可惡之一節：伊們全都要裝“假正經”的。

這一天，阿Q在趙太爺家裏舂了一天米，吃過晚飯，便坐在廚房裏吸旱煙。倘在別家，吃過晚飯本可以回去的了，但趙府上晚飯早，雖說定例不准掌燈，一吃完便睡覺，然而偶然也有一些例外：其一，是趙大爺未進秀才的時候，准其點燈讀文章；其二，便是阿Q來做短工的時候，准其點燈舂米。因為這一條例外，所以阿Q在動手舂米之前，還坐在廚房裏吸旱煙。

吳媽，是趙太爺家裏唯一的女僕，洗完了碗碟，也就在長凳上坐下了，而且和阿Q談閑天：

“太太兩天沒有吃飯哩，因為老爺要買一

個小的……”“女人……吳媽……這小孤孀……”

阿Q想。

“我們的少奶奶是八月裏要生孩子了……”

“女人……”阿Q想。

阿Q放下煙管，站了起來。

“我們的少奶奶……”吳媽還嘮叨說。

“我和你困覺，我和你困覺！”阿Q忽然搶上去，

對伊跪下了。一剎時中很寂然。

“阿呀！”吳媽楞了一息，突然發抖，大叫著往外跑，且跑且嚷，似乎後來帶哭了。

阿Q對了牆壁跪著也發楞，於是兩手扶著空板凳，慢慢的站起來，仿佛覺得有些糟。他這時確也有些忐忑了，慌張的將煙管插在褲帶上，就想去舂米。蓬的一聲，頭上著了很粗的一下，他急忙迴轉身去，那秀才便拿了一支大竹杠站在他面前。

“你反了，……你這……”

大竹杠又向他劈下來了。阿Q兩手去抱頭，拍的正打在指節上，這可很有些痛。他衝出廚房門，仿佛背上又著了一下似的。

“忘八蛋！”秀才在後面用了官話這樣罵。

阿Q奔入舂米場，一個人站著，還覺得指頭痛，還記得“忘八蛋”，因為這話是未莊的鄉下人從來不用，專是見過官府的闊人用的，所以格外怕，而印象也格外深。但這時，他那“女……”的思想卻也沒有了。而且打罵之後，似乎一件事也已經收束，倒反覺得一無掛礙似的，便動手去舂米。舂了一會，他熱起來了，又歇了手脫衣服。

脫下衣服的時候，他聽得外面很熱鬧，阿Q生平本來最愛看熱鬧，便即尋聲走出去了。尋聲漸漸的尋到趙太爺的內院裏，雖然在昏黃中，卻辨得出許多人，趙府一家連兩日不吃飯的太太也在內，還有間壁的鄒七嫂，真正本家的趙白眼，趙司晨。

少奶奶正拖著吳媽走出下房來，一面說：

“你到外面來，不要躲在自己房裏想.....”

“誰不知道你正經，短見是萬萬尋不得的。”鄒七嫂也從旁說。

吳媽只是哭，夾些話，卻不甚聽得分明。

阿Q想：“哼，有趣，這小孤孀不知道鬧著什麼玩意兒了？”他想打聽，走近趙司晨的身邊。這時他猛然間看見趙大爺向他奔來，而且手裏捏著一支大竹杠。他看見這一支大竹杠，便猛然間悟到自己曾經被打，和這一場熱鬧似乎有點相關。他翻身便走，想逃回春米場，不圖這支竹杠阻了他的去路，於是他又翻身便走，自然而然的走出後門，不多工夫，已在土穀祠內了。

阿Q坐了一會，皮膚有些起粟，他覺得冷了，因為雖在春季，而夜間頗有餘寒，尚不宜於赤膊。他也記得布衫留在趙家，但倘若去取，又深怕秀才的竹杠。然而地保進來了。

“阿Q，你的媽媽的！你連趙家的用人都調戲起來，簡直是造反。害得我晚上沒有覺睡，你的媽媽的！.....”

如是云云的教訓了一通，阿Q自然沒有話。臨末，因為在晚上，應該送地保加倍酒錢四百文，阿Q正沒有現錢，便用一頂氈帽做抵押，並且訂定了五條件：

- 一 明天用紅燭——要一斤重的——
- 對，香一封，到趙府上去賠罪。二
- 趙府上請道士祓除縊鬼，費用由阿Q
- 負擔。三 阿Q從此不准踏進趙府的門
- 檻。
- 四 吳媽此後倘有不測，惟阿Q
- 是問。五 阿Q不准再去索取工
- 錢和布衫。

阿Q自然都答應了，可惜沒有錢。幸而已經春天，棉被可以無用，便質了二千大錢，履行條約。赤膊磕頭之後，居然還剩幾文，他也不再贖氈帽，統統喝了酒了。但趙家也並不燒香點燭，因為太太拜佛的時候可以用，留著了。那破布衫是大半做了少奶奶八月間生下來的孩子的襯尿布，那小半破爛的便都做了吳媽的鞋底。

第五章

生計問題

阿Q禮畢之後，仍舊回到土穀祠，太陽下去了，漸漸覺得世上有些古怪。他仔細一想，終於省悟過來：其原因蓋在自己的赤膊。他記得破夾襖還在，便披在身上，躺倒了，待張開眼睛，原來太陽又已經照在西牆上頭了。他坐起身，一面說道，“媽媽的……”

他起來之後，也仍舊在街上逛，雖然不比赤膊之有切膚之痛，卻又漸漸的覺得世上有些古怪了。仿佛從這一天起，未莊的女人們忽然都怕了羞，伊們一見阿Q走來，便個個躲進門裏去。甚而至於將近五十歲的鄒七嫂，也跟著別人亂鑽，而且將十一歲的女兒都叫進去了。阿Q很以為奇，而且想：“這些東西忽然都學起小姐模樣來了。這娼婦們……”

但他更覺得世上有些古怪，卻是許多日以後的事。其一，酒店不肯賒欠了；其二，管土穀祠的老頭子說些廢話，似乎叫他走；其三，他雖然記不清多少日，但確乎有許多日，沒有一個人來叫他做短工。酒店不賒，熬著也罷了；老頭子催他走，嚙嚇一通也就算了；只是沒有人來叫他做短工，卻使阿Q肚子餓：這委實是一件非常“媽媽的”的事情。

阿Q忍不下去了，他只好到老主顧的家裏去探問，——但獨不許踏進趙府的門檻，——然而情形也異樣：一定走出一個男人來，現了十分煩厭的相貌，像回覆乞丐一般的搖手道：

“沒有沒有！你出去！”

阿Q愈覺得稀奇了。他想，這些人家向來少不了要幫忙，不至於現在忽然都無事，這總該有些蹊蹺在裏面了。他留心打聽，纔知道他們有事都去叫小D。這小D，是一個窮小子，又瘦又乏，在阿Q的眼睛裏，位置是在王胡之下的，誰料這小子竟謀了他的飯碗去。所以阿Q這一氣，更與平常不同，當氣憤憤的走著的時候，忽然將手一揚，唱道：

“我手執鋼鞭將你打！……”

幾天之後，他竟在錢府的照壁前遇見了小D。“仇人相見分外眼明”，阿Q便迎上去，小D也站住了。

“畜生！”阿Q怒目而視的說，嘴角上飛

出唾沫來。“我是蟲豸，好麼？……”小D

說。

這謙遜反使阿Q更加憤怒起來，但他手裏沒有鋼鞭，於是只得撲上去，伸手去拔小D的辮子。小D一手護住了自己的辮根，一手也來拔阿Q的辮子，阿Q便也將空著的一隻手護住了自己的辮根。從先前的阿Q看來，小D本來是不足齒數的，但他近來挨了餓，又瘦又乏已經不下於小D，所以便成了勢均力敵的現象，四隻手拔著兩顆頭，都彎了腰，在錢家粉牆上印出一個藍色的虹形，至於半點鐘之久。

“好了，好了！”看的人們說，大約是解勸的。

“好，好！”看的人們說，不知道是解勸，是頌揚，還是煽動。

然而他們都不聽。阿Q進三步，小D便退三步，都站著；小D進三步，阿Q便退三步，又都站著。大約半點鐘，——未莊少有自鳴鐘，所以很難說，或者二十分，——他們的頭髮裏便都冒煙，額上便都流汗，阿Q的手放鬆了，在同一瞬間，小D的手也正放鬆了，同時直起，同時退開，都擠出人叢去。

“記著罷，媽媽的……”阿Q回過頭去說。

“媽媽的，記著罷……”小D也回過頭來說。

這一場“龍虎鬥”似乎並無勝敗，也不知道看的人可滿足，都沒有發什麼議論，而阿Q卻仍然沒有人來叫他做短工。

有一日很溫和，微風拂拂的頗有些夏意了，阿Q卻覺得寒冷起來，但這還可擔當，第一倒是肚子餓。棉被，氈帽，布衫，早已沒有了，其次就賣了棉襖；現在褲子，卻萬不可脫的；有破夾襖，又除了送人做鞋底之外，決計賣不出錢。他早想在路邊拾得一錢，但至今還沒有見

；他在自己的城裏忽然尋得一錢，慌忙的覓，但屋內是空虛而目瞭然。於是他携出門求食去了。

他在路上走著要“求食”，看見熟識的酒店，看見熟識的饅頭，但他都走過了，不但沒有暫停，而且並不想要。他所求的不是這類東西了；他求的是什麼東西，他自己不知道。

未莊本不是大村鎮，不多時便走盡了。村外多是水田，滿眼是新秧的嫩綠，夾著幾個圓形的活動的黑點，便是耕田的農夫。阿Q並不賞鑒這田家樂，卻只是走，因為他直覺的知道這與他的“求食”之道是很遠的。但他終於走到靜修庵的牆外了。

庵周圍也是水田，粉牆突出在新綠裏，後面的低土牆裏是菜園。阿Q遲疑了一會，四面一看，並沒有人。他便爬上這矮牆去，扯著何首烏藤，但泥土仍然簌簌的掉，阿Q的腳也索索的抖；終於攀著桑樹枝，跳到裏面了。裏面真是鬱鬱蔥蔥，但似乎並沒有黃酒饅頭，以及此外可吃的之類。靠西牆是竹叢，下面許多筍，只可惜都是並未煮熟的，還有油菜早經結子，芥菜已將開花，小白菜也很老了。

阿Q仿佛文童落第似的覺得很冤屈，他慢慢走近園門去，忽而非常驚喜了，這分明是一畦老蘿蔔。他於是蹲下便拔，而門口突然伸出一個很圓的頭來，又即縮回去了，這分明是小尼姑。小尼姑之流是阿Q本來視若草芥的，但世事須“退一步想”，所以他便趕緊拔起四個蘿蔔，擰下青葉，兜在大襟裏。然而老尼姑已經出來了。

“阿彌陀佛，阿Q，你怎麼跳進園裏來偷蘿蔔！……阿呀，罪過呵，阿唷，

阿彌陀佛！……”“我什麼時候跳進你的園裏來偷蘿蔔？”阿Q且看且走的說

。

“現在……這不是？”老尼姑指著他

的衣兜。“這是你的？你能叫得他

答應你麼？你……”

阿Q沒有說完話，拔步便跑；追來的是一匹很肥大的黑狗。這本來在前門的，不知怎的到後園來了。黑狗哼而且追，已經要咬著阿Q的腿，幸而從衣兜裏落下一個蘿蔔來，那狗給一嚇，略略一停，阿Q已經爬上桑樹，跨到土牆，連人和蘿蔔都滾出牆外面了。只剩著黑狗還在對著桑樹嗅，老尼姑念著佛。

阿Q怕尼姑又放出黑狗來，拾起蘿蔔便走，沿路又撿了幾塊小石頭，但黑狗卻並不再現。阿Q於是拋了石塊，一面走一面吃，而且想道，這裏也沒有什麼東西尋，不如進城去……

待三個蘿蔔吃完時，他已經打定了進城的主意了。

第六章

從中興到末路

在未莊再看見阿Q出現的時候，是剛過了這年的中秋。人們都驚異，說是阿Q回來了，於是又回上去想道，他先前那裏去了呢？阿Q前幾回的上城，大抵早就興高采烈的對人說，但這一次卻並不，所以也沒有一個人留心到。他或者也曾告訴過管土穀祠的老頭子，然而未莊老例，只有趙太爺、錢太爺和秀才大爺上城纔算一件事。假洋鬼子尚且不足數，何況是阿Q：因此老頭子也就不替他宣傳，而未莊的社會上也就無從知道了。

但阿Q這回的回來，卻與先前大不同，確乎很值得驚異。天色將黑，他睡眼蒙眬的在酒店門前出現了，他走近櫃臺，從腰間伸出手來，滿把是銀的和銅的，在櫃上一扔說，“現錢！打酒來！”穿的是新夾襖，看去腰間還掛著一個大搭連，沉鈿鈿的將褲帶墜成了很彎很彎的弧線。未莊老例，看見略有些醒目的人物，是與其慢也寧敬的，現在雖然明知道是阿Q，但因為和破夾襖的阿Q有些兩樣了，古人云，“士別三日便當刮目相待”，所以堂倌，掌櫃，酒客，路人，便自然顯出一種凝而且敬的形態來。掌櫃既先之以點頭，又繼之以談話：

“豁，阿Q，你回來

了！”“回來了。”

“發財發財，你是——在

.....”“上城去了！”

這一件新聞，第二天便傳遍了全未莊。人人都願意知道現錢和新夾襖的阿Q的中興史，所以在酒店裏，茶館裏，廟簷下，便漸漸的探聽出來了。這結果，是阿Q得了新敬畏。

據阿Q說，他是在舉人老爺家裏幫忙。這一節，聽的人都肅然了。這老爺本姓白，但因為合城裏只有他一個舉人，所以不必再冠姓，說起舉人來就是他。這也不獨在未莊是如此，便是一百里方圓之內也都如此，人們幾乎多以為他的姓名就叫舉人老爺的了。在這人的府上幫忙，那當然是可敬的，但據阿Q說，他卻不高興再幫忙了，因為這舉人老爺實在太媽駢的了。這一節，聽的人都嘆息而且快意，因為阿Q本不在舉人老爺家裏幫忙而不幫忙是可惜的。

據阿Q說，他的回來，似乎也由於不滿意城裏人，這就在他們將長凳稱為條凳，而且煎魚用蔥絲，加以最近觀察所得的缺點，是女人的走路也扭得不很好。然而也偶有大可佩服的地方，即如未莊的鄉下人不過打三十二張的竹牌，只有假洋鬼子能夠又“麻醬”，城裏卻連小烏龜子都叉得精熟的。什麼假洋鬼子，只要放在城裏的十幾歲的小烏龜子的手裏，也就立刻是“小鬼見閻王”。這一節，聽的人都報然了。

“你們可看見過殺頭麼？”阿Q說，“咳，好看。殺革命黨。唉，好看好看，.....”他搖搖頭，將唾沫飛在正對面的趙司晨的臉上。這一節，聽的人都凜然了。但阿Q又四面一看，忽然揚起右手，照著伸長脖子聽得出神的王胡的後項窩上直劈下去道：

“嚓！”

王胡驚得一跳，同時電光石火似的趕快縮了頭，而聽的人又都悚然而且欣然了。從此王胡癩頭癩腦的許多日，並且再不敢走近阿Q的身邊；別的人也一樣。

阿Q這時在未莊人眼睛裏的地位，雖不敢說超過趙太爺，但謂之差不多，大約也就沒有什麼語病的了。

然而不多久，這阿Q的大名忽又傳遍了未莊的閨中。雖然未莊只有錢趙兩姓是大屋，此外十之九都是淺閨，但閨中究竟是閨中，所以也算得一件神異

。女人們見面時一定說，鄒七嫂在阿Q那裏買了一條藍綢裙，舊固然是舊的，但只化了九角錢。還有趙白眼的母親，——說是趙司晨的母親，待考

，——也買了一件孩子穿的大紅洋紗衫，七成新，只用三百大錢九二串。於是伊們都眼巴巴的想見阿Q，缺綢裙的想問他買綢裙，要洋紗衫的想問他買洋紗衫，不但見了不逃避，有時阿Q已經走過了，也還要追上去叫住他，問道：

“阿Q，你還有綢裙麼？沒有？紗衫也要的，有罷？”

後來這終於從淺閨傳進深閨裏去了。因為鄒七嫂得意之餘，將伊的綢裙請趙太太去鑒賞，趙太太又告訴了趙太爺而且著實恭維了一番。趙太爺便在晚飯桌上，和秀才大爺討論，以為阿Q實在有些古怪，我們門窗應該小心些；但他的東西

，不知道可還有什麼可買，也許有點好東西罷。加以趙太太也正想買一件價廉物美的皮背心。於是家族決議，便托鄒七嫂即刻去尋阿Q，而且為此新闢了第三種的例外：這晚上也姑且特准點油燈。

油燈幹了不少了，阿Q還不到。趙府的全眷都很焦急，打著呵欠，或恨阿Q太飄忽，或怨鄒七嫂不上緊。趙太太還怕他因為春天的條件不敢來，而趙太爺以為不足慮：因為這是“我”去叫他的。果然，到底趙太爺有見識，阿Q終於跟著鄒七嫂進來了。

“他只說沒有沒有，我說你自己當面說去，他還要說，我說……”鄒七嫂氣

喘吁吁的走著說。“太爺！”阿Q似笑非笑的叫了一聲，在簷下站住了。

“阿Q，聽說你在外面發財，”趙太爺踱開去，眼睛打量著他的全身，一面說。“那很好，那很好的。這個，……聽說你有些舊東西，……可以都拿來看看，……這也並不是別的，因為我倒要……”

“我對鄒七嫂說過了。都完了。”

“完了？”趙太爺不覺失聲的說，“那裏會完得

這樣快呢？”“那是朋友的，本來不多。他們

買了些，……”

“總該還有一點罷。”

“現在，只剩了一張門幕了。”

“就拿門幕來看看罷。”趙太太慌忙說。

“那麼，明天拿來就是，”趙太爺卻不甚熱心了。“阿Q，你以後有什麼東西的時候，你儘

先送來給我們看，……”“價錢決不會比別家出得少！”秀才說。秀才娘子忙一瞥阿Q的臉

，看他感動了沒有。

“我要一件皮背心。”趙太太說。

阿Q雖然答應著，卻懶洋洋的出去了，也不知道他是否放在心上。這使趙太爺很失望，氣憤而且擔心，至於停止了打呵欠。秀才對於阿Q的態度也很不平，於是說，這忘八蛋要提防，或者不如吩咐地保，不許他住在未莊。但趙太爺以為不然，說這也怕要結怨，況且做這路生意的大概是“老鷹不吃窩下食”，本村倒不必擔心的；只要自己夜裏警醒點就是了。秀才聽了這“庭訓”，非常之以為然，便即刻撤銷了驅逐阿Q的提議，而且叮囑鄒七嫂，請伊千萬不要向人提起這一段話。

但第二日，鄒七嫂便將那藍裙去染了皂，又將阿Q可疑之點傳揚出去了，可是確沒有提起秀才要驅逐他這一節。然而這已經於阿Q很不利。最先，地保尋上門了，取了他的門幕去，阿Q說是趙太太要看的，而地保也不還並且要議定每月的孝敬錢。其次，是村人對於他的敬畏忽而變相了，雖然還不敢來放肆，卻很有遠避的神情，而這神情和先前的防他來“噤”的時候又不同，頗混著“敬而遠之”的分子了。

只有一班閑人們卻還要尋根究底的去探阿Q的底細。阿Q也並不諱飾，傲然的說出他的經驗來。從此他們纔知道，他不過是一個小腳色，不但不能上牆

，並且不能進洞，只站在洞外接東西。有一夜，他剛纔接到一個包，正手再進去，不一會，只聽得裏面大嚷起來，他便趕緊跑，連夜爬出城，逃回未莊來了，從此不敢再去做。然而這故事卻於阿Q更不利，村人對於阿Q的“敬而遠之”者，本因為怕結怨，誰料他不過是一個不敢再偷的偷兒呢？這實在是“斯亦不足畏也矣”。

第七章

革命

宣統三年九月十四日——即阿Q將搭連賣給趙白眼的這一天——三更四點，有一隻大烏篷船到了趙府上的河埠頭。這船從黑魃魃中盪來，鄉下人睡 黷，都沒有知道；出去時將近黎明，卻很有幾個看見的了。據探頭探腦的調查來的結果，知道那竟是舉人老爺的船！

那船便將大不安載給了未莊，不到正午，全村的人心就很動搖。船的使命，趙家本來是很秘密的，但茶坊酒肆裏卻都說，革命黨要進城，舉人老爺到我們鄉下來逃難了。惟有鄒七嫂不以為然，說那不過是幾口破衣箱，舉人老爺想來寄存的，卻已被趙太爺回覆轉去。其實舉人老爺和趙秀才素不相能，在理本不能有“共患難”的情誼，況且鄒七嫂又和趙家是鄰居，見聞較為切近，所以大概該是伊對的。

然而謠言很旺盛，說舉人老爺雖然似乎沒有親到，卻有一封長信，和趙家排了“轉折親”。趙太爺肚裏一輪，覺得於他總不會有壞處，便將箱子留下了，現就塞在太太的床底下。至於革命黨，有的說是便在一夜進了城，個個白盔白甲：穿著崇正皇帝的素。

阿Q的耳朵裏，本來早聽到過革命黨這一句話，今年又親眼見過殺掉革命黨。但他有一種不知從那裏來的意見，以為革命黨便是造反，造反便是與他為難，所以一向是“深惡而痛絕之”的。殊不料這卻使百里聞名的舉人老爺有這樣怕，於是他未免也有些“神往”了，況且未莊的一群烏男女的慌張的神情，也使阿Q更快意。

“革命也好罷，”阿Q想，“革這夥媽媽的的命，太可惡！太可恨！.....便是我，也要投降革命黨了。”

阿Q近來用度窘，大約略略有些不平；加以午間喝了兩碗空肚酒，愈加醉得快，一面想一面走，便又飄飄然起來。不知怎麼一來，忽而似乎革命黨便是自己，未莊人卻都是他的俘虜了。他得意之餘，禁不住大聲的嚷道：

“造反了！造反了！”

未莊人都用了驚懼的眼光對他看。這一種可憐的眼光，是阿Q從來沒有見過的，一見之下，又使他舒服得如六月裏喝了雪水。他更加高興的走而且 喊道：

“好，.....我要什麼就是什麼，我歡喜誰就是誰。得得，鏘鏘！悔不該，酒醉錯斬了鄭賢弟，悔不該，呀呀呀.....得得，鏘鏘，得，鏘令鏘！我手執鋼鞭將你打.....”

趙府上的兩位男人和兩個真本家，也正站在大門口論革命。阿Q沒有見，昂了頭直唱過去。

“得得，.....”

“老Q，”趙太爺怯怯的迎著低聲的叫。

“鏘鏘，”阿Q料不到他的名字會和“老”字聯結起來，以為是一句別的話，與己無幹，只是唱。

“得，鏘，鏘令鏘，鏘！”“老Q。”

“悔不該.....”

“阿Q！”秀才只得直呼其名了。

阿Q這纔站住，歪著頭問道，“什麼？”

“老Q，.....現在.....”趙太爺卻又沒有話，“現在.....

發財麼？”“發財？自然。要什麼就是什麼.....”

“阿.....Q哥，像我們這樣窮朋友是不要緊的.....”趙白眼惴惴的說，似乎想探

革命黨的口風。“窮朋友？你總比我有錢。”阿Q說著自去了。

大家都懔然，沒有話。趙太爺父子回家，晚上商量到點燈。趙白眼回家，便從腰間扯下搭連來，交給他女人藏在箱底裏。阿Q飄飄然的飛了一通，回到土穀祠，酒已經醒透了。這晚上，管祠的老頭子也意外的和氣，請他喝茶；阿Q便向他

了兩個餅，吃完之後，又要了支點過的四兩燭和一個樹燭臺，點起來，獨自躺在自己的小屋裏。他說不出的新鮮而且高興，燭火像元夜似的閃閃的跳，他的思想也迸跳起來了：

“造反？有趣，……來了一陣白盔白甲的革命黨，都拿著板刀，鋼鞭，炸彈，洋炮，三尖兩刃刀，鉤鐮槍，走過土穀祠，叫道，‘阿Q！同去同去！’於是一同去。……

“這時未莊的一夥烏男女纔好笑哩，跪下叫道，‘阿Q，饒命！’誰聽他！第一個該死的是小D和趙太爺，還有秀才，還有假洋鬼子，……留幾條麼？王胡本來還可留，但也不要了。……

“東西，……直走進去打開箱子來：元寶，洋錢，洋紗衫，……秀才娘子的一張寧式床先搬到土穀祠，此外便擺了錢家的桌椅，——或者也就用趙家的罷。自己是不動手的了，叫小D來搬，要搬得快，搬得不快打嘴巴。……

“趙司晨的妹子真醜。鄒七嫂的女兒過幾年再說。假洋鬼子的老婆會和沒有辮子的男人睡覺，嚇，不是好東西！秀才的老婆是眼胞上有疤的。……吳媽長久不見了，不知道在那裏，——可惜腳太大。”

阿Q沒有想得十分停當，已經發了鼾聲，四兩燭還只點去了小半寸，紅焰焰的光照著他張開的嘴。

“荷荷！”阿Q忽而大叫起來，抬了頭倉皇的四顧，待到看見四兩燭，卻又倒頭睡去了。

第二天他起得很遲，走出街上看時，樣樣都照舊。他也仍然肚餓，他想著，想不起什麼來；但他忽而似乎有了主意了，慢慢的跨開步，有意無意的走到靜修庵。

庵和春天時節一樣靜，白的牆壁和漆黑的門。他想了一想，前去打門，一隻狗在裏面叫。他急急拾了幾塊斷磚，再上去較為用力的打，打到黑門上生出許多麻點的時候，纔聽得有人來開門。

阿Q連忙捏好磚頭，擺開馬步，準備和黑狗來開戰。但庵門只開了一條縫，並無黑狗從中衝出，望進去只有一個老尼姑。

“你又來什麼事？”伊大吃一驚的說。

“革命了……你知道？……”阿Q說得很含糊。

“革命革命，革過一革的，……你們要革得我們怎麼樣呢？”老尼姑

兩眼通紅的說。“什麼？……”阿Q詫異了。

“你不知道，他們已經來革

過了！”“誰？……”阿Q更其

詫異了。

“那秀才和洋鬼子！”

阿Q很出意外，不由的一錯愕；老尼姑見他失了銳氣，便飛速的關了門，阿Q再推時，牢不可開，再打時，沒有回答了。

那還是上午的事。趙秀才消息靈，一知道革命黨已在夜間進城，便將辮子盤在頂上，一早去拜訪那歷來也不相能的錢洋鬼子。這是“咸與維新”的時候了，所以他們更覺得投機，立刻成了青蔥合的同志，也相約去革命。他們想而又想，纔出靜修庵裏一塊皇帝萬歲萬歲的龍牌，是德萊緊革的，於是又立刻到庵裏去革命。因為老尼姑來阻擋，說了三句話，他們更將伊當作滿政府，在頭上很給了不少的棍子和栗鑿。尼姑待他們走後，定了神來檢點，龍牌固然已經碎在地上了，而且又不見了觀音娘娘座前的一個宣德爐。

這事阿Q後來纔知道。他頗悔自己睡著，但也深怪他們不來招呼他。他又退一步想道：

“難道他們還沒有知道我已經投降了革命黨麼？”

第八章

不准革命

未莊的人心日見其安靜了。據傳來的消息，知道革命黨雖然進了城，倒還沒有什麼大異樣。知縣大老爺還是原官，不過改稱了什麼，而且舉人老爺也做了什麼——這些名目，未莊人都說不明白——官，帶兵的也還是先前的老把總。只有一件可怕的事是另有幾個不好的革命黨夾在裏面搗亂，第二天便動手剪辮子，聽說那鄰村的航船七斤便著了道兒，弄得不像人樣子了。但這卻還不算大恐怖，因為未莊人本來少上城，即使偶有想進城的，也就立刻變了計，碰不著這危險。阿Q本也想進城去尋他的老朋友，一得這消息，也只得作罷了。

但未莊也不能說是無改革。幾天之後，將辮子盤在頂上的逐漸增加起來了，早經說過，最先自然是茂才公，其次便是趙司晨和趙白眼，後來是阿Q。倘在夏天，大家將辮子盤在頭頂上或者打一個結，本不算什麼稀奇事，但現在是暮秋，所以這“秋行夏令”的情形，在盤辮家不能不說是萬分的英斷，而在未莊也不能說無關於改革了。

趙司晨腦後空蕩蕩的走來，看見的人大嚷說，

“豁，革命黨來了！”

阿Q聽到了很羨慕。他雖然早知道秀才盤辮的大新聞，但總沒有想到自己可以照樣做，現在看見趙司晨也如此，纔有了學樣的意思，定下實行的決心。

他用一支竹筷將辮子盤在頭頂上，遲疑多時，這纔放膽的走去。

他在街上走，人也看他，然而不說什麼話，阿Q當初很不快，後來便很不平。他近來很容易鬧脾氣了；其實他的生活，倒也並不比造反之前反艱難，人見他也客氣，店鋪也不說要現錢。而阿Q總覺得自己太失意：既然革了命，不應該只是這樣的。況且有一回看見小D，愈使他氣破肚皮了。

小D也將辮子盤在頭頂上了，而且也居然用一支竹筷。阿Q萬料不到他也敢這樣做，自己也決不准他這樣做！小D是什麼東西呢？他很想即刻揪住他，拗斷他的竹筷，放下他的辮子，並且批他幾個嘴巴，聊且懲罰他忘了生辰八字，也敢來做革命黨的罪。但他終於饒放了，單是怒目而視的吐一口唾沫道“呸！”

這幾日裏，進城去的只有一個假洋鬼子。趙秀才本也想靠著寄存箱子的淵源，親身去拜訪舉人老爺的，但因為有剪辮的危險，所以也中止了。他寫了一封“黃傘格”的信，托假洋鬼子帶上城，而且托他給自己介紹介紹，去進自由黨。假洋鬼子回來時，向秀才討還了四塊洋錢，秀才便有一塊銀桃子掛在大襟上了；未莊人都佩服，說是柿油黨的頂子，搵得一個翰林；趙太爺因此也驟然大闊，遠勝他兒子初為秀才的時候，所以目空一切，見了阿Q，也就很有些不放在眼裏了。

阿Q正在不平，又時時刻刻感著冷落，一聽得這銀桃子的傳說，他立即悟出自己之所以冷落的原因了：要革命，單說投降，是不行的；盤上辮子，也不行的；第一著仍然要和革命黨去結識。他生平所知道的革命黨只有兩個，城裏的一個早已“嚟”的殺掉了，現在只剩了一個假洋鬼子。他除卻趕緊去和假洋鬼子商量之外，再沒有別的道路了。

錢府的大門正開著，阿Q便怯怯的躡進去。他一到裏面，很吃了驚，只見假洋鬼子正站在院子的中央，一身烏黑的大約是洋衣，身上也掛著一塊銀 榔，手裏是阿Q曾經領教過的棍子，已經留到一尺多長的辮子都拆開了披在肩背上，蓬頭散髮的像一個劉海仙。對面挺直的站著趙白眼和三個閑人，正在必恭必敬的聽說話。

阿Q輕輕的走近了，站在趙白眼的背後，心裏想招呼，卻不知道怎麼說纔好：叫他假洋鬼子固然是不行的了，洋人也不妥，革命黨也不妥，或者就應該叫洋先生了罷。

洋先生卻沒有見他，因為白著眼睛講得正起勁：

“我是性急的，所以我們見面，我總是說：洪哥！我們動手罷！他卻總說道No！——這是洋話，你們不懂的。否則早已成功了。然而這正是他做事小心的地方。他再三再四的請我上湖北，我還沒有肯。誰願意在這小縣城裏做事情。……”

“唔，……這個……”阿Q候他略停，終於用十二分的勇氣開口了，但不知道因為什麼，又

並不叫他洋先生。聽著說話的四個人都吃驚的回顧他。洋先生也纔看見：

“什麼？”

“我……”

“出去！”

“我要投……”

“滾出去！”洋先生揚起哭喪棒來了。

趙白眼和閑人們便都吆喝道：“先生叫你滾出去，你還不聽麼！”

阿Q將手向頭上一遮，不自覺的逃出門外；洋先生倒也沒有追。他快跑了六十多步，這纔慢慢的走，於是心裏便湧起了憂愁：洋先生不准他革命，他再沒有別的路；從此決不能望有白盔白甲的人來叫他，他所有的抱負，志向，希望，前程，全被一筆勾銷了。至於閑人們傳揚開去，給小D王胡等輩笑話，倒是還在其次的事。

他似乎從來沒有經驗過這樣的無聊。他對於自己的盤辮子，仿佛也覺得無意味，要侮蔑；為報仇起見，很想立刻放下辮子來，但也沒有竟放。他遊到夜間，賒了兩碗酒，喝下肚去，漸漸的高興起來了，思想裏纔又出現白盔白甲的碎片。

有一天，他照例的混到夜深，待酒店要關門，纔踱

回土穀祠去。拍，吧～～！

他忽而聽得一種異樣的聲音，又不是爆竹。阿Q本來是愛看熱鬧，愛管閑事的，便在暗中直尋過去。似乎前面有些腳步聲；他正聽，猛然間一個人從對面逃來了。阿Q一看見，便趕緊翻身跟著逃。那人轉彎，阿Q也轉彎，那人站住了，阿Q也站住。他看後面並無什麼，看那人便是小D。

“什麼？”阿Q不平起來了。

“趙……趙家遭搶了！”小D氣喘吁吁的說。

阿Q的心怦怦的跳了。小D說了便走；阿Q卻逃而又停的兩三回。但他究竟是做過“這路生意”，格外膽大，於是躡出路角，仔細的聽，似乎有些嚷嚷，又仔細的看，似乎許多白盔白甲的人，絡繹的將箱子抬出了，器具抬出了，秀才娘子的寧式床也抬出了，但是不分明，他還想上前，兩隻腳卻沒有動。

這一夜沒有月，未莊在黑暗裏很寂靜，寂靜到像羲皇時候一般太平。阿Q站著看到自己發煩，也似乎還是先前一樣，在那裏來來往往的搬，箱子抬出，器具抬出了，秀才娘子的寧式床也抬出了，……抬得他自己有些不信他的眼睛了。但他決計不再上前，卻回到自己的祠裏去了。

土穀祠裏更漆黑；他關好大門，摸進自己的屋子裏。他躺了好一會，這纔定了神，而且發出關於自己的思想來：白盔白甲的人明明到了，並不來打招呼，搬了許多好東西，又沒有自己的份，——這全是假洋鬼子可惡，不准我造反，否則，這次何至於沒有我的份呢？阿Q越想越氣，終於禁不住滿心痛恨起來，毒毒的點一點頭：“不准我造反，只准你造反？媽媽的假洋鬼子，——好，你造反！造反是殺頭的罪名呵，我總要告一狀，看你抓進縣裏去殺頭——滿門抄斬，——嚟！嚟！”

第九章

大團圓

趙家遭搶之後，未莊人大抵很快意而且恐慌，阿Q也很快意而且恐慌。但四天之後，阿Q在半夜裏忽被抓進縣城裏去了。那時恰是暗夜，一隊兵，一團丁，一隊員警，五個偵探，悄悄地到了未莊，乘昏暗圍住土穀祠，正對門架好機關槍；然而阿Q不衝出。許多時沒有動靜，把總焦急起來了，懸了二十千的賞，纔有兩個團丁冒了險，逾垣進去，裏應外合，一擁而入，將阿Q抓出來；直待擒出祠外面的機關槍左近，他纔有些清醒了。

到進城，已經是正午，阿Q見自己被擡進一所破衙門，轉了五六個彎，便推在一間小屋裏。他剛剛一蹣跚，那用整株的木料做成的柵欄門便跟著他的

腳跟闖上了，其餘的三面都是牆壁，仔細看時，屋角上還有兩個人。

阿Q雖然有些忐忑，卻並不很苦悶，因為他那土穀祠裏的臥室，也並沒有比這間屋子更高明。那兩個也仿佛是鄉下人，漸漸和他兜搭起來了，一個說是舉人老爺要追他祖父欠下來的陳租，一個不知道為了什麼事。他們問阿Q，阿Q爽利的答道，“因為我想造反。”

他下半年便又被抓出柵欄門去了，到得大堂，上面坐著一個滿頭剃得精光的老頭子。阿Q疑心他是和尚，但看見下面站著一排兵，兩旁又站著十幾個長衫人物，也有滿頭剃得精光像這老頭子的，也有將一尺來長的頭髮披在背後，假鬼子的，都是一臉黃肉，怒目視看他；他曉得這人有些來歷，膝關節立刻自然而然的寬鬆，便跪了下去了。

“站著說！不要跪！”長衫人物都吆喝說。

阿Q雖然似乎懂得，但總覺得站不住，身不由己的蹲了下去，而且終於趁勢改為跪下了。

“奴隸性！……”長衫人物又鄙夷似的說，但也沒有叫他起來。

“你從實招來罷，免得吃苦。我早都知道了。招了可以放你。”那光頭的老頭子看定了阿Q的

臉，沉靜的清楚的說。“招罷！”長衫人物也大聲說。

“我本來要……來投……”阿Q胡裏胡塗的想了一通，這纔斷

斷續續的說。“那麼，為什麼不來的呢？”老頭子和氣的問

。

“假洋鬼子不准我！”

“胡說！此刻說，也遲了。現在你的同黨

在那裏？”“什麼？……”

“那一晚打劫趙家的一夥人。”

“他們沒有來叫我。他們自己搬走了。”阿Q提

起來便憤憤。“走到那裏去了呢？說出來便放你

了。”老頭子更和氣了。“我不知道，……他們

沒有來叫我……”

然而老頭子使了一個眼色，阿Q便又被抓進柵欄門裏了。他第二次抓出柵欄門

，是第二天的上午。大堂的情形都照舊。上面仍然坐著光頭的老頭子，阿Q也仍然下了跪。

老頭子和氣的問道，“你還有什麼

話說麼？”阿Q一想，沒有話，

便回答說，“沒有。”

於是一個長衫人物拿了一張紙，並一支筆送到阿Q的面前，要將筆塞在他手裏。阿Q這時很吃驚，幾乎“魂飛魄散”了：因為他的手和筆相關，這回是 被。他正不知怎樣拿；那人卻又指著一處地方教他畫花押。

“我……我……不認得字。”阿Q一把抓住了筆，惶恐而且

慚愧的說。“那麼，便宜你，畫一個圓圈！”

阿Q要畫圓圈了，那手捏著筆卻只是抖。於是那人替他將紙鋪在地上，阿Q伏下去，使盡了平生的力氣畫圓圈。他生怕被人笑話，立志要畫得圓，但這可惡的筆不但很沉重，並且不聽話，剛剛一抖一抖的幾乎要合縫，卻又向外一聳，畫成瓜子模樣了。

阿Q正羞愧自己畫得不圓，那人卻不計較，早已掣了紙筆去，許多人又將他第二次抓進柵欄門。

他第二次進了柵欄，倒也並不十分懊惱。他以為人生天地之間，大約本來有時要抓進抓出，有時要在紙上畫圓圈的，惟有圈而不圓，卻是他“行狀”上的一個汙點。但不多時也就釋然了，他想：孫子纔畫得很圓的圓圈呢。於是他睡著了。

然而這一夜，舉人老爺反而不能睡：他和把總嘔了氣了。舉人老爺主張第一要追贓，把總主張第一要示眾。把總近來很不將舉人老爺放在眼裏了，

拍案打凳的說道，“懲一儆百！你看，我做革命黨還不上二十天，搶案就是十幾件，全不破案，我的面子在那裏？破了案，你又來迂。不成！這是我管的

！”舉人老爺窘急了，然而還堅持，說是倘若不追贓，他便立刻辭了幫辦民政的職務。而把總卻道，“請便罷！”於是舉人老爺在這一夜竟沒有睡，但第二天倒也沒有辭。

阿Q第三次抓出柵欄門的時候，便是舉人老爺睡不著的那一夜的明天的上午了。他到了大堂，上面還坐著照例的光頭老頭子；阿Q也照例的下了跪。老頭子很和氣的問道，“你還有什麼話麼？”

阿Q一想，沒有話，便回答說，“沒有。”

許多長衫和短衫人物，忽然給他穿上一件洋布的白背心，上面有些黑字。阿Q很氣苦：因為這很像是帶孝，而帶孝是晦氣的。然而同時他的兩手反縛，同時又被一直抓出衙門外去了。

阿Q被抬上了一輛沒有蓬的車，幾個短衣人物也和他同坐在一處。這車立刻走動了，前面是一班背著洋炮的兵們和團丁，兩旁是許多張著嘴的看客，後面怎樣，阿Q沒有見。但他突然覺到了：這豈不是去殺頭麼？他一急，兩眼發黑，耳朵裏啞的一聲，似乎發昏了。然而他又沒有全發昏，有時雖然著急，有時卻也泰然；他意思之間，似乎覺得人生天地間，大約本來有時也未免要殺頭的。

他還認得路，於是有些詫異了：怎麼不向著法場走呢？他不知道這是在遊街，在示眾。但即使知道也一樣，他不過便以為人生天地間，大約本來有時也未免要遊街要示眾罷了。

他省悟了，這是繞到法場去的路，這一定是“嚟”的去殺頭。他惘惘的向左右看，全跟著馬蟻似的人，而在無意中，卻在路旁的人叢中發見了一個吳媽

。很久遠，伊原來在城裏做工了。阿Q忽然很羞愧自己沒志氣：竟沒有唱幾句戲。他的思想仿佛旋風似的在腦裏一迴旋：《小孤孀上墳》欠堂皇，《龍虎鬥》裏的“悔不該……”也太乏，還是“手執鋼鞭將你打”罷。他同時想手一揚，纔記得這兩手原來都捆著，於是“手執鋼鞭”也不唱了。

“過了二十年又是一個……”阿Q在百忙中，“無師自通”的說出半句

從來不說的話。“好！！！”從人叢裏，便發出豺狼的嗥叫一般

的聲音來。

車子不住的前行，阿Q在喝采聲中，輪轉眼睛去看吳媽，似乎伊一向並沒有見他，卻只是出神

的看著兵們背上的洋炮。阿Q於是再看那些喝采的人們。

這剎那中，他的思想又仿佛旋風似的在腦裏一迴旋了。四年之前，他曾在山腳下遇見一隻餓狼，永是不近不遠的跟他，要吃他的肉。他那時嚇得幾乎要死，幸而手裏有一柄斫柴刀，纔得仗這壯了膽，支持到末莊；可是永遠記得那狼眼睛，又凶又怯，閃閃的像兩顆鬼火，似乎遠遠的來穿透了他的皮肉。而這回他又看見從來沒有見過的更可怕的眼睛了，又鈍又鋒利，不但已經咀嚼了他的話，並且還要咀嚼他皮肉以外的東西，永是不近不遠的跟他走。

這些眼睛們似乎連成一氣，已經在那裏咬他的靈魂。

“救命，……”

然而阿Q沒有說。他早就兩眼發黑，耳朵裏嗡的一聲，覺得全身仿佛微塵似的迸散了。

至於當時的影響，最大的倒反在舉人老爺，因為終於沒有追贓，他全家都號啕了。其次是趙府，非特秀才因為上城去報官，被不好的革命黨剪了辮子

，而且又破費了二十千的賞錢，所以全家也號啕了。從這一天以來，他們便漸漸的都發生了遺老的氣味。

至於輿論，在未莊是無異議，自然都說阿Q壞，被槍斃便是他的壞的證據：不壞又何至於被槍斃呢？而城裏的輿論卻不佳，他們多半不滿足，以為槍斃並無殺頭這般好看；而且那是怎樣的一個可笑的死囚呵，游了那麼久的街，竟沒有唱一句戲：他們白跟一趟了。

一九二一年十二月。

- 1 第一章 序
- 2 第二章 優勝紀略
- 3 第三章 續優勝記略
- 4 第四章 戀愛的悲劇
- 5 第五章 生計問題
- 6 第六章 從中興到末路
- 7 第七章 革命
- 8 第八章 不准革命
- 9 第九章 大團圓

